

María Clara Ruiz

**ADAPTAÇÕES LOCAIS DE UM TESOURO UNIVERSAL:  
ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS VERSÕES DE UMA  
ENCICLOPÉDIA INFANTO-JUVENIL DE INÍCIOS DO SÉCULO XX**

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação

2012

María Clara Ruiz

**ADAPTAÇÕES LOCAIS DE UM TESOURO UNIVERSAL:  
ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS VERSÕES DE UMA  
ENCICLOPÉDIA INFANTO-JUVENIL DE INÍCIOS DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

**Linha de Pesquisa:** História da Educação.

**Orientador:** Bernardo Jefferson de Oliveira

**Belo Horizonte**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação

2012



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Dissertação intitulada Adaptações locais de um tesouro universal: análise comparativa de duas versões de uma enciclopédia infanto-juvenil de inícios do século XX, de autoria da mestrandia María Clara Ruiz, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira – Orientador  
(FAE/UFMG)

---

Profa. Dra. Ana Carolina Vimiero Gomes  
(FAFICH/UFMG)

---

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda Oliveira  
(FAE/UFMG)

---

Profa. Dra. Betânia Gonçalves Figueiredo (Suplente externa)  
(FAFICH/UFMG)

---

Profa. Dra. Maria Cristina Soares Gouveia (Suplente interna)  
(FAE/UFMG)

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2012.

*A Luiz*

## AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação tem sido para mim um grande desafio, não apenas profissional, mas pessoal. Vivenciei com plenitude este mestrado, desde o momento mesmo da seleção, e guardo comigo lições e lembranças que me fizeram crescer e conhecer-me.

Agradeço ao meu orientador Bernardo, principalmente pela oportunidade dada, mas também pela confiança, a paciência, e por me facilitar enormemente o acesso às enciclopédias.

À Ana Galvão, porque seu parecer do projeto de pesquisa me orientou a repensar o trabalho e me brindou ferramentas valiosas para encaminhar a análise.

À Ana Carolina Vimiero, pelas preciosas críticas e orientações dadas na qualificação. Foram sem dúvidas fundamentais para a realização do trabalho.

Aos professores com os quais cursei disciplinas: Cynthia Greive, Thaís Nívia de Lima e Fonseca, e Marcus Taborda, porque os intercâmbios nas aulas contribuíram em grande medida na pesquisa, e na minha formação profissional.

Sou grata também aos meus colegas e amigos, Flávia, Cassia, Solyane, Juliana, Rodrigo, Lucas, Eduardo, Leonardo, pelos intercâmbios acadêmicos, mas principalmente pelos não acadêmicos, e pelo carinho com o qual me acolheram. Quero agradecer especialmente a Catarina, pelo carinho com o qual me ajudou com o projeto, os artigos escritos, pelas indicações bibliográficas e por compartilhar comigo a sua experiência de pesquisa.

Agradeço à Kelly, pois sem a sua colaboração na montagem e organização da base de dados, o trabalho teria sido simplesmente impossível. Sou grata a ela pelo profissionalismo, mas principalmente pelo afeto com o qual se involucrou no trabalho.

Também à Cristina, quem me ajudou com minhas limitações no português, pelo trabalho atento e diligente.

Sou enormemente grata aos meus pais, Nildo e Matilde, por me auxiliarem nas viagens que precisei fazer à Argentina a consulta da enciclopédia, mas também pelo incentivo constante, pelo voto de confiança, e pelo amor. Às minhas irmãs Laly e July por aguantarem minhas “*peroratas*” sobre a dissertação, e pelas conversas de ânimo. Às minhas amigas Julia e Marcela, por acompanharem minhas angústias e me darem força principalmente no trecho final.

Finalmente, mas não menos importante, agradeço a Luiz, meu esposo, companheiro e amigo, pela contribuição com seu olhar de “cientista”, mas principalmente pelo apoio incondicional, e por ter sido parte deste processo a cada passo.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar comparativamente as primeiras edições das enciclopédias *Thesouro da Juventude* (versão em português) e *El Tesoro de la Juventud* (versão em espanhol), datadas da década de 1920, sem precisão do ano. Assim como em outros vários países do mundo, no Brasil e na Argentina, essas traduções da enciclopédia *The Book of Knowledge* tiveram enorme sucesso editorial. Embora fossem parte de um mesmo projeto editorial – organizado pela empresa norte-americana –, um ponto de interrogação se abre ao se pensar em até que ponto a enciclopédia original teve de se transformar para se adaptar aos diferentes contextos. Uma questão central para se compreender a História do conhecimento é sua difusão e as estratégias e soluções que se encontram localmente. Um empreendimento internacional e inaugural como esse é um caso excelente para se examinar o processo de difusão e reapropriação do conhecimento. Como veremos, grande parte dos assuntos tratados – principalmente aqueles relacionados às ciências naturais e à tecnologia – foi traduzida sem maiores alterações nas duas versões, o que contribuiu para universalizar conhecimentos produzidos em outros locais, como também universalizar representações que influenciariam na formação da cultura geral e científica dos leitores. No entanto, é possível observar pequenas adaptações, produto das decisões editoriais, tanto na seleção dos textos da versão original quanto na inclusão de outros particulares, mais atrativos e interessantes para o espaço de circulação de cada versão. Ao mesmo tempo, textos iguais podem conter diferentes enfoques, ênfases e omissões que outorgam para cada caso colorações diferentes no tratamento de determinados temas. Ao se tratar de conteúdos, como História, Geografia e Literatura, as adaptações se tornaram mais evidentes. Percebemos aqui especialmente uma centralidade dada à realidade brasileira na versão em português; enquanto que, sendo a versão em espanhol comum a diversos países latino-americanos, as decisões editoriais tiveram de tecer diferentes arranjos para que a adaptação da obra ficasse atrativa para todos os países onde seria lida.

**Palavras-chave:** Circulação do conhecimento – Adaptações – Representações – Enciclopédias

## ABSTRACT

The present work aims at analyzing comparatively the first editions of *Thesouro da Juventude* and *El Tesoro de La Juventud* encyclopedias, dated inaccurately from the 1920's decade. As well as in other various countries of the world, the translations of *The Book of Knowledge* encyclopedia had huge editorial success in Brazil and Argentina. Although they were part of the same editorial project – organized by the North American editorial company – a question mark comes up to the thought of to what extent the original encyclopedia had to change to adjust itself to different contexts. A main question made so as to understand the history of knowledge is its diffusion and the strategies and solutions found locally. Such international and inaugural venture is a remarkable case to examine the diffusion process and knowledge reappropriation. As we will observe, most part of subjects discussed – mainly the ones related to Natural Sciences and technology – was translated without major changes in the two versions, which contributes to universalizing knowledge produced in other places, as well as universalizing representations that would influence the readers' general and scientific culture adjusting. However, it is possible to observe small alterations, product of editorial decisions, either in the original version texts selection, or in the addition of other matters, more attractive and interesting to the distribution space of each version. At the same time, equivalent texts may contain different focuses, emphasis and omissions which provide each case with different perceptions in the addressing of certain themes. On the other hand, when dealing with themes such as History, Geography and Literature, the adaptations become more evident. We notice then, specially, the centralization given to Brazilian reality in the Portuguese version, and at the same time, being the Spanish version common to many Latin American countries, the editorial decisions had to perform different adjustments so that the adaptation of the work can be more attractive to all countries in which it would be read.

Key Words: Knowledge spreading – Adjustments – Representations – Encyclopedias

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1: Mostra a página de abertura do Tesouro da Juventude à esquerda, e do El Tesoro de la Juventud à direita. ....	38
Figura 2: Exemplo de ilustração colorida repetida nas três versões.....	43
Figura 3: “Por qué los cristales de aumento amplifican los objetos” .....	53
Figura 4: “Experiências caseiras com ar e água” .....	66
Figura 5: Exemplo de lições de francês.....	68
Figura 6: Mostra comparativamente as taxas de analfabetismo na Argentina e no Brasil, para a população com 15 anos o mais, dentre os anos 1900 a 1995.....	99

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 Mostra as correspondências das seções entre as versões.....	40
Tabela 2 Mostra comparativamente os artigos das seções O Livro da Terra nas três versões, e a sequência em que se encontram nos volumes 1 a 5. ....	47

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: O livro da Natureza. ....	51
Gráfico 2: Temas tratados nos Livros dos Porquês. ....	55
Gráfico 3: Temas tratados nas seções Cousas que devemos saber.....	57
Gráfico 4: Cousas que devemos saber.....	58
Gráfico 5: Cousas que podemos fazer. ....	63
Gráfico 6: Temas tratados nas seções Cousas que podemos fazer e Juegos y Pasatiempos. ....	65
Gráfico 7: Os Livros Famosos.....	71

Gráfico 8: O Livro dos Contos. ....	73
Gráfico 9: O Livro das Bellas Acções. ....	76
Gráfico 10: Homens e mulheres célebres. ....	77
Gráfico 11: Porcentagem de Homens e mulheres célebres por área de atuação. ....	79
Gráfico 12: Porcentagem de Homens e mulheres célebres por lugar de origem.....	80
Gráfico 13: Mostra a porcentagem de Homens e mulheres célebres por lugar de origem, por versão. ....	81
Gráfico 14: Porcentagens das áreas geográficas tratadas na seção Los países y sus costumbres, da versão El Tesoro de la Juventud. ....	85
Gráfico 15: Porcentagens das áreas geográficas tratadas na seção O Livro do Velho Mundo, da versão Thesouro da Juventude. ....	85
Gráfico 16: O Livro do Velho Mundo e Los países y sus costumbres.....	86
Gráfico 17: O Livro do Novo Mundo e El Libro de la América Latina.....	89
Gráfico 18: Porcentagem de artigos dedicados a cada país, na seção O Livro do Novo Mundo, na versão Thesouro da Juventude. ....	90
Gráfico 19: Porcentagem de artigos dedicados a cada país, na seção El libro de la América Latina, na versão El Tesoro de la Juventud. ....	90
Gráfico 20: Porcentagem por área temática na versão em espanhol .....	100
Gráfico 21: Porcentagem por área temática na versão em português.....	101

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Sobre a forma de trabalho.....	20
CAPÍTULO 1 Representações da Ciência: universalidade e os questionamentos da história sociocultural do conhecimento .....	23
História social e cultural do conhecimento.....	26
Enciclopédias e a difusão da ciência .....	29
Considerações acerca do Thesouro e El Tesoro como difusores de cultura científica... 33	
CAPÍTULO 2 Um tesouro universal? .....	36
O(s) Tesouro(s) por seções .....	45
1. As ciências naturais .....	45
1.1. O Livro da Terra.....	47
1.2. O Livro da nossa vida.....	48
1.3. O Livro da Natureza .....	49
2. Um mundo de curiosidades.....	52
3. Quais são as coisas que “devemos saber”? .....	55
4. Como tirar bom proveito do tempo livre: recreios agradáveis e produtivos .....	62
4.1. <i>Cousas</i> que podemos fazer .....	62
4.2. As Lições Atraentes.....	66
5. Literatura.....	68
5.1. Os Livros Famosos .....	69
5.2. O Livro dos contos .....	71
5.3. O livro da poesia.....	73
6. O livro das <i>Bellas Ações</i> .....	74
7. Os homens e mulheres célebres .....	77

8. Ciências sociais.....	83
8.1. O Livro do Velho Mundo e <i>Los países y sus costumbres</i> .....	83
8.2. O Livro do Novo Mundo e <i>El Libro de la América Latina</i> .....	87
CAPÍTULO 3 O maravilhoso mundo do “Tesouro” .....	95
Argentina e Brasil: espaços propícios para acolher a empresa editorial dos “Tesouros”	95
As representações compartilhadas .....	99
Representações que diferem .....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	117
REFERÊNCIAS .....	122

## INTRODUÇÃO

O *Thesouro da Juventude* se apresenta como uma enciclopédia que reúne todos os conhecimentos que todas as pessoas cultas necessitam saber, oferecendo-os em forma adequada para o proveito e entretenimento de crianças e jovens. Em diversos países foi a primeira enciclopédia para leitores infantis da qual se tem notícia. Foi traduzida e adaptada para diversas línguas a partir da edição norte-americana *The Book of Knowledge*, editada por M. W. Jackson em 1910. Trata-se, por sua vez, de uma compilação melhorada de um periódico inglês para crianças, intitulado *Children's newspaper*, publicado por Arthur Mee em 1908.

Tempo depois esse sucesso editorial foi publicado e vendido em diferentes países. No final de 1920, edições do *The Book of Knowledge* já eram publicadas em italiano, francês, espanhol, russo, chinês, e português. Nessas publicações muito do conteúdo original foi mantido, e outro tanto selecionado, suprimido ou adaptado, segundo os critérios dos compiladores e distribuidores. Têm-se notícias da sua ampla circulação pela América do Sul. Ainda hoje, em países como Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, México e Peru, podem ser encontrados exemplares, em bibliotecas particulares e públicas, escolas, sebos, à venda via internet, etc.

Embora fossem parte do mesmo projeto editorial – organizado pela empresa editorial norte-americana –, um signo de interrogação se abre ao pensar até que ponto a enciclopédia original teve que se transformar para adaptar-se a diferentes contextos. Uma questão central para se compreender a história do conhecimento é sua difusão e as estratégias e soluções particulares que se encontram para cada local. Um empreendimento internacional e inaugural como esse é um excelente caso para se analisar o processo de difusão e reapropriação do conhecimento.

Para isso, propomos analisar comparativamente a primeira edição da enciclopédia nas versões em espanhol (*El Tesoro de la Juventud*) e português (*Thesouro da Juventude*). A mesma edição em inglês servirá de marco referencial para essa comparação, conferindo a repetição, ou não, de certos conteúdos. Assim, observaremos tanto a circulação destes e as possíveis adaptações quanto os conteúdos particulares de cada versão, resultados das decisões editoriais.

Em geral, a ciência tem sido considerada o caminho privilegiado ao conhecimento do mundo, “o saber” por excelência, dadas a rigorosidade do seu método e aplicabilidade universal das suas leis. No entanto, atualmente, historiadores da ciência refletem acerca de que características atribuídas ao conhecimento científico, como “verdadeiro em qualquer parte” e compreendido por todos “nos mesmos termos”, não seja um bom ponto de partida para a análise histórica do conhecimento e afirmam, descreditando a suposta objetividade e universalidade, que o conhecimento é socialmente produzido através de interações historicamente situadas. No primeiro capítulo aprofundaremos nesta, e em outras discussões afins.

Portanto, partimos da hipótese que, em um empreendimento editorial dessa natureza, os conteúdos científicos e tecnológicos seriam os de menor variação de um lugar para outro, entretanto comprovaremos que existem também nestes textos pequenas adaptações e variações para cada versão. Por outro lado, as seções da enciclopédia sobre grandes feitos, personagens, assuntos históricos e geográficos mostrariam maior variação na escolha dos textos, nas ênfases, nos focos e tratamentos, pois estariam mais sujeitas aos contextos nacionais ou regionais. Percebemos aqui, sobretudo, a centralidade dada à realidade brasileira na versão em português e que, por outro lado, sendo a versão em espanhol comum a diversos países latino-americanos, seus editores tiveram que tecer diferentes arranjos para que a adaptação da obra ficasse atrativa para

todos os países onde esta seria lida. Essa comparação detalhada será desenvolvida no segundo capítulo.

Ao mesmo tempo, tentaremos mostrar que, mesmo não se tratando de uma coleção que tenha como objetivo explícito a divulgação científica e, sim, a difusão da cultura média geral<sup>1</sup>, acreditamos que seus conteúdos e as representações que comportam, contribuíram, direta ou indiretamente, para a formação de uma cultura científica. Como veremos, nos países por onde a obra circulou – especialmente no Brasil e na Argentina, que focamos nesta análise –, a elite intelectual encontrou na ciência uma fonte de explicação para quase todos os fenômenos, naturais e sociais, e também respaldo e legitimidade para o ideário de progresso e civilização, com as respectivas ações a serem colocadas em prática. A obra parece ter harmonizado muito bem com este “clima de ideias” da época, o que teria propiciado a sua acolhida. Sem pretender desenvolver um estudo em si das histórias nacionais desses países, intentaremos situar brevemente, no terceiro capítulo, algumas referências sobre processos históricos e realidades locais, marcando semelhanças e diferenças que nos permitam estabelecer um diálogo com a comparação feita no capítulo prévio, para tentar compreender as escolhas em ambas as publicações.

Abrimos um parêntese aqui para assinalar de início que analisaremos as primeiras edições, consideradas datadas de 1920, pois estes livros raramente registram data de publicação, especialmente os mais antigos. Deduzimos que nossas coleções – objeto de análise aqui – correspondam a essa data por certas informações encontradas em alguns textos, como certos acontecimentos, descobertas, fotografias datadas, etc.

---

<sup>1</sup> O apresentador Miguel de Unamuno (sua introdução foi incluída nas duas versões que estamos estudando) afirma que ali estão reunidos todos os conhecimentos que toda pessoa ilustrada precisa conhecer, sugerindo que equivaleria a um bacharelado.

Tampouco foram encontrados dados precisos sobre o número de publicações e tiragem. Essa lacuna foi também marcada por outros autores que se dedicaram à pesquisa sobre a própria enciclopédia ou utilizaram-na como fonte para outras investigações.

No entanto, existem evidências da importância dessa coleção. Observamos que bibliotecas públicas e escolares têm esses volumes como parte do acervo. Aqui, em geral, os exemplares foram doados por professores ou famílias próximas das instituições, para os quais possuir a obra em conjunto era um notável símbolo de capital cultural.

Ao mesmo tempo, há referências à enciclopédia em obras famosas da literatura latino-americana, como *El amor en los tiempos del cólera*, romance de 1985, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, ou um conto do argentino Julio Cortázar no livro *Ultimo Round* (1969), intitulado *El Tesoro de la Juventud*, denotando em geral sua importância para gerações inteiras de leitores. Na obra citada de Gabriel García Márquez – romance com cenário numa cidade da América Latina entre finais do século XIX e inícios do XX – o personagem principal, Florentino Ariza, filho ilegítimo que anseia o amor de uma garota da classe alta, lê desde a primeira até a última página dos 20 volumes do *El Tesoro de la Juventud*, nas suas horas de solidão e dores de amor. Já o conto de Cortázar – que na versão da editora Siglo XXI vem acompanhado por gravuras de antigos meios de locomoção – nos traz um olhar irônico e até apreensivo acerca do desenvolvimento científico e tecnológico. Narra os processos de descoberta e invenção, traçando o caminho de avanços e progressos cronologicamente inversos: desde os jatos, aviões mais velozes, passando pelos de hélice, lhe seguem a conquista do solo com os trens e a continuação com as carretas – veículos que não contaminavam o ar com fumaça de petróleo ou carvão e permitiam admirar as paisagens. A seguir, aparece a

bicicleta, “último elo do progresso científico”, até que não se demorou em inventar o meio de viagem incomparável: andar a pé. Com a navegação relata um percurso similar. Começando com os grandes vapores, depois a navegação à vela, mais tarde, com esforço dos engenheiros, chegou-se ao remo como forma mais avantajada de propulsar as naves, até que finalmente os avanços técnicos proporcionaram o nado como o método mais seguro e aperfeiçoado para se locomover na água. E acaba concluindo que pedestres e nadadores são o corolário da pirâmide científica.

Ainda de forma similar, marcas deixadas no cotidiano são evidenciadas na música *Tesouro da Juventude* (de Tavinho de Moura e Murilo Antunes) que nos versos “a pedalar, camisa aberta no peito, passeio macio, levo na bicicleta o meu tesouro da juventude”, remete nostalgicamente aos dias da infância.

Desde uma experiência pessoal que mistura ficção e verdade, o editor Luiz Schwarcz lança pela Companhia das Letrinhas, em 2003, *Em busca do Tesouro da Juventude*. Trata-se de um livro sobre a aventura da imaginação que conta a história de um menino que lê com sua mãe o *Tesouro da Juventude* e fica fascinado com suas narrações.

Por sua vez, pelo que conhecemos, esta coleção tem sido objeto de outras pesquisas, com objetivos variados. Os trabalhos de Bernardo de Oliveira (2002; 2008) têm se orientado a observar, em linhas gerais, a divulgação das ciências, a educação científica, a formação do imaginário científico e a cientificização da cultura.

Outros, como o trabalho de Leonor Riesco (2008) indagam acerca da “ideia de mundo”, e as representações nela envolvidas, que a enciclopédia expõe ao público infantil através de seus conteúdos, situando-se no Chile, no início do século XX.

Élida Sonzogni (2011) aportou um capítulo a um livro que reúne investigações sobre a vida pública e a trajetória do argentino Estanislao Severo Zeballos, em que

analisa assim *El tesoro de la Juventud*, como proposta editorial na qual Zeballos é o encarregado de escrever a introdução, os textos sobre Argentina, e atuou também como compilador da obra.

A enciclopédia também tem sido objeto de dissertações de mestrado, como é o caso de Fabián Rossini<sup>2</sup> que, em linhas gerais, analisa a ideia de raça e o discurso racista nos textos da enciclopédia em espanhol; e o de Kelly Keiko Koti Dias<sup>3</sup>, que em uma pesquisa ainda em andamento analisa a narrativa histórica adotada pela coleção, e indaga acerca de possíveis influências das políticas educacionais e transformações nas práticas de ensino no Brasil, na primeira metade do século XX.

Atualmente são numerosos os *blogs* de particulares, as notas jornalísticas e as notas de opinião (em espanhol e português, quase com a mesma intensidade) que tratam especialmente sobre a enciclopédia. Em muitos *blogs* são citados textos completos ou fragmentos. Em alguns casos, a organização segue a sequência das seções da enciclopédia, e até os *layouts* são mantidos. Outro tipo é aquele que conta as experiências de leitura, a grande maioria relembrando com nostalgia as horas de entretenimento, os momentos mágicos e a fascinação que a coleção proporcionou na infância e adolescência. Uns entusiasmados com os relatos de países exóticos, outros com os contos, alguns com as maravilhas das descobertas científicas, etc. Percebe-se muitas vezes, nos *blogs* e nos comentários dos seus seguidores, uma valoração muito positiva da obra, mesmo entendendo que hoje ela esteja ultrapassada. Alguns outros, com olhares mais críticos, mencionam uma tendência racista ou nacionalista de algumas páginas, matizando um pouco essa valoração, mas sem por isto lhe restar importância. É

---

<sup>2</sup> Rossini, Fabián. Lo que leen los chicos: Raza y racismo desde comienzos del siglo XX en la enciclopedia El Tesoro de la Juventud. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidad de San Andrés, com orientação da Dra. Silvina Gvirtz. Argentina, 2009. No ano de 2011, tornou-se um livro publicado pela Editorial Académica Española.

<sup>3</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, sob orientação da Dra. Cristina Meneguello.

interessante notar que em vários casos os leitores comentaram que a obra representava na época o que hoje seria a internet.

Atualmente há uma versão on-line do *El Tesoro de la Juventud*, do ano 2011 e com direitos reservados. Buscamos, em vão, dados sobre autores, tradutores, editores, até mesmo datas de edição ou escrita dos artigos. Essa versão possui as mesmas seções da original, contém muitos textos iguais ao da edição que compõe nosso *corpus* de análise (muitos deles ilustrados com as mesmas imagens e gravuras), e alguns textos novos que aparentemente têm sido incluídos no decorrer do tempo.

Na internet podem ser encontradas também comunidades de fãs da enciclopédia em redes sociais, como Facebook e Orkut. Nesses casos, além de compartilhar as experiências ditas acima, muitos procuram completar coleções, obter dados sobre os *sites* ou locais de vendas, etc.

Ainda sem se tratar de livros especificamente escolares, existem registros de que era uma obra de consulta escolar. Além da referência feita nos depoimentos mencionados antes, algumas revistas educativas, tanto brasileiras quanto argentinas, também fizeram esse registro: como *Revista de Ensino* e *La Obra*. Ambas indicavam a leitura e consulta da enciclopédia para estudantes e também para os próprios professores, uma vez que a obra é recomendada no preparo de “aulas modelo”, ou aparece como bibliografia recomendada para concursos de cargos em escolas públicas. O célebre filósofo espanhol Miguel de Unamuno, colaborador da versão em espanhol, a apresenta como um dos melhores presentes que pode ser dado a uma comunidade, sendo indicada para bibliotecas públicas, para a escola, e para o lar.

## Sobre a forma de trabalho

Como dissemos anteriormente, utilizamos a comparação como operação principal na análise das duas enciclopédias<sup>4</sup>.

Ao se tratar de comparações históricas, a referência clássica é o trabalho pioneiro de Marc Bloch, *Pour une histoire comparée des sociétés européennes*, escrito em 1928<sup>5</sup>. O autor sugere que a comparação oferece inteligibilidade à História, ao permitir estabelecer relações explicativas entre fenómenos. Isso possibilitaria ao historiador discriminar, sintetizar, desafiar, e finalmente produzir uma perspectiva original para as questões levantadas.

Em geral, considera-se que a comparação histórica tenha os seguintes elementos básicos: um objeto a comparar, dois ou mais contextos, e uma ou várias hipóteses a serem averiguadas. A seleção do objeto é fundamental para tornar viável a comparação. Por razões práticas e metodológicas, é desejável que esse objeto seja encontrado em forma análoga ou similar nos diferentes casos a analisar (HERRAN; SIMON, 2009).

“Comparar o comparável” não necessariamente quer dizer que o objeto deve ser idêntico em diferentes contextos, mas sim que comporte certas características comuns para que possamos indagá-los e analisá-los sob os mesmos parâmetros e pressupostos estabelecidos, para que ao cotejá-los tenhamos respostas às hipóteses propostas. Essa forma de trabalho constitui numa ferramenta analítica de grande valor, porém oferece também o risco de reduzir o trabalho à mera justaposição de casos.

---

<sup>4</sup>Para uma diferenciação detalhada entre uso da comparação na História e História Comparada como campo historiográfico, conferir: BARROS, J. História comparada. Da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *Revista Historia Social*, n. 13, p. 7-21, 2007.

<sup>5</sup> Bloch já tinha realizado uma pesquisa comparativa, que se tornou um clássico da historiografia, *Os reis taumaturgos*, de 1924, na qual analisava o caráter sobrenatural atribuído ao poder real, comparando os casos da França e Inglaterra, no período medieval.

Outro grande risco que pode permear a pesquisa comparativa é o anacronismo e a análise sob juízos de valor. Ao fazermos uma comparação, devemos observar não apenas as semelhanças como também as diferenças, à luz de uma perspectiva explicativa que supere a descrição rasa. Os anacronismos, e o chamado “paradigma da ausência” (LIMA, 2007) são questões que devem ser vigiadas para que não aconteçam. Isso quer dizer que não podemos perceber as diferenças como vazios ou o que “está faltando” em um caso ou outro, e sim buscar a explicação nas suas lógicas peculiares. É vital, assim, evitar traduzir diferenças em hierarquias, como também transformar determinadas situações ou características concretas em padrões idealizados.

Quanto à temporalidade da comparação, podem ser realizados trabalhos diacrônicos ou sincrônicos. O primeiro tipo aborda a comparação de objetos em períodos diferentes<sup>6</sup>. O segundo, que é o que desenvolveremos, confronta o objeto no mesmo recorte temporal, como dissemos anteriormente, as primeiras edições – datadas da 1920 – das versões em espanhol e português da enciclopédia para crianças e jovens, *El Tesoro de la Juventud*, e *Thesouro da Juventude*, respectivamente.

Para responder às hipóteses elaboradas para este trabalho desenvolveremos paralelamente a comparação de duas formas. Por um lado realizaremos uma análise quantitativa, isto é, trabalharemos pontualmente com os índices das duas versões (português e espanhol), mais o índice da versão em inglês, que nos servirá como um referente. Dessa forma conferiremos, segundo as informações dadas nos índices, quais artigos estão contidos nas três versões, ou em duas. Isso nos permitirá comprovar a difusão de certos conhecimentos, o que contribuiria para torná-los de interesse

---

<sup>6</sup> Em geral, as comparações diacrônicas têm servido muito em investigações no campo da sociologia histórica do tipo macrossocial, tornando possível a comparação de diferentes situações históricas, distantes no mapa e no tempo, partindo de modelos teóricos elaborados a priori. Alguns exemplos podem ser *O Estado Absolutista* (1974), de Perry Anderson; *As origens sociais da ditadura e da democracia* (1966), de Barrington Moore Jr.; e *States and social revolutions: a comparative analysis of France, Russia and China* (1979), de Theda Skocpol.

“universal”, além do espaço geográfico ou país onde se lia a enciclopédia. Ao mesmo tempo, poderemos observar quais artigos não se repetem, ou porque não foram traduzidos da versão original, ou porque foram incluídos particularmente em cada versão.

Por outro lado, a leitura de artigos selecionados nos permitirá observar qualitativamente estas semelhanças, diferenças, matizes, omissões e adaptações, o que nos ajudará a vislumbrar as representações semelhantes e diferentes nas versões sul-americanas.

É importante mencionar que trabalharemos com as coleções completas em espanhol e português, mas que infelizmente não contamos com a coleção em inglês inteira, pois não contamos com os volumes 1, 2, 6, 10 e 11.

Em um primeiro momento consideramos tirar da comparação os mesmos volumes nos outros idiomas, mas ao iniciarmos o trabalho com os índices percebemos que a sequência dos artigos não era a mesma para todos os casos, pois um mesmo texto, embora presente nos três idiomas, podia se encontrar em volumes diferentes. Decidimos, então, abordar a comparação como tínhamos proposto, e nos auxiliamos para conferir certos conteúdos da versão norte-americana no índice geral que se encontra no volume 20, encerrando a obra.

Finalmente, ao se tratar de citações textuais da enciclopédia em espanhol, optamos por deixá-las no idioma original, para evitar alterações de sentido que poderiam derivar da tradução.

## **CAPÍTULO 1**

### **Representações da Ciência: universalidade e os questionamentos da história sociocultural do conhecimento**

Durante muito tempo a história da ciência foi pensada e escrita como uma sequência cumulativa de descobertas feitas por mentes brilhantes. Diferentemente de outros conhecimentos, que se admitiam advir de tradições culturais (como as religiões e o senso comum) e de contextos específicos (como as técnicas vinculadas a condições naturais particulares), e que, portanto, eram concebidos como relativos a cada cultura e momento histórico, o conhecimento científico era – em geral ainda é – tratado como algo universal e atemporal. Perguntamos-nos, é esse é um bom ponto de partida para se analisar a produção e circulação de conhecimento científico? É válido pensar a ciência como uma tarefa alheia à cultura? Será que as pretensas universalidade, objetividade e atemporalidade, não encobrem que ciência é uma criação humana, e como tal condicionada pela cultura e pela comunidade de forma subjetiva?

Filosofia Natural, Nova Ciência, Filosofia Experimental. Foram esses alguns dos nomes com que se batizou nos séculos XVI e XVII o que hoje chamamos de Ciência Moderna. Nesse período aconteciam debates e discussões acerca de quais seriam os seus pontos de apoio, temas principais, etc. A História da Ciência nasceu, assim, ligada à própria prática científica, como uma justificativa da ciência que estava se gestando. Entre os séculos XVIII e XIX, esses debates foram se consolidando, e a ciência ganha um perfil único. Conjuntamente, o termo “cientista” começa a ser usado para nomear aqueles que se dedicam a estudos específicos e, portanto, convertem-se em especialistas. Não são confundidos com os filósofos ou técnicos que antes circulavam pelas áreas mais amplas da Filosofia Natural. Nessa fase a ciência já não precisava ser justificada, e ela se tornou “a cara” do futuro.

Acreditou-se, desde então, que essa era a melhor forma de desenvolver o pensamento humano, a melhor forma de olhar para a natureza, a melhor maneira de conhecer as suas verdades. Mesmo que o seu desvelamento se desse num certo tempo e num determinado local, essas verdades eram regidas por leis eternas (o Sol estava aí desde sempre, o coração bombeava sangue desde sempre, a água fervia a 100 °C desde sempre, etc.) e universais, quer dizer, válidas para todo lugar. Em consequência, ao descobri-las e explicá-las, a ciência tornou-se também universal. (ALFONSO-GOLDFARB, 2004).

Isso possibilitou, ao mesmo tempo, que o conhecimento científico fosse percebido como capaz não apenas de conhecer e explicar a natureza, mas de prever o comportamento futuro dos fenômenos, reforçando assim uma ideia de “ordem” e “estabilidade” do mundo, tornando-o calculável, previsível. Dessa forma a ciência foi sendo definida<sup>7</sup> como

a forma de conhecimento que não somente pretende apropriar-se do real para explicá-lo de modo racional e objetivo, mas procura estabelecer entre os fenômenos observados relações universais e necessárias, o que autoriza a previsão de resultados (efeitos), cujas causas podem ser detectadas mediante procedimentos de controle experimental. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 43).

Difunde-se, assim, uma visão de mundo que posiciona a ciência como sinônimo de conhecimento seguro, o qual mediante um procedimento metódico enuncia um conjunto de leis universais que regem todas as coisas e todos os fenômenos (SCHÖPKE, 2010). Então, universal é aquilo que se aplica à totalidade, e é válido em qualquer tempo e lugar, e nesta lógica se opõe ao particular ou singular. Leis universais científicas, portanto, valem indistintamente em todo tempo e lugar, não apenas

---

<sup>7</sup> Ver também: MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo IV (QZ). São Paulo: Edições Loyola, 2004. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. SCHÖPKE, Regina. **Dicionário filosófico: conceitos fundamentais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

explicando, mas prevendo regularidades. Em outras palavras, uma lei científica não se limita a descrever o que ocorre, dados certos fatores, mas ela formula o que ocorrerá sempre que se derem certos fatores.

Vale salientar que o método é um dos pilares fundamentais da ciência. Entendido como um conjunto de regras e passos a seguir, permitiria aos cientistas (e a toda pessoa que seguisse esses passos) obter o conhecimento verdadeiro de todas as coisas, e jamais tomar por verdadeiro aquilo que é falso. A ação metódica é, assim, cumulativa e exaustiva, pois permite crescer progressivamente, de forma que cada etapa seja um progresso para o fim; e explorar completamente o campo que seja proposto examinar. (GRANGER, 1992).

Outro pilar que sustenta a universalidade da ciência é a racionalidade, entendida como característica essencial e exclusiva da natureza humana. Todo animal racional, tendo essa capacidade e fazendo bom uso dela, haveria de concordar com os postulados e derivações da ciência, com suas demonstrações racionais. Assim, pela razão, se estabelecem as regras de aceitação ou rejeição de asserções, e os princípios aos que uma explicação satisfatória dos fenômenos deve obedecer. O homem deve, então, conhecer a verdade confiando nas suas faculdades inatas. A razão e o proceder metódico outorgam aos homens a capacidade de descobrir aquilo que na ordem da natureza é dotado de caráter universal. (AMSTERDAMSKI, 1996).

O discurso dominante no ocidente sustentou, assim, que a ciência é o “saber por excelência”, o meio de acesso privilegiado ao conhecimento do mundo, objetivo e universal. Como veremos a seguir, essas ideias têm sido revisadas e criticadas pelos historiadores e sociólogos da ciência, mas mesmo aceitando a influência de fatores

sociais na atividade científica, as ideias que hoje temos sobre o que é real, se baseiam naquilo que é “cientificamente demonstrável”<sup>8</sup>. Como explica Sousa Santos,

A consagração da ciência moderna nestes últimos quatrocentos anos naturalizou a explicação do real, a ponto de não podermos conceber senão nos termos por ela propostos. Sem as categorias de espaço, tempo, matéria, e número [...] sentimo-nos incapazes de pensar, mesmo sendo já hoje capazes de as pensarmos como categorias convencionais, arbitrárias, metafóricas. (SANTOS, 2010, p.84)

## **História social e cultural do conhecimento**

A historiografia das ciências se enriqueceu bastante com estudos desenvolvidos a partir da perspectiva sócioconstrutivista da ciência, que procura compreender a prática e o desenvolvimento científico como equivalente ao de qualquer outra instituição social, isto é, como fruto de negociações e acordos entre grupos. Desse modo, procura-se entender o sucesso das explicações científicas como vinculadas à trama social, política e institucional na qual tais conhecimentos são produzidos, mantidos e alterados (OLIVEIRA, 2003).

As novas correntes da história e da sociologia do conhecimento, afirmam não apenas que fatores sociais podem influenciar na construção de conhecimento, mas que o conhecimento é constitutivamente social (SHAPIN, 1995). Assim, o pressuposto que sustenta essa afirmação é que a ciência não descobre, ela cria. Então, sistemas de crenças e juízos de valor não influenciam antes ou depois a explicação científica, mas são parte integrante dessa mesma explicação.

---

<sup>8</sup> Segundo uma pesquisa realizada no ano de 2003 acerca da percepção pública da ciência, na Argentina, no Brasil, na Espanha e no Uruguai, a imagem que prevalece é a da ciência como uma epopeia de “grandes descobertas”, como condição de avanço tecnológico, e como fonte de benefícios para a vida do ser humano. Os dados também revelam que a maioria concorda que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia é o principal motivo da melhoria da qualidade de vida da sociedade, e que a ciência é fonte de conhecimento legítimo. Dessa forma, a sociedade deposita sua confiança na verdade da ciência em detrimento, por exemplo, da fé religiosa. Ver Vogt e Polino (2003).

Em consequência, se entendemos que o conhecimento é produzido em e através de interações entre pessoas, e entre pessoas e a realidade, as supostas objetividade e universalidade se veem comprometidas.

Não obstante, se não aceitarmos mais o pressuposto de universalidade que flui da própria natureza do conhecimento, como entender a globalização da perspectiva científica? Segundo Shapin (1995), intercalar ciência e tecnologia em redes cada vez maiores de ação é o que as torna duradouras. Quando todos os elementos de uma rede atuam para proteger um elemento do conhecimento – mediante o desenvolvimento de padrões e assegurando assim sua circulação ao redor do mundo – este conhecimento se torna forte, e passamos a chamá-lo de científico. Nas palavras de Pestre,

Se os saberes científicos (da mesma forma que outras formas de saberes) circulam não é porque sejam universais. É porque eles circulam – isto é – porque são (re)utilizados em outros contextos e um sentido lhes é atribuído por outros –, que eles são descritos como universais (PESTRE, 1996, p. 20).

Segundo Pestre, a história cultural tem contribuído com a história da ciência ao recusar noções passivas de difusão e recepção de conhecimento, indagando pelo contrário nas representações e apropriações historicamente situadas.

A história cultural também tem influenciado decisivamente à história da educação. Esta corrente historiográfica, considerada parte da terceira geração dos *Annales*, surgiu no final dos anos '60s, e levou aos historiadores a analisar novos temas, objetos e fontes. Também proporcionou novos olhares sobre velhos objetos. Valorizaram-se sujeitos “esquecidos” pela história, como as crianças, as mulheres, os negros, as camadas populares, etc. Os sentimentos, as emoções e as mentalidades também passaram a ser objetos da história. Fontes antes desconsideradas ou tidas como pouco confiáveis começaram a mostrar indícios para reconstruir o passado. (GALVÃO; LOPES, 2010)

Os trabalhos de Roger Chartier se tornaram uma forte referência da história cultural. Ele destaca a necessidade de estudar os objetos culturais na sua materialidade, restabelecendo os processos de produção, circulação e consumo, as práticas, os usos e as apropriações, para vislumbrar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Essa seria uma forma de compreender como determinadas visões de mundo foram produzidas e disseminadas, e entender os processos e condições através dos quais os sujeitos lhe atribuem significado ao mundo em que vivem.

Desse modo, a história cultural tem se tornado um prisma valioso para os estudos de história da educação, que se valem dos seus procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos. Contribui também a história cultural a pensar a história da educação para além do “escolar”, pois as práticas educativas fazem parte de uma complexa engrenagem cultural e social, de transmissão cultural e formação de representações e atitudes coletivas, tornando-se assim um tema de vital importância para a compreensão da formação cultural de uma sociedade (FALCON, 2011).

Neste trabalho procuramos dar prosseguimento a esta linha de investigação, analisando as enciclopédias *Thesouro da Juventude* e *El Tesoro de la Juventud* como veículos de circulação e “universalização” de certos conhecimentos, e a sua reapropriação em diferentes regiões. É interessante notar que os conhecimentos nessas obras se apresentam como patrimônio de herança universal comum a todos, sem dar evidências explícitas às adaptações e aos ajustes realizados. A impressão transmitida ao leitor é de que aquilo que está lendo em “seu Tesouro” estará compartilhando-o com todos os leitores do mundo. Na comparação das duas versões procuraremos averiguar como foram adaptadas, conjugando “tesouros universais” com ideias e perspectivas locais.

Como veremos no próximo capítulo, essas versões não são meras traduções da versão original em inglês, coleções idênticas onde se transmitem “os conhecimentos” que toda pessoa culta necessita saber. Veremos que os compiladores de ambas as versões fizeram escolhas quanto a quais conteúdos manter, quais adaptar, quais seções excluir e quais seções novas incluir. Veremos quais conhecimentos foram os que circularam ganhando assim uma “cor universal”, e quais foram adaptados, excluídos ou incorporados, de acordo com os espaços de circulação dessas versões, ampliando sua legitimidade e seu alcance.

Algumas observações acerca das enciclopédias como meios de difusão da ciência e do conhecimento, podem nos oferecer elementos para pensar acerca do nosso objeto de estudo.

## **Enciclopédias e a difusão da ciência**

De origem grega, o termo enciclopédia (*en kyklos paideia*) significa literalmente “ciclo de aprendizagem” ou “ciclo educacional”, e originalmente referia-se ao currículo educativo. Aplicou-se logo a certos livros que seguiam, na sua organização, os conteúdos do sistema educativo, utilizados pelos estudantes de instituições superiores. Em alguns casos as compilações eram realizadas pelos próprios professores das universidades<sup>9</sup>.

Mais adiante o conceito foi ganhando novo significado e desde a modernidade tem simbolizado para a cultura ocidental o conjunto sucinto e abrangente do conhecimento, representando um meio privilegiado de sua difusão. Yeo (1991) chega a qualificá-la como a empresa editorial mais notável da cultura ocidental.

---

<sup>9</sup> Alguns exemplos são: Giorgio Valla, que ensinou em Pávia e Veneza, e Johann Heinrich que foi professor em Herborn, Alemanha. (BURKE, 2003).

Em geral, ao falarmos de enciclopédia, a primeira referência que nos vem à mente é o projeto editorial do século XVIII, de Diderot e D'Alambert, *L'Encyclopédie* ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, ícone do Iluminismo. Mas, enciclopédias como livros de recopilação e organização do conhecimento não são criações inéditas da Ilustração.

Desde a Idade Média a aspiração de saber universal era considerada possível, ao alcance do ser humano, portanto, a compilação total do conhecimento não parecia ser um sonho impossível. Saber tudo, ou pelo menos algo acerca de tudo, foi um ideal do período. Então, as enciclopédias tinham como missão conservar e cultivar o melhor do conhecimento, tanto divino, quanto humano. Esse tipo de trabalho orientava-se não ao futuro, mas ao passado, quer dizer, não estava destinado a reportar novas descobertas, mas reunir, organizar e transmitir conhecimento antigo, tradicional. O que nos interessa marcar aqui é que, enquanto que o papel dessas obras medievais era armazenar e conservar conhecimentos tradicionais herdados, a retórica das enciclopédias do século XVIII era outra. Enfatizou-se aqui a necessidade de registrar novos conhecimentos, e, eliminar erros e o obscurantismo em favor da investigação aberta. Desse modo, essas obras confrontaram as ideias estabelecidas sobre a organização e a comunicação do conhecimento. Assim, enciclopédia, ciência e concepções ilustradas do conhecimento formaram uma aliança natural de elementos que se reforçaram mutuamente. (YEO, 2001).

É interessante notar que as enciclopédias do século XVIII, e seus predecessores, os dicionários de artes e ciências,<sup>10</sup> publicitaram o acesso ao conhecimento universal ou, pelo menos, às principais artes e ciências, e o promoveram como algo de interesse e validade universal, capaz de transcender barreiras sociais,

---

<sup>10</sup> Destacam-se nas pesquisas de Richard Yeo (1991, 2001): *Lexicon Technicum* (1704-1710), de John Harris, e *Cyclopaedia* (1728), de Ephraim Chambers.

religiosas e geográficas. Em geral, essas obras são o mais claro reflexo do ideal iluminista de conhecimento como aberto, colaborativo e público, inaugurando uma visão acumulativa do mesmo.

Uma característica bem marcante que ecoa dessa nova concepção é o câmbio na organização do conhecimento. No lugar de seguir a ordenação temática ou sistemática, (mapas de conhecimento, árvore de conhecimento, globo intelectual, etc.), as enciclopédias adotaram a ordem alfabética. Isso implicou por uma parte demonstrar a ausência de uma explícita hierarquia no conhecimento. Ao evitar a hierarquia dos sistemas, a ordem alfabética era assim vista como igualitária, reduzindo todos os assuntos ao mesmo nível. Segundo Burke, “o uso da ordem alfabética tanto refletia quanto encorajava uma mudança da visão hierárquica orgânica do mundo para uma visão mais individualista e igualitária” (BURKE, 2003, p.108).

Ao mesmo tempo, essa organização permitiu incluir muito mais facilmente conhecimentos novos, sem a necessidade de incluí-los numa área predeterminada do sistema, mostrar relações ou reorganizar categorias. Também resultou em que o conteúdo fosse mais acessível para a leitura de um público mais amplo, para além dos círculos acadêmicos. No contexto de expansão explosiva da indústria editorial, as enciclopédias tornaram-se necessárias para guiar os leitores através do crescente volume de conhecimento impresso (BURKE, 2003). Assim, a leitura de enciclopédias, “prometia” dispensar a leitura de muitos livros.

É importante reparar que, se a imprensa assegurou a impressão de milhares de exemplares de livros importantes, não foi apenas a “razão de ser” das enciclopédias que mudou, mas também o próprio processo de compilação implicou novas operações e novas dinâmicas. A passagem de conservar e reunir o conhecimento mais essencial e herdado, para reportar novas descobertas, significou necessariamente selecionar e

extrair conhecimento do crescente número de livros impressos. Nesse processo de seleção – que nunca é neutro nem imparcial – os conteúdos científicos e suas novas descobertas, tomaram um lugar privilegiado. Esses assuntos foram os que melhor se conjugaram com as aspirações universalistas das enciclopédias, pois a ciência era vista como transcendente às diferenças políticas, enquanto que outros assuntos, como biografias, história, religião ou direito, não eram facilmente separáveis dos interesses nacionais. Desse modo, as enciclopédias ilustradas promoveram a crença de que os expertos – sejam estes de qualquer país – estavam descobrindo conhecimento objetivo e universal, válido e verdadeiro em qualquer parte do mundo.

Finalmente, gostaríamos de fazer algumas reflexões que fazem eco das ideias expostas acima, e que nos permitem ao mesmo tempo justificar a riqueza do nosso objeto para o tipo de estudo que propomos. O que se esconde por trás do suposto de que as enciclopédias contêm todo o conhecimento humano? Escondem-se decisões e escolhas quanto à inclusão/exclusão de determinados assuntos, na tarefa de reunir e resumir o conhecimento. Como dissemos antes, não apenas a seleção, mas também a organização, classificação e apresentação do conhecimento não são processos neutros, livres de valor. Pelo contrario, são a expressão de uma determinada visão de mundo. (BURKE, 2003).

A respeito da arbitrariedade e das múltiplas lógicas a que podem responder as classificações, é bem conhecido o exemplo que cita Borges<sup>11</sup> em um ensaio do ano 1952 acerca da classificação de animais feita por uma enciclopédia chinesa intitulada *Empório Celestial de conhecimentos benévolos*. Segundo ela, se encontram divididos em: a) os que pertencem ao Imperador, b) embalsamados, c) adestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam

---

<sup>11</sup> BORGES, Jorge Luis. El idioma analítico de John Wilkins. In: **Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Sudamericana, 2011 [1952].

como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) etecetera, m) que acabam de quebrar o vaso, n) que de longe parecem moscas. Fica evidenciado aqui – e o próprio autor o remarca no ensaio – que “no hay clasificación del universo que no sea arbitraria.” (BORGES, 2011, p. 130)

Yeo (2001) nos proporciona um exemplo claro acerca dos processos de seleção de conteúdo. Ao analisar a dedicatória da *Cyclopaedia*, dirigida ao rei da Inglaterra (na reedição de Rees de 1786), destaca rasgos de uma tendência nacionalista evidente, pois a dedicatória sugere que o estado florescente das artes e ciências reflete a personalidade e intelectualidade do rei como um membro da República das Letras, e afirma a existência de um “gênio” britânico como um ator fundamental neste processo. Embora na dedicatória Rees explique que tem registrado todo tipo de informação que tenha distinguido a pessoas de todos os países na causa da ciência, afirma que teve especial cuidado em incluir as invenções e melhoras que fazem honra ao seu próprio país, e à munificência do seu soberano.

### **Considerações acerca do Thesouro e El Tesoro como difusores de cultura científica**

Existem diversos meios de popularização da ciência. A sua difusão em conferências, revistas, livros, enciclopédias, exposições, museus, jardins botânicos e zoológicos, rádio, cinema, televisão, etc., contribui a fazê-la acessível ao conjunto da população, inclusive ao público infante-juvenil, como foi o caso das enciclopédias *Thesouro da Juventude* e *El Tesoro de la Juventud*.

Embora não revelem sua fonte elas são adaptações da enciclopédia estadunidense *The Book of Knowledge*<sup>12</sup>, editada em 1910, que por sua vez era uma

---

<sup>12</sup>Encontramos apenas uma referência a versão norte-americana na introducción de Zeballos ao *El Tesoro de la Juventud*

versão mais elaborada da obra *The Children's Encyclopaedia*, organizada por Arthur Mee (escritor e jornalista inglês) em 1908, na Inglaterra. (OLIVEIRA, 2008; RIESCO, 2008)

Nessas enciclopédias, como anuncia o prólogo do filósofo espanhol Miguel de Unamuno, em ambas as versões, “não se discute, nem se polemiza, nem se trata de te imbuir qualquer philosophia; aqui refere-se o que, admitido por todos, constitui o mínimo do que deve saber um homem culto” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 9). Essas reflexões destacam a exigência de uma cultura média geral na qual a cultura científica se cobre de um valor instrumental dirigido a outorgar autenticidade no mundo das representações, mas também das práticas sociais. Nessa direção, a coleção constitui um suporte para o conhecimento acumulado a través da própria ciência, mas organizada – diferentemente das obras de consulta ou estudos especializados – de modo que ciência e a tecnologia fiquem no centro da educação humanística. Apresentam-se então estes conteúdos da forma “mais humana possível”<sup>13</sup>, e com uma estética que funcionaria como disparador da curiosidade, germe do desejo por conhecer. (SONZOGNI, 2011).

Isso evidencia que a “divulgação da ciência é uma tarefa inventiva, que recria o conhecimento científico para formar e ampliar a cultura científica do público” (SANCHEZ MORA, 2003, p. 37). Assim, a divulgação torna-se importante na configuração do conhecimento e das representações que o público tem da ciência, na medida em que esta é inserida em novas formas textuais e é relacionada com outros elementos da cultura não científica.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Segundo Unamuno no mesmo prólogo citado, diz que a história de uma ciência pode ensinar mais do que a própria ciência.

<sup>14</sup> Entendemos que a cultura científica involucra mais do que o acúmulo de conhecimento sobre ciência que o público possui, e que envolve um grande “ecossistema de símbolos, ideias, histórias, fatos, noções, que circulam e agitam a sociedade.” (VOGT et al., 2006, p. 98).

Dessa forma, o *Thesouro*, e a sua equivalente, procuravam convencer o público leitor sobre a importância e eficácia do desenvolvimento científico. Ainda mais, embora existissem outros meios com o mesmo objetivo, elas são parte de um empreendimento internacional de seleção de conteúdos prontos, para um determinado público. Graças às supostas imparcialidade, objetividade, e utilidade para todos, a ciência teve assim um atrativo universal, apresentando-se nos diferentes países como um patrimônio da humanidade.

Os conteúdos procuram mostrar como a ciência contribui diretamente com o desenvolvimento da civilização, de progresso material e de superação. Assim, o aprendizado do conhecimento científico estava imbricado com o projeto cultural de difusão de valores racionais e modos de vida das nações modernas. Dessa forma, embora nem todas as seções tenham relação direta com temas científicos ou tecnológicos, em geral estas representações percorrem grande parte dos conteúdos. Um exemplo é a presença de cientistas na seção que trata dos homens e mulheres célebres.

O compilador da obra em espanhol deixa isto explícito na sua introdução, manifestando que

El presente libro es una **obra civilizadora**; es un elemento concurrente, que se propone servir y estimular la honrosa emulación cultural de los gobiernos, de los hogares y de los niños de Sud América. Él, como el agua fresca y pura, que aplaca la sed y alimenta, ofrece a las tiernas inteligencias un caudal de nociones educativas e instructivas que desarrollarán **su fiebre investigadora** y su constante anhelo por saber todo lo que llama la atención. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v.1 p.10, grifos nossos)

## **CAPÍTULO 2**

### **Um tesouro universal?**

Para começar nossa análise acreditamos que seja interessante retomar a advertência de Roger Chartier, indicando que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. (CHARTIER, 1990, p. 127). Aqui se contemplam tanto os dispositivos que resultam do estabelecimento do texto, estratégias de escritura, intenções do autor; até a passagem do texto ao livro impresso que envolve o trabalho e decisão editorial. Apesar de não ser esse o objetivo principal da nossa pesquisa, cremos que um olhar sobre essas questões pode revelar-nos informações valiosas para nossa comparação.

As obras que aqui analisamos são de edição refinada, de alta qualidade, de capas duras e encadernação com costura. Essa característica, junto ao fato de estarem compostas por uma grande quantidade de volumes, e serem vendidas, em ocasiões, com uma pequena biblioteca de madeira construída à medida, pode ser um indicador de que, em princípio, essas coleções tenham sido pensadas para serem adquiridas por famílias abastadas.

A edição em espanhol se compõe de 20 volumes – como na edição original de *The Book of Knowledge* – que contabiliza aproximadamente umas 7.000 páginas (sem contar as quase 150 páginas dos índices geral e por seção). Já a versão em português é um pouco reduzida. É constituída por 18 volumes, que somam cerca de 6.000 páginas, contando os índices. Em todas essas três a quantidade de páginas de cada volume é homogênea, como assim também a quantidade de artigos que contém, com exceção do volume 18 em português, e do volume 20 em espanhol, nos quais os índices ocupam quase a metade das páginas.

É interessante notar que em todas essas versões a numeração das páginas não se interrompe entre os volumes, o que nos dá uma ideia de continuidade e magnitude, não somente da obra, mas também do próprio conhecimento que contém.

Na Figura 1 podemos observar a semelhança das páginas de abertura. Seguindo o modelo norte-americano, as versões em espanhol e português destacam a figura encarregada pela introdução acompanhada, na sequência, de uma solene fotografia de página inteira. Isso outorga à publicação importância e seriedade. Trata-se de Estanislao Zeballos para a versão em espanhol – quem também é distinguido com o papel de *compilador consultor* – e de Clovis Bevilacqua, em português. A página de apresentação se repete em todos os volumes de cada coleção, e é precedida por uma ilustração colorida, dentre as quais encontramos os mais variados assuntos, desde obras de arte até espécies botânicas e de animais. Ademais, essas páginas de apresentação têm de semelhante o fato de detalhar as seções nas quais se divide a obra, e as cidades onde a editora W. M. Jackson INC. teria sede e sucursais. No caso da versão em português, a primeira edição menciona Rio de Janeiro e Nova York. A versão para hispano-falantes parece ter abrangido um espaço geográfico bem maior, já que inclui além da sede nova yorkina, as cidades de Londres, Buenos Aires, Madrid, Montevideú, Habana e Santiago.

Todavia, observamos algumas diferenças que vale notar. Além dessas informações, a versão em inglês também assinala quais são os especialistas responsáveis por cada seção da obra. A versão em espanhol adota também essa característica e detalha a lista de colaboradores, mas ainda mais pormenorizada, agregando a formação e a nacionalidade de cada um deles. Inclui dois argentinos, um uruguaio, um mexicano, um cubano, um chileno e um peruano. Isso não é um dado menor, pois pela ampla circulação dessa coleção pela América hispânica, fica evidenciada a necessidade de mostrar a cooperação internacional de profissionais para

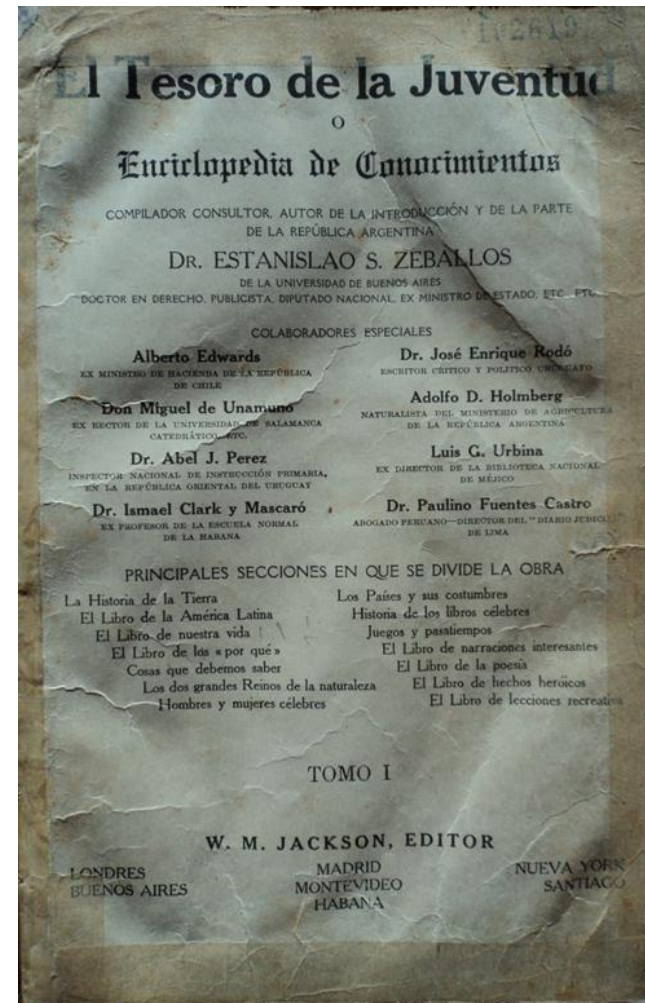
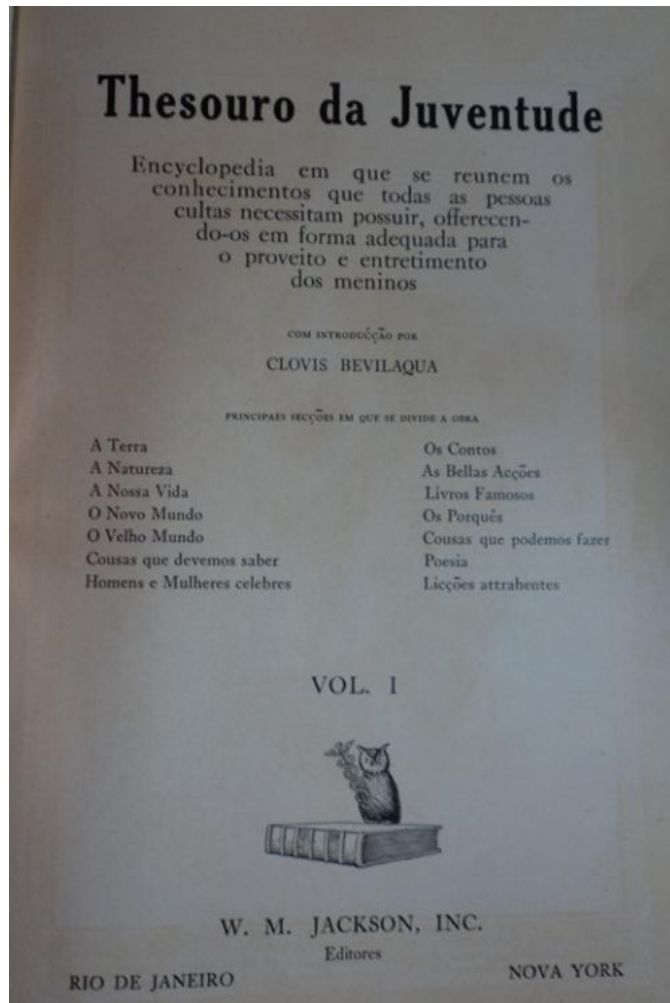


Figura 1: Mostra a página de abertura do Thesouro da Juventude à esquerda, e do El Tesoro de la Juventud à direita.

desenvolver este empreendimento editorial. Isso explica, inclusive, a incorporação de textos exclusivos, por exemplo, sobre Cuba. Ainda mais, o prólogo escrito pelo filósofo espanhol Miguel de Unamuno lhe imprime maior prestígio e ares de cosmopolitismo à obra da América hispânica. Resta dizer que esses colaboradores assinam somente os textos da seção que aborda a História e a Geografia dos países em questão, ficando encoberta a autoria do restante dos artigos.

A continuação do prólogo de Unamuno, um texto similar, acerca do que são esses livros, é assinada pelo inglês Arthur Mee.

Depois desses textos que se juntam à introdução de Zeballos, encontramos uma introdução geral, na qual, como num conto de fadas, se explica a concepção e ideia da coleção, se detalha a estrutura, e o que o leitor vai encontrar em cada uma das seções<sup>15</sup>. Esses textos são acompanhados por desenhos e fotografias ilustrativas, onde encontramos a fada “Rainha Ciência”, personagem que, por amor às crianças, criou esta enciclopédia.

Já na versão em português não encontramos esses tipos de detalhe. Nem dessa introdução geral, nem da lista de colaboradores. Vale destacar que junto à introdução escrita por Clovis Bevilacqua – de quem não se indica, como no caso de Zeballos ser o compilador ou consultor da obra – encontramos as traduções dos mesmos prólogos de Unamuno e Mee, mas neste caso, sem nenhuma especificação de autoria.

Em geral, a estrutura da enciclopédia nas duas versões aqui analisadas, se mantém de acordo com a original em inglês. O conteúdo se ordena em grandes seções ou livros que, com pequenas variações, são as mesmas e equivalentes nos três idiomas. Como mostraremos mais adiante, muitos dos artigos ou textos são também idênticos, ou

---

<sup>15</sup>Por causa da falta do volume 1 da versão em inglês, não podemos confirmar se esta é uma iniciativa editorial da versão em espanhol, ou uma copia da estrutura da original.

guardam uma grande semelhança, mas outros tantos demonstram uma clara adaptação às realidades locais.

Tabela 1  
Mostra as correspondências das seções entre as versões

SEÇÕES CORRESPONDENTES		
Espanhol	Português	Inglês
COSAS QUE DEBEMOS SABER	COUSAS QUE DEVEMOS SABER	THE BOOK OF FAMILIAR THINGS
EL LIBRO DE HECHOS HEROICOS	O LIVRO DAS BELLAS ACÇÕES	THE BOOK OF GOLDEN DEEDS
EL LIBRO DE LA AMERICA LATINA	O LIVRO DO NOVO MUNDO	*
EL LIBRO DE LA POESIA	O LIVRO DA POESIA	THE BOOK OF POETRY
EL LIBRO DE LECCIONES RECREATIVAS	LICÇÕES ATTRAHENTES	THE BOOK OF SCHOOL LESSONS
EL LIBRO DE LOS POR QUÉ	O LIVRO DOS PORQUÉS	THE BOOK OF WONDER
EL LIBRO DE NARRACIONES INTERESANTES	O LIVRO DOS CONTOS	THE BOOK OS STORIES
EL LIBRO DE NUESTRA VIDA	O LIVRO DA NOSSA VIDA	THE BOOK OF OUR OWN LIFE
HISTORIA DE LOS LIBROS CELEBRES	OS LIVROS FAMOSOS	THE STORY OF FAMOUS BOOKS
HOMBRES Y MUJERES CELEBRES	HOMENS E MULHERES CELEBRES	THE BOOK OF MEN AND WOMEN
JUEGOS Y PASATIEMPOS	COUSAS QUE PODEMOS FAZER	THINGS TO MAKE AND TO DO
LA HISTORIA DE LA TIERRA	O LIVRO DA TERRA	THE BOOK OF THE EARTH
LAMINAS EN COLORES	ESTAMPAS COLORIDAS	COLORLED PLATES
LOS DOS GRANDES REINOS DE LA NATURALEZA	O LIVRO DA NATUREZA	THE BOOK OF NATURE
LOS PAISES Y SUS COSTUMBRES	O LIVRO DO VELHO MUNDO	THE BOOK OF ALL COUNTRIES
sem correspondência	sem correspondência	THE BOOK OF THE UNITED STATES
sem correspondência	sem correspondência	THE BOOK OF CANADA

\* a versão norte-americana inclui apenas quatro artigos sobre América Latina

A Tabela 1 nos mostra claramente a correspondência das seções em que se divide a enciclopédia, como também a ausência da mesma ao tratar-se da abordagem de espaços geográficos. É possível verificar que nas versões sul-americanas não foram incluídas as seções dos Estados Unidos e do Canadá, enfatizadas para leitores norte-americanos. Nas versões em espanhol e em português aparecem as regiões geográficas de interesse relevante para cada caso. Voltaremos posteriormente com uma análise mais pontual.

É interessante notar uma diferença com relação à maioria das enciclopédias que seguem a ordem alfabética. Aqui os artigos são dispostos de forma aparentemente aleatória, distribuídos nessas grandes seções, mas que não aparecem como blocos continuados. Elas se situam de forma intercalada, de modo que é possível textos referentes a, por exemplo, *Cousas que devemos saber*, dispersos em toda a extensão do livro. Isso é coerente com o propósito para o qual a obra foi criada: se supõe que essa

ordenação ajudasse a entreter o leitor, diluindo o tédio de uma abordagem sistemática, atijando a busca, o descobrimento, a curiosidade. Ao mesmo tempo, porque, segundo Unamuno, um dicionário enciclopédico responde mais ao interesse de uma consulta pontual, e não à leitura. Em palavras do filósofo:

este libro no es un diccionario enciclopédico, más o menos popular, obra de consulta y de referencia positivamente útil, pero obra más de biblioteca que de hogar; este libro es una enciclopedia, y una enciclopedia popular, un libro de hogar y de lectura, tanto o más que de biblioteca y consulta. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1 p.13).

Por ser uma publicação para crianças e jovens, é comum encontrar em toda a obra títulos atraentes, como: “*os homens pássaros*”, “*a maravilha do telefone*”, “*o maravilhoso segredo das plantas*”, “*caminhos suspensos no ar*”, etc. Os textos em todas as versões procuram cativar o leitor, fazê-lo parte daquilo que está lendo, e, em algumas ocasiões são até narrados em primeira pessoa, como se tentasse estabelecer um diálogo. Por exemplo, ao falar dos usos e abusos que os trabalhadores e estudantes fazem do café para ficarem acordados, é dada a seguinte explicação: “Não quer isto dizer que seja prudente proceder assim; mas o que **posso afirmar** é que afasta o somno e que habilita uma pessoa a ler e trabalhar durante horas inteiras [...]” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v.11 p. 3434, grifo nosso). Exemplos como esse são fáceis de encontrar em vários textos.

Essa intenção de cativar o leitor é clara se olharmos o *Livro dos porquês*, pois se dá a ler em forma de perguntas, interrogações que qualquer criança poderia fazer, como “*Por que vemos o firmamento azul?*”, “*Por que bate o coração?*”, “*Por que não sentimos dor quando cortamos as unhas?*”, etc. O compilador argentino argumenta:

Para la mente de un niño no hay división entre las cosas de importancia y sin importancia. Él quiere saber y su curiosidad no debe ser nunca detenida porque es el fundamento sobre el cual puede construir un conocimiento cierto del mundo que lo rodea” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v.1 p. 15)

Ao mesmo tempo, podemos destacar que os textos são acompanhados por uma grande variedade de imagens, fotos, e ilustrações coloridas; elementos que para a época eram extraordinários e inovadores para este tipo de publicação. Os mesmos foram utilizados como suportes descritivos das explicações, evitando assim textos demasiadamente extensos e abstratos; aparecendo também como um primeiro estímulo para cativar a atenção dos leitores e propiciar a leitura do artigo. Isso não é casual, mas um objetivo bem claro para os colaboradores da obra, que na introdução asseguram que “muitos são aqueles, meninos e moços, e mesmo adultos, que a gravura levou à legenda, esta ao conhecimento mais prolixo do que aquela representava.” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1 p. 9). Vale a pena notar que muitas das ilustrações coloridas de página inteira são as mesmas nas duas versões – a maioria destas extraídas da versão original – como também muitas das imagens que acompanham os textos em geral. Em alguns casos, os rodapés destacam coisas diferentes para cada versão. Na Figura 2 podemos observar um exemplo de ilustração encontrada nas três versões, correspondente à seção *Cousas que devemos saber*. Em muitos casos, observando apenas o *layout*, sem entrar em detalhe nos textos, vemos que são idênticas tanto as imagens utilizadas, quanto a disposição na página.



Figura 2: Exemplo de ilustração colorida repetida nas três versões  
 Fonte (de esquerda à direita) THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 18; EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 2;  
 THE BOOK OF KNOWLEDGE, 1910, v. 3.

Por outro lado, é importante marcar que a escrita dos textos em espanhol não apresenta variações gramaticais com a escrita atual, com exceção de algumas expressões e modismos de época. Não acontece isso com a versão em português. Segundo explica Maria Manuel Calvet Ricardo, a língua portuguesa tem sofrido várias reformas ortográficas. Uma delas, lançada em 1911, estabelecia uma ortografia simplificada para ser usada em publicações oficiais e no ensino, aproximando grandemente o aspecto da língua escrita atual fazendo desaparecer muitas consoantes dobradas, os grupos *ph*, *th*, *rh*, etc. Como explica o autor,

A adoção desta nova ortografia não se fez sem resistências em Portugal, mas a maior polêmica em seu torno estalou no Brasil. Apesar de já existir há longo tempo no Brasil uma forte corrente foneticista, que se batia pela simplificação ortográfica, o não envolvimento brasileiro na reforma portuguesa teve o efeito contrário de reforçar as correntes tradicionalistas ficando os dois países com ortografias completamente diferentes: Portugal com uma ortografia reformada, e o Brasil com a velha ortografia. (CALVET RICARDO, 2009, p. 176)

É possível então que o *Thesouro da Juventude* tenha sido escrito sob essas condições, pois, além do próprio nome, todos os textos foram escritos com essa antiga ortografia. Tempos depois, em 1929, a Academia Brasileira de Letras lança um novo sistema. Esse Primeiro Acordo Ortográfico foi aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1931, e adotava praticamente a ortografia portuguesa de 1911.

Essa observação nos ajuda a deduzir a data de publicação. Como dissemos na introdução, ambas as coleções que estudamos não registram a data de edição, mas indícios como este nos ajudam a estimá-la. Para o caso em espanhol, encontramos evidências nos textos escritos pelo compilador Zeballos. Por exemplo, ao se referir aos próceres civis argentinos, diz que: “Los dos presidentes Sáenz Peña, padre e hijo, han fallecido y el doctor de la Plaza fue seguido por don Hipólito Irigoyen, en 1916, que ejerce la primera magistratura de la República en el **momento en que esta obra entra**

**en prensa**” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 4 p 1118, grifo nosso).<sup>16</sup> No mesmo texto, ao se referir a Domingo F. Sarmiento, diz que um monumento “será inaugurado” em 1917, na cidade de Boston, em sua homenagem.

É interessante ponderar também que, nos exemplares com data de publicação de 1962<sup>17</sup>, fica evidenciado na folha de rosto, com um destaque especial em letras vermelhas, o cinquentenário dos editores: 1912-1962. Ainda que não fique claro qual cinquentenário se refere, pelos textos citados acima, acreditamos que se refira à primeira edição em inglês.

Esses indícios, somados ao fato de que Zeballos faleceu em 1923, reforçam nossa ideia de que a primeira edição pode ter sido publicada entre as duas primeiras décadas do século XX.

## **O(s) Tesouro(s) por seções**

A continuação, a descrição dos conteúdos por seções e áreas de conhecimento nos permitirá comparar mais detalhadamente as enciclopédias. Tentamos mediante esta comparação avaliar as hipóteses propostas no início do trabalho.

### **1. As ciências naturais**

Esta área de conhecimento é amplamente compreendida nas enciclopédias, de modo muito similar nas duas versões analisadas. Observamos que as seções que abordam esses conhecimentos têm seus equivalentes nos outros idiomas (espanhol e português) de modo quase idêntico, evidenciando que não houve nestes casos grandes variações entre as propostas editoriais, e ambas adoptaram os títulos da versão em inglês. As seções nas quais se contemplam as ciências naturais são: *O livro da Terra*, *O*

---

<sup>16</sup> Vale aclarar que a primeira presidência de Hipólito Irigoyen se inicia em 1916 e conclui no ano 1922.

<sup>17</sup>Exemplares mais novos, publicados nas décadas de 40 e 50 brindam maiores informações acerca das datas de publicação e do lugar de impressão. Essa observação se aplica às duas versões que estudamos.

*livro da nossa vida*, e *O livro da natureza* (e os correspondentes das outras línguas) <sup>18</sup>. Ademais, é importante notar que esses três livros representam para a versão em espanhol 19% do total do conteúdo, e 22% para a enciclopédia em português. São valores muito similares entre si, e que refletem à versão norte-americana, na qual constituem 17% do conteúdo total.<sup>19</sup> Isso indica que, ao considerar o que toda “pessoa culta” deve conhecer, segundo a proposta inicial das enciclopédias, são dedicadas às ciências naturais – suas maravilhas e mistérios que instigam aos cientistas a estudá-la e compreendê-la, e despertam nossa atenção e curiosidade – uma grande quantidade de páginas, outorgando a esta área de conhecimentos uma destacada relevância no conjunto da obra.

De grande interesse para nossa pesquisa são os dados constatados: não apenas a semelhança em relação ao espaço dedicado a essa área, mas aos artigos em si, que aparecem repetidos nas três versões.

---

<sup>18</sup>Ver Tabela 1

<sup>19</sup> Os valores citados correspondem às operações realizadas contabilizando a quantidade de páginas contidas nas três seções referidas, e ao total de páginas de cada versão. Para o caso da versão americana, trabalhou-se com as cifras totais dos 15 volumes analisados.

## 1.1. O Livro da Terra

O *Livro da Terra*, tanto quanto seu equivalente em espanhol, possui 50 artigos e todos estes se encontram nas duas versões, com mínimas variações. Como mostra a Tabela 2, até foi mantida a sequência dos textos no decorrer dos volumes.

Tabela 2

Mostra comparativamente os artigos das seções O Livro da Terra nas três versões, e a sequência em que se encontram nos volumes 1 a 5.

SEQUENCIA DOS ARTIGOS DO LIVRO DA TERRA NAS TRÊS VERSÕES			
VOLUME	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	INGLÊS
1	El globo sobre el cual vivimos La Tierra está siempre en movimiento El sol y su familia Cómo se formó la Tierra	A grande bola em que vivemos A Terra está sempre em movimento o Sol e sua familia	*
2	La Tierra tal como es hoy día La configuración de la Tierra	Como se formou a Terra A Terra tal como é hoje em dia A modelação da Terra	*
3	El aire, el fuego y el agua El fuego que se alimenta a sí mismo De qué se compone la Tierra De qué se compone el agua	O ar, o fogo e a agua O fogo que se alimenta a si mesmo De que se compõe a terra	Air, Fire and Water What the Earth is Made Of
4	La gran maravilla del agua Tres gases admirables	De que se compõe a agua A grande maravilha da agua Tres gases admiraveis	What Water Is Made Of The Great Marvel of Water Three Wonderful Gases
5	La formación de los elementos Los elementos más importantes Un mundo dentro de cada átomo	A formação dos elementos Os ementos mais importantes O mundo dentro de cada atomo	The Making of the Elements The Most Important Elements The World Inside an Atom

\*Falta dos volumes 1 e 2 em inglês

Em quase todos os casos os textos têm os mesmos títulos e subdivisões em subtítulos, mesmas imagens, e explicações idênticas dos fenômenos descritos. No entanto, é possível encontrar diferenças em alguns deles, evidenciando as adaptações e escolhas feitas em cada caso. Um exemplo pode se ver no artigo “*A grande bola em que vivemos*”. Aqui, ao tratar da forma esférica da Terra e das expedições que tentaram demonstrar esse fato, o texto da versão em espanhol explica que: “España, que en aquella época era una de las más famosas naciones del mundo, fue el punto de partida” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192? v. 1 p. 34. A versão em português

simplesmente diz: “Foi a Hespanha seu ponto de partida.” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v.1 p.20)

Outra diferença que encontramos nesse mesmo artigo é que a versão em português inclui um subtítulo a mais: “*Foi um grande portuquez quem primeiro circumnavegou a terra*” em que se narra, com um tom entusiástico e ressaltando o heroísmo, a façanha de Magalhães; e embora mencione que tenha sido Sebastian el Cano quem culminou a travessia, o artigo conclui afirmando: “Assim se demonstrava exuberantemente a redondeza da terra, e pertenceu a Magalhães a grande gloria de ter sido o primeiro a fazel-o.” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v.1 p 21).

Variações semelhantes podem ser encontradas no restante dos textos da seção, mas não supõem mudanças substanciais nos artigos.

Essa seção é a que abre os índices para todas as versões e, segundo a introdução em espanhol, esta seção ensina “los hechos significativos de aquellas ciencias sin las cuales [los niños] no podrían entender el mundo que los rodea”. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v.1, p. 16) Ao mesmo tempo destaca que, embora os textos sejam simplificados para a leitura das crianças, não deixam de ser “tão verídicos”, que os próprios adultos poderão ler horas inteiras e com interesse crescente.

Em general os textos são relacionados à geologia, à astronomia, à física y à química.

## **1.2. O Livro da nossa vida**

Segundo a introdução em espanhol, essa seção ensina as crianças a levarem vidas “alegres y saudáveis” ao aprenderem sobre os próprios corpos e como cuidá-los. Para dar seriedade e credibilidade à seção, indica-se que esta foi escrita por um cientista doutor, que tem “explicando claramente las verdades vitales de la existencia de nuestro cuerpo.” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v.1 p. 20) Ainda remarca que:

“Esta es sin duda, una de las más importantes de las catorce grandes divisiones en que está arreglado este interesante e instructivo libro” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, ídem, grifos do autor), por incluir artigos sobre anatomia, fisiologia, higiene, e os sentidos.

De forma similar ao *Livro da Terra*, aqui também verificamos que a maioria dos textos que compõem as seções são iguais, e segundo o conferido nos índices, também foram traduzidos do inglês. Pode-se dizer que o número de artigos encontrados em espanhol (48) foi praticamente o mesmo da versão em português. Por sua vez, esta última inclui somente um artigo a mais, intitulado “*A casa de Chico*”. É uma analogia do funcionamento do corpo humano e seus órgãos, com as partes de uma casa de três andares, (ventre, peito e cabeça) e seus “criados”, “elevadores” e “sentinelas”. Esse é um resumo dos textos da edição em inglês, que realiza essa mesma analogia, porém de forma mais extensa, compreendendo sete artigos<sup>20</sup>. Na versão em português o apelido *Jack* (o utilizado na versão em inglês) é substituído por *Chico*, com certeza muito mais popular para os leitores brasileiros.

Dentre os textos com o mesmo título, vemos que são também muito semelhantes, e não encontramos neles diferenças importantes entre as duas versões. A extensão dos textos é igual na grande maioria, como assim também as ilustrações e figuras que os acompanham. Ao mesmo tempo, a sequência em que estes são colocados segue um comportamento muito similar ao descrito no caso anterior.

### 1.3. O Livro da Natureza

Aqui os conteúdos referem-se a animais e plantas. É bom notar que essa seção é justificada na introdução do *El Tesoro de la Juventud*, afirmando que “enseña Historia

---

<sup>20</sup>São eles: *The House that Jack Has*, do volume 18; *The Kitchen of Jack's house*, *Jack's wonderful pump* e *The great corridor*, do volume 19; e *Jack's fresh air supply*, *The wonderful river of air*, and *the way in which it keeps Jack's blood pure*, e *Jack's wireless telephone*, do volume 20.

Natural en una forma em extremo interesante y *al propio tiempo científicamente correcta.*”(EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1 p. 21, grifos do autor).

De modo semelhante ao que até aqui descrevemos, as seções *O livro da Natureza* e *Los dos grandes reinos de la Naturaleza* também compartilham muitos dos artigos. Para sermos exatos, em espanhol, de um total de 63 artigos, 81% é encontrado também na outra versão; e em português 96%, quer dizer, 51 artigos entre o total de 53. O que dizer sobre as diferenças? De início, a quantidade maior de textos que compõem a seção em espanhol.

Dentre os artigos que encontramos em *El Tesoro de la Juventud*, 6% são particulares da versão. Essas quatro entradas tratam a) de algumas espécies de arbustos encontradas em todo o continente americano; b) acerca da evolução das espécies, onde encontramos referências aos chamados “índios fueguinos” da patagônia argentina; c) de animais criados pela imaginação, como dragões, sereias, unicórnios, górgones, monstros marinhos; e d) um sobre animais das lendas sul-americanas contadas pelos índios calchaquíes, guaranis, araucanos.

Também, foram selecionados 8 artigos da versão em inglês – representando 13% dos textos – e incluídos nesta edição para hispano-falantes. Estes referem a alguns animais e seus hábitos, como a hibernação; textos sobre cavalos, pássaros, cogumelos, flores, animais raros descobertos por exploradores, espécies de insetos e microrganismos microscópicos, etc., que não foram incluídos na versão em português. Ao nosso ver, esses textos, não acrescentam nenhuma informação de interesse particular para a região de fala hispana, e foram incluídos nesta obra, talvez por ter maior extensão que a versão em português, conforme falamos anteriormente.

No *Thesouro da Juventude*, encontramos 1 artigo que não se repete nas outras versões, intitulado “*As flores da graça e do mysterio*”. Ele trata especificamente de

orquídeas. Embora narre informações gerais sobre as diferentes espécies e os lugares onde ocorrem – incluindo o Canadá, alguns países de América do Sul, Estados Unidos, e Europa – um dos subtítulos tem um foco particular: “*O Brasil, o paraíso das orquídeas*”, e diz assim:

As mais notáveis orquídeas brasileiras são as dos gêneros *Catleya*, *Laelia*, *Zygopetalum* e *Epidendrum*, de que damos algumas gravuras interessantes. Na Europa também há muitas orquídeas interessantes, não tão preciosas como estas [...] Nem as orquídeas europeias nem as da América do Norte se podem comparar em graciosidade, em esplendor e magnificência de formas e coloridos, com as raras e formosas orquídeas brasileiras (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v.17 p. 5520-5521).

Não encontramos nenhum texto que tenha sido traduzido do *The Book of Knowledge* somente para o português.

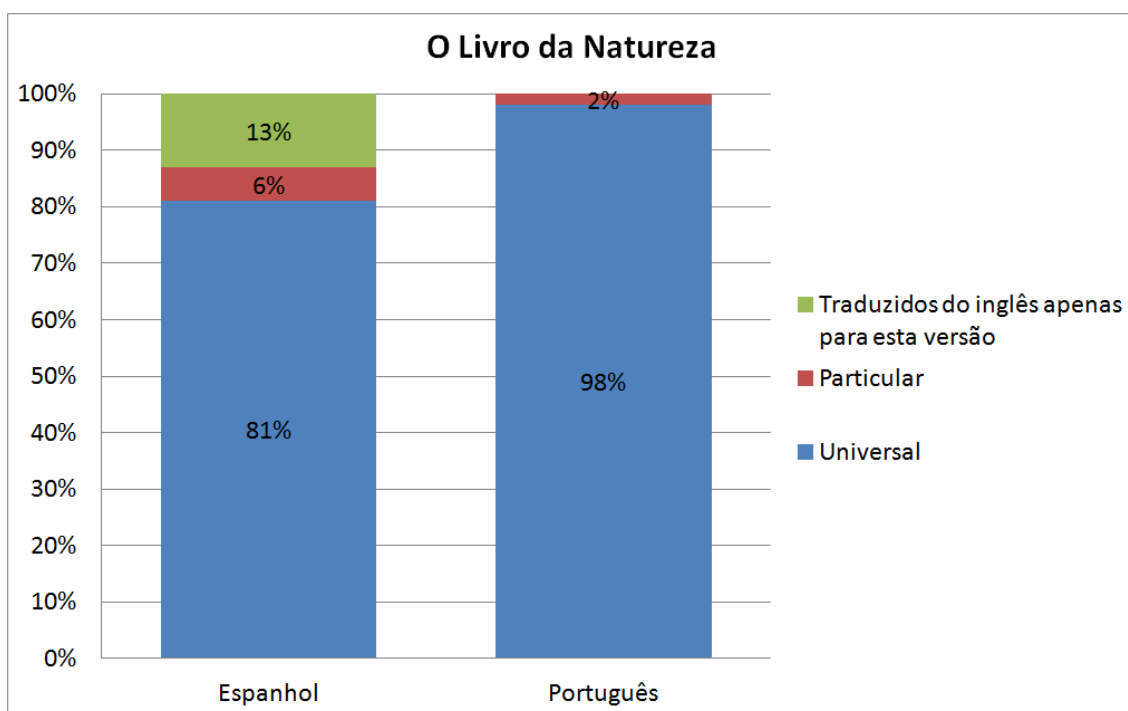


Gráfico 1: O livro da Natureza.

O gráfico mostra as porcentagens de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão. Evidencia também a porcentagem de artigos que foram traduzidos do inglês na versão em espanhol.

Não foram traduzidos todos os textos da versão em inglês. Dentre eles se encontram alguns bem específicos para os leitores norte-americanos, por exemplo,

espécies de aves e plantas que ocorrem naquela região, e árvores e arbustos nas diferentes estações do ano.

## **2. Um mundo de curiosidades**

Nas seções do *Livro dos porquês*, encontramos uma enorme série de curiosidades. Como já foi dito, o conteúdo é totalmente formado por perguntas, orientadas a resolver todo tipo de dúvidas infantis, respondidas em “idioma claro e simples”, mas sem ser “menos verídicas” por isso. Em geral, e como anuncia o breve texto que introduz esta seção nos dois idiomas, de uma pergunta “se engendra outra”, e seguindo na maioria dos casos a sequência de mais simples a mais complexa. Seguem alguns exemplos: “*Como se forma a imagem na câmera fotográfica?*”, “*O que é que se passa dentro de uma câmera fotográfica?*”, “*Por que aparecem as imagens invertidas?*” e, dando sequência a uma explicação mais detalhada de física óptica, acompanhada de ilustrações: “*Por que não vemos as imagens invertidas?*”, “*Por que vemos os objetos amplificados quando os olhamos através de uma lente de aumentar?*”. Outro exemplo é: “*Qual é a origem dos nossos pensamentos?*”, “*O que é que nos faz pensar?*”, “*Podemos pensar no que não nos interessa?*”, “*Pensam os animais?*”, “*O que é um pensamento?*”, “*Nos valem de palavras para pensar?*”, “*Podemos pensar sem palavras?*”.



Figura 3: “Por qué los cristales de aumento amplifican los objetos”.

Exemplo de gravura do El libro de los Por qué. Fonte: EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 77.

As perguntas abrangem os mais variados temas: do céu e os astros até o que acontece conosco quando dormimos. São feitas perguntas intrigantes como estas: *De qué tamanho é o espaço?, Como se forma o arco-íris?, Por que as flores tem cheiro?, Sentem e falam nossos animais domésticos?, Existe vida fora da Terra?, Por que choramos?, Por que sentimos medo, fome, sono, etc.*

É interessante notar que nas versões em espanhol e português as interrogações são idênticas, como também a sequência em que são apresentadas do decorrer dos volumes. O número total dos textos em português é quase igual ao da versão em espanhol. A versão em espanhol possui 5 entradas a mais e, como no caso anterior, não encontramos evidências de que fossem textos com alguma relevância específica para o espaço de circulação<sup>21</sup>, e podem ter sido traduzidos do inglês<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Os textos são: “¿Podría hundirse el firmamento?” do volume 20, “¿De qué modo obtuvieron los mineros la lámpara de seguridad?” do volume 19, “¿Por qué cae la manzana?” do volume 18, “¿Por qué escribe el pizarrín?” do volume 12, “¿Por qué hay ciertas enfermedades que se pueden padecer una sola vez?” do volume 10.

<sup>22</sup> Não pudemos conferir isso por causa dos volumes faltantes em inglês.

Além desses detalhes marcados, o fato de ter encontrado tanta semelhança nessas curiosidades nos levou a indagar mais apuradamente esses conteúdos e percebemos que a grande maioria destes se enquadra na área das ciências naturais<sup>23</sup>. Tratam-se de temas sobre o corpo, a saúde, os animais, questões sobre o universo, a Terra, o ar, a água, sobre física e química, etc. Essas interrogações são as que predominam na seção, como nos mostra o Gráfico 2.

Junto a estes assuntos encontramos alguns de fundo moral como: “Por que não conseguimos ter tudo quanto precisamos?”, “Por que não estamos nunca satisfeitos?”, “Qual é a coisa mais valiosa que há no mundo?”, “Convém ter sempre alguma coisa que fazer?”, “Podemos tornar-nos belos?”, “As nações poderosas são as mais felizes?”, “São necessárias as guerras?”, etc. Em geral, todas as respostas sugerem ou estão relacionadas a valores da modernidade ocidental, tais como as ideias de civilização e progresso. Retomaremos essa questão mais adiante.

Outros poucos versam sobre tecnologia, e abordam o funcionamento de alguns aparelhos tais como a câmera fotográfica, o cinematógrafo, os relógios, os automóveis. Outros tratam das construções: “*Como se mantêm os edifícios em pé?*”, “*Por que se constroem as ruas mais altas no meio do que nos lados?*”, “*Por que as pontes são mais altas no meio do que nas extremidades?*”, “*O que são os arcos e o esqueleto de uma casa?*”. Em outros casos, encontramos assuntos sobre a origem e o uso de alguns conceitos, nomes, perguntas sobre música, as notas, as harmonias e curiosidades em geral, tais como: “*Já se descobriu o mundo inteiro?*”, “*Como se mede a superfície de um país?*”, “*Como se mede a altura de uma montanha?*”, etc.

---

<sup>23</sup> Cabe aclarar que tanto esta categoria quanto as que aparecem a continuação, agrupando e classificando o conteúdo das seções, foram criadas pela autora com fins analíticos, não correspondendo a nomenclaturas dadas pelas enciclopédias.

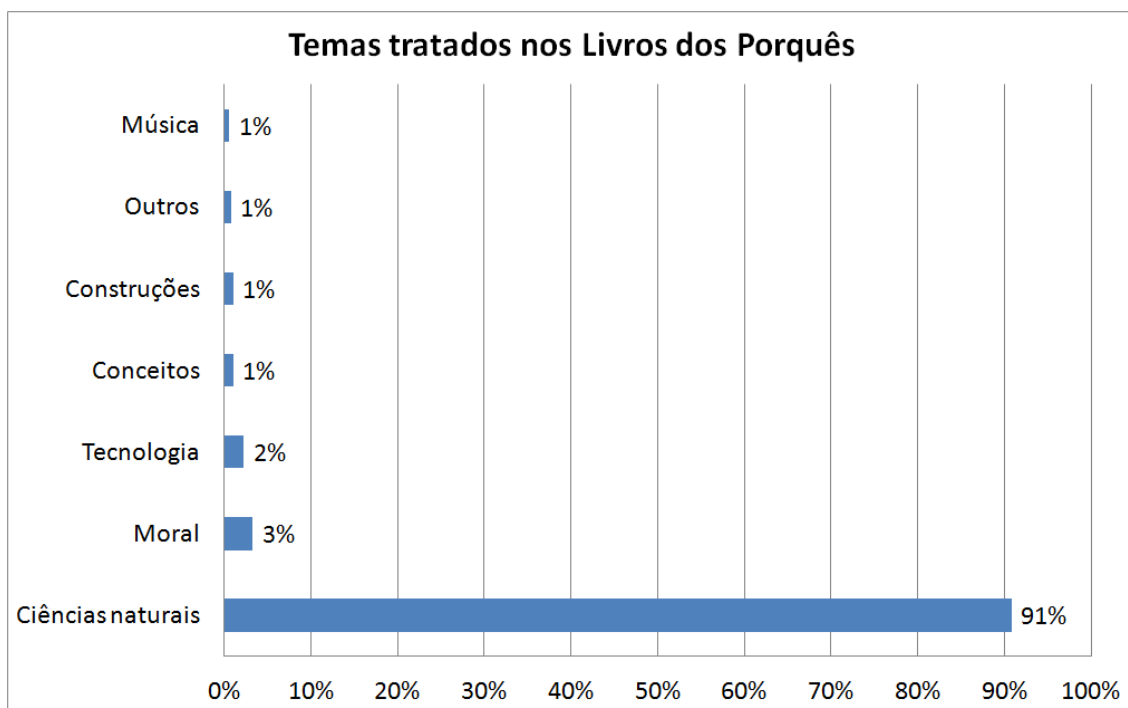


Gráfico 2: Temas tratados nos Livros dos Porquês.

Mostra a porcentagem de temas tratados nos Livros dos Porquês. Valores referentes aos artigos encontrados nas duas versões.

### 3. Quais são as coisas que “devemos saber”?

Essa seção, nos dois idiomas, contempla principalmente temáticas relacionadas às ciências aplicadas e como estas fazem parte do cotidiano do homem, melhorando e facilitando a vida. Por um lado observamos que o conteúdo tende a pôr em evidencia que a ciência e a tecnologia estão ao nosso redor a todo o momento e até nas mais corriqueiras e simples tarefas, como ao beber um copo de água, comer um pedaço de pão, ou vestir nossas roupas a cada dia<sup>24</sup>. Por exemplo, ao tratar do vidro, diz que “é uma coisa tão vulgar que ninguém se lembra de reflectir um pouco sobre elle. Sendo, como tantas outras cousas, de uso diário, tal vez poucos pensem nas maravilhas que elle

<sup>24</sup> Vale notar que no *The Book of Knowledge*, a seção leva o título de “*O livro das coisas familiares*” (*The book of Familiar Things*).

encerra, como tantas cousas vulgares.” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 18 p.5663). De modo similar se refere-se à indústria do calçado:

Se olhardes para as vossas botas veréis que ellas se compõem essencialmente das seguintes partes: o corte [...] as solas, e o salto. Podereis supor que o que ha a dizer sobre essas diferentes partes é tudo o que ha de mais simples e de mais breve, mas quando souberdes que ellas podem passar por cento e setenta machinas diferentes e duzentos e nove pares de mãos, començareis a fazer ideia que a confecção d’um par de botas não é cousa tão simples como se vos figurava” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 17 p. 5367).

Por outro lado, destacam-se inventos, obras de engenharia, aproveitamento de recursos naturais, transportes e comunicações que, mesmo fazendo parte da nossa vida cotidiana, são capazes de surpreender-nos pela sua magnitude e genialidade.

Em menor quantidade também encontramos algumas curiosidades relacionadas à natureza, acerca da neve, as aranhas, formas curiosas de algumas formações rochosas, e como uma ostra cria pérolas; e textos sobre cultura geral, em que se abordam questões sobre escultura, pintura, as bandeiras das nações, etc.

Se compararmos as duas versões, encontramos aqui também uma grande quantidade de textos repetidos, tornando-se assim, pela circulação, assuntos “universais”. Pelo que podemos observar no Gráfico 3, a maior parte dos textos trata sobre a extração de matérias-primas e os processos produtivos pelos quais passam até chegar a nós como consumidores, no dia a dia. O pão e a manteiga, nossas roupas e nossos calçados, os tijolos das nossas paredes, os utensílios de louça e vidro que usamos todo dia, e até a fabricação das moedas para comprá-los, são alguns exemplos. Esta cotidianidade também lhes dá “ares” de universalidade, por exemplo: “todo el mundo civilizado necesita comer pan, que es el alimento más común, el más barato y del cual no pueden prescindir ni ricos ni pobres.” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 4, p. 1247)

De modo similar são apresentados inventos de uso cotidiano, como garfos e facas, o relógio, a bicicleta, a caneta e o lápis; outros relacionados a entretenimento como as fitas de cinema, e o fonógrafo, do qual se diz que “difficilmente se encontrará hoje um lugar tão isolado que os seus habitantes não possam apreciar as grandes operas mundiaes e outros bellos trechos de música” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v.5 p. 1574), e outros inventos, em menor quantidade, de utilidade científica ou industrial, como o microscópio e o ímã, respectivamente.

Já os inventos que tratam de comunicações trazem coisas “maravilhosas”, como o telefone, o rádio, e o envio de telegramas. Meios de transportes são também tratados como “maravilhosos”: o transporte aéreo, os grandes vapores, os trens, os carros, e até a navegação submarina são tratados como “triunfos” da invenção e do esforço dos homens.

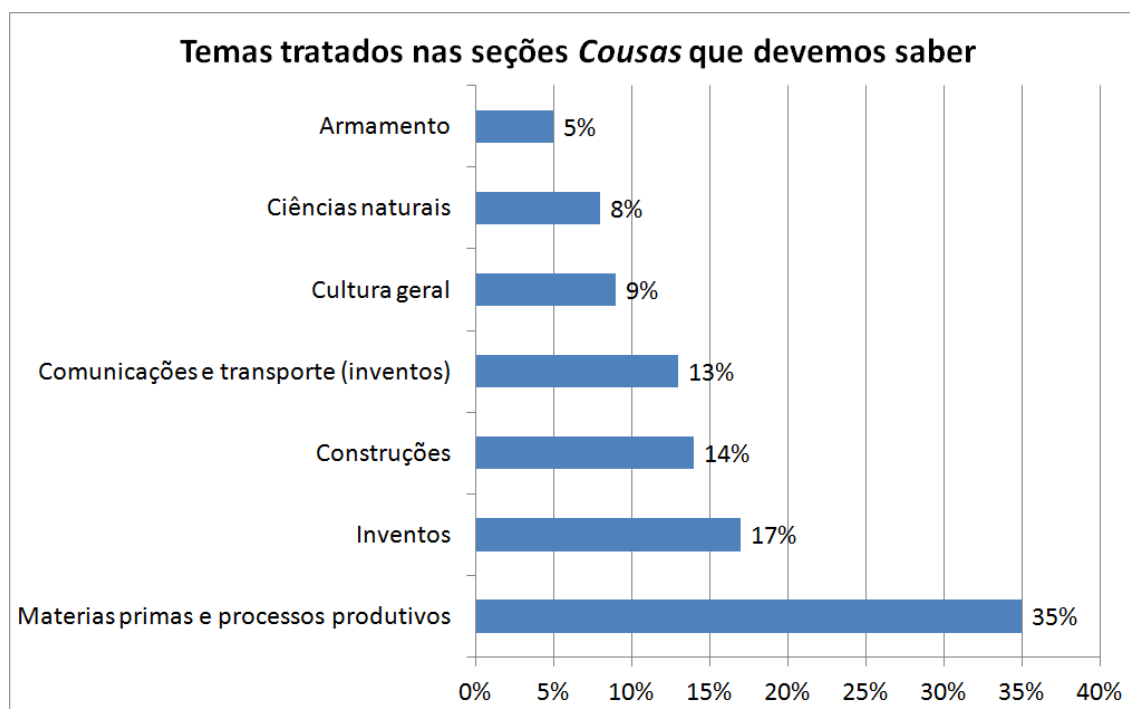


Gráfico 3: Temas tratados nas seções *Cousas que devemos saber*.

Mostra a porcentagem de temas tratados nas seções *Cousas que devemos saber*. Valores referentes aos artigos encontrados nas duas versões.

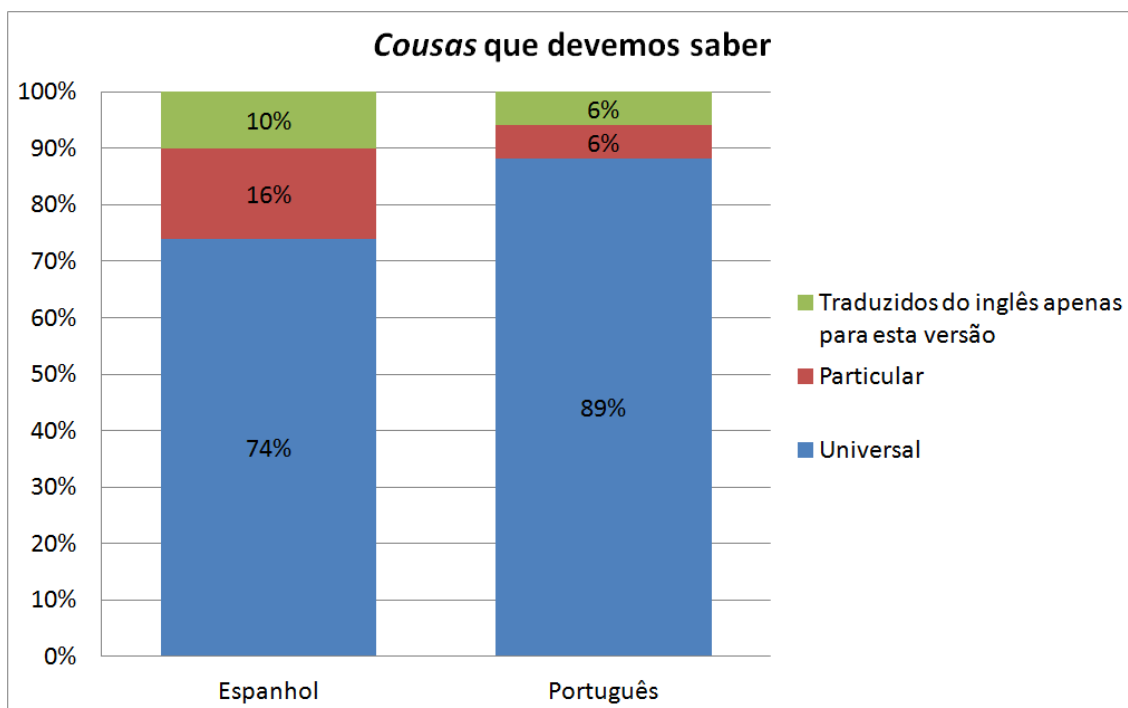


Gráfico 4: Cousas que devemos saber.

Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão. Evidencia também a porcentagem de artigos particulares, traduzidos da versão em inglês.

Seguindo a mesma tendência das seções que analisamos até agora, a versão em espanhol possui uma maior quantidade de entradas que a versão em português, sendo 91 e 70 respectivamente. Dentre os 91 textos em espanhol, 16% foram encontrados somente na versão em espanhol, como mostra o Gráfico 4. Trata-se de 15 entradas sobre temáticas variadas, em que foram encontrados textos de cultura geral do idioma castelhano, como as abreviaturas mais usadas<sup>25</sup> e as locuções estrangeiras de uso frequente<sup>26</sup>, também sobre como se fazem os mapas, etc. Outro texto fala sobre o instinto dos animais, e dá exemplos de casos em que homens foram ajudados por animais selvagens<sup>27</sup> e casos de fidelidade de animais domésticos. Alguns textos tratam de inventos como o guarda-chuva, a máquina de costurar, os meios de transporte dos

<sup>25</sup> Encontramos formas de cortesia para serem usadas em correspondência, formas de tratamento hierárquico, medidas de peso e superfície, etc.

<sup>26</sup> Principalmente frases em latim relacionadas com medicina e o direito; mas também frases de uso cotidiano em outros idiomas. Podemos citar alguns exemplos: do italiano, referindo-se principalmente à música (*agitato*, *a tempo*, etc.) do francês (*pot pourri*, *bon appétit*, *crème de la crème*) e do inglês (*all right*, *that is the question*, etc.)

<sup>27</sup> Trata-se na grande maioria de lendas e histórias de América do Sul, na época da conquista e da colônia.

nossos antepassados, etc. É interessante notar que um desses textos trata sobre o raio X. Embora sejam encontradas nas outras versões referências a essa descoberta e seus usos, em espanhol é dedicado um espaço de 14 páginas, compondo uma entrada particular.

Os textos que encontramos repetidos somente na versão em espanhol e em inglês tratam sobre como se constroem os pianos, a fabricação de casacos de pele, e da história e cultivo do chá.

Já para o caso da versão em português constatamos que 89% dos textos se encontram nas outras duas versões. As entradas particulares que não achamos nas outras enciclopédias – que totalizam 6% – versam sobre assuntos que abordam especialmente o Brasil. Trata-se de um texto sobre o café e que inicia dizendo: “Todos tendes tomado a saborosa bebida a que se dá o nome de café, e decerto não ignoraes que ella é a infusão da semente d’uma planta, e que essa planta cresce no nosso paiz, sendo até um dos seus principaes elementos de riqueza.” (THESOURO DA JUVENTUDE, 192?, v.14 p. 4293).

Vimos também outras informações sobre os estados onde se produz o café, as épocas de floração, a colheita, o preparo, etc. Junto ao texto há várias fotografias: pés de café numa fazenda do estado de São Paulo, uma cena de colheita, os processos de lavagem e secagem do fruto, e o embarque dos sacos para exportação em duas fotos mostrando o porto de Santos.

Outra entrada é uma série de gravuras e uma fotografia de página completa. Mostram o desenvolvimento das barcas de vapor. Trata-se de embarcações operadas pela “Companhia de Navegação de Nictheroy”, e “Companhia Cantareira e Viação Fluminense”. As gravuras datam de 1835, 1877, e a fotografia de 1923.

Encontramos também um artigo intitulado “*O rei das pedras preciosas*”, que dá continuidade a um texto que foi traduzido da versão em inglês<sup>28</sup> (“*As pedras preciosas*”). O chamado “rei das pedras preciosas” é o diamante. Embora haja informações relativas aos diamantes em outras partes do mundo, como África e Índia, uma parte importante do artigo trata especialmente do Brasil. São citadas as regiões de minas mais importantes e ilustradas com gravuras dos estados da Bahia e Minas Gerais, são contadas histórias sobre alguns diamantes famosos brasileiros, como o “Bragança” com o qual, segundo o texto, foi presenteado o rei de Portugal.

É importante mencionar que ao compararmos alguns textos com o mesmo título, encontramos algumas variações. O tema da aviação é um deles<sup>29</sup>. Observamos que o assunto está dividido na versão em espanhol em dois volumes (1 e 5); e na versão em português encontramos um único artigo maior. A versão em espanhol introduz o tema explicando:

“Hubo un tiempo, ya extremadamente remoto en la historia del mundo, en que los hombres sólo viajaban por tierra, pues aun no habían aprendido a cruzar los grandes océanos. En la actualidad se esfuerzan por descubrir la manera de navegar por el aire”. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v.1, p. 317).

De forma similar, mas com um matiz diferente o texto em português se mostra muito mais entusiasta, e conclui: “Hoje trabalha-se **com êxito** na conquista d’uma nova forma de fazer viagens: o caminho pelo ar.” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 2 p. 661, grifo nosso).

---

<sup>28</sup> Junto a esse texto sobre as pedras preciosas, encontramos traduzidos do inglês apenas para o português outros sobre o elevador, os automóveis, e a preparação do concreto.

<sup>29</sup> Podemos supor que o texto em português seja posterior ao texto em espanhol, pois encontramos referências ao uso dos aeroplanos na Primeira Guerra mundial, e que não foram encontradas no *El Tesoro de la Juventud*. Através da leitura do texto pode-se deduzir que a guerra já estaria concluída, pois as referências estão todas no passado. As referências mencionadas antes, nos permitem deduzir a data da publicação em espanhol, e nos levam aos anos de 1916 e 1917, quando a Primeira Guerra Mundial não teria ainda acabado.

Talvez esta diferença entre as duas versões responda à necessidade de introduzir com maior ênfase as linhas que lhe seguem apresentando a figura de Santos Dumont:

Um aperfeiçoamento importante no uso dos balões consistiu em adaptar à barquinha uma pequena machina com um propulsor e um leme. Isto permitia seguir nas direções que se quizessem, comtanto que o vento não fosse forte.

Os progressos seguintes foram realizados pelo **nosso compatriota** Santos Dumont e pello alemão conde Zepelling. Santos Dumont usou um balão em forma de charuto, e em 1901 ganhou um premio com o seu giro em torno da torre Eiffel, em Paris, regressando ao ponto de partida em meia hora. Mas o **destemido brasileiro** voltou depois a sua atenção para os aeroplanos, e não pensou mais nos aeróstatos (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v.2 p. 663, grifos nossos).

Quando avançamos na leitura encontramos a descrição do exitoso trabalho dos irmãos Wright, outro breve trecho refere-se às novas aeronaves construídas e aos avanços e melhoras nas máquinas de voar. Novamente encontramos um trecho, que embora brevíssimo, repete o patriotismo com uma ênfase que merece ser destacada: “Foi em França que primeiro se obtiveram os **mais bellos** resultados. O **nosso** Santos Dumont alli estava, e abandonou os balões para construir aeroplanos.” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?,v 2, p. 666, grifos nossos)

Na versão em espanhol, embora comece da mesma maneira que o texto em português, narrando acerca dos primeiros voos em balões, encontramos na sequência um texto totalmente diferente. Vale a pena conferir:

La primera mejora importante fué la creación del globo dirigible. En éste la bolsa del globo debía elevar una plataforma en la que estaba instalado un motor, gracias al cual se hacía marchar y se dirigía el aerostato a voluntad del mecánico. Los globos dirigibles más notables fueron construidos por el conde Zeppelin. El dirigible consistía en una gran nave, en forma de cigarro puro, provista de una potente maquinaria, y que dió grandes resultados. Su mejor hazaña fue el establecer un exprés aéreo. Era dicho exprés un dirigible capaz para veintiún pasajeros sin contar los tripulantes [...] Pero un accidente imprevisto destruyó un día el dirigible el conde Zeppelin; y entonces muchos inventores volvieron a la idea de construir aparatos aéreos más pesados que el aire. No es preciso contar muchos años para recordar los ensayos con los que los hermanos Wright, de una

pequeña ciudad de la América del Norte, asombraron al mundo con su invención. [...] (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 5 p. 1481)

O texto narra como foi o primeiro voo dos irmãos norte-americanos segundo relatos – talvez inventados – das testemunhas do evento, e outros voos que se tornaram famosos, como a primeira carreira de aeroplanos, recordes de maiores distâncias percorridas e alturas alcançadas, etc. Não existe nenhuma menção a Santos Dumont e sim aos irmãos Wright, completando o texto com várias gravuras da invenção feita por eles, com detalhes das partes e do funcionamento.

#### **4. Como tirar bom proveito do tempo livre: recreios agradáveis e produtivos**

##### **4.1. *Cousas que podemos fazer***

Nas seções de *Cousas que podemos fazer*, e *Juegos y Pasatiempos* em espanhol, encontramos uma grandíssima série de atividades para ocupar o tempo livre de uma maneira enriquecedora e criativa. A apresentação da seção em espanhol explica assim:

Dedos desocupados y mentes activas sufren por algo por hacer [...] se ponen a la vista, con una riqueza de ilustración y diagramas, cientos de modos con los cuales los niños y niñas pueden ejercer su habilidad constructiva, provechosa y agradablemente. [...] Estas diversiones entrenan la mente por el uso de las manos y proporciona en la casa entretenimiento sin fin. Todo niño o niña debe ser capaz de usar sus manos correcta y perfectamente. *Entretenimiento Manual*, desarrolla esa destreza, esa habilidad de pensar y de trabajar, en un tiempo y al mismo tiempo – *para crear, para adelantar, para reparar, para ejecutar una idea*. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 24, grifos do autor).

Nessas seções a porcentagem de artigos repetidos gira em torno de 80% para as duas versões (ver Gráfico 5). Dentre esse grupo encontramos vários tipos de propostas para meninos e meninas realizarem em suas horas livres, ora juntos, ora separados.

Foram encontrados jogos, alguns para serem jogados ao ar livre, outros para dias de chuva, para *tertúlias*, para brincar no trem, na praia, jogos de mesa como jogo de dominó y damas, etc. Também foram encontrados esportes como natação, tênis, hóquei, golfe, beisebol, futebol; nas suas páginas se explicitam suas regras e características, até as roupas mais adequadas para praticar cada um desses jogos. Em geral são descrições mais técnicas dos esportes, mas vale indicar aqui que os nomes das posições de jogadores, das regras e situações de jogo, são mantidos no inglês, e junto são passados alguns valores, não apenas do jogo, mas também culturais, como a obediência ao líder ou capitão, o respeito às decisões dos juízes, etc.

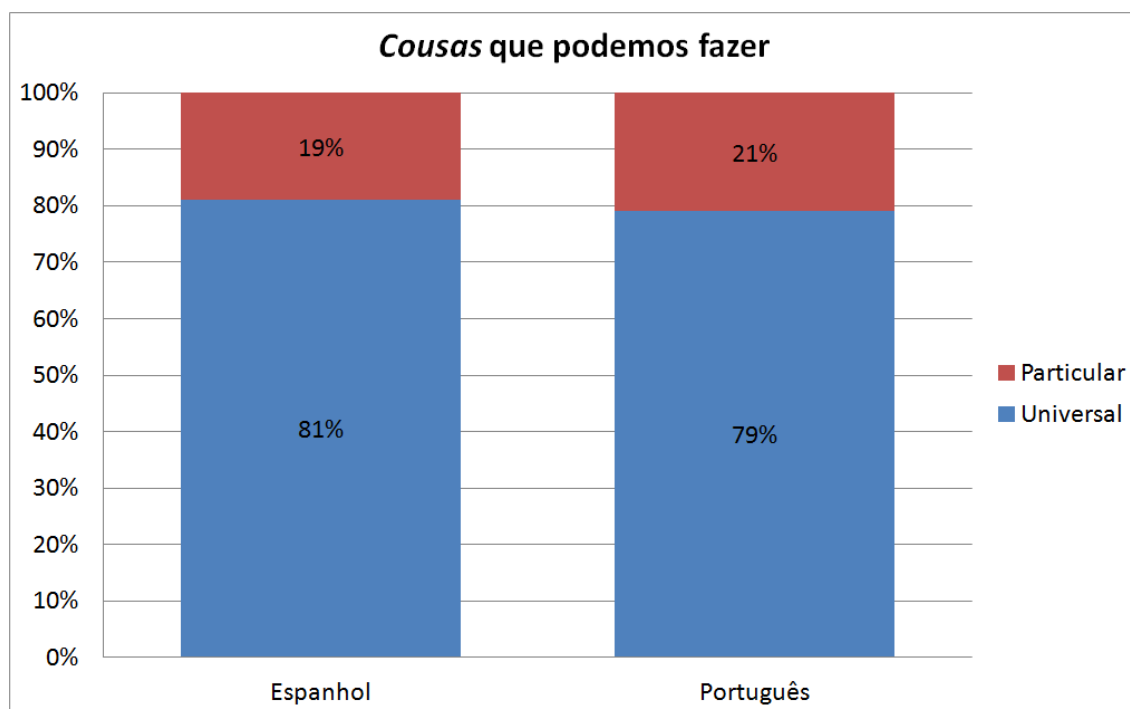


Gráfico 5: Cousas que podemos fazer.

Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão, das seções Cousas que podemos fazer e Juegos y Pasatiempos.

Outras páginas trazem truques de mágica e prestidigitação, com cartas, cordas e moedas. Também jogos de engenho, muitos deles matemáticos, outros de lógica, outros para decifrar ilusões de ótica, etc.

Uma grande parte se dedica a atividades manuais, estas sim geralmente divididas para meninos e meninas. Para elas, há centenas de atividades com agulha: croché, tricô, bordados, roupas para bonecas, jeitos de enfeitar roupas; também fazer doces e perfumes caseiros, dentre outras. Já para os meninos se incluem principalmente atividades de trabalhos com madeira, a utilização de ferramentas, etc.

Outras atividades similares estão relacionadas à elaboração de bonecos com formas de animais com o objetivo de colecioná-los e formar um jardim zoológico para a casa.

É interessante notar que uma grande parte dessa seção – que corresponde a 14% dos textos repetidos nas duas versões, como nos mostra o Gráfico 6 – propõe a realização de experiências, e a construção de artefatos de medição, como por exemplo: um barômetro, um anemômetro, um telescópio, uma ampulheta, etc. Outros ensinam a fazer coleções de pedras, de algas, a cultivar formigas, um instrui sobre como utilizar um microscópio e fazer as observações, outro ensina a fazer uma máquina de vapor caseira, etc. Todas essas atividades tem uma descrição metódica do passo a passo a seguir e de como realizar as observações.

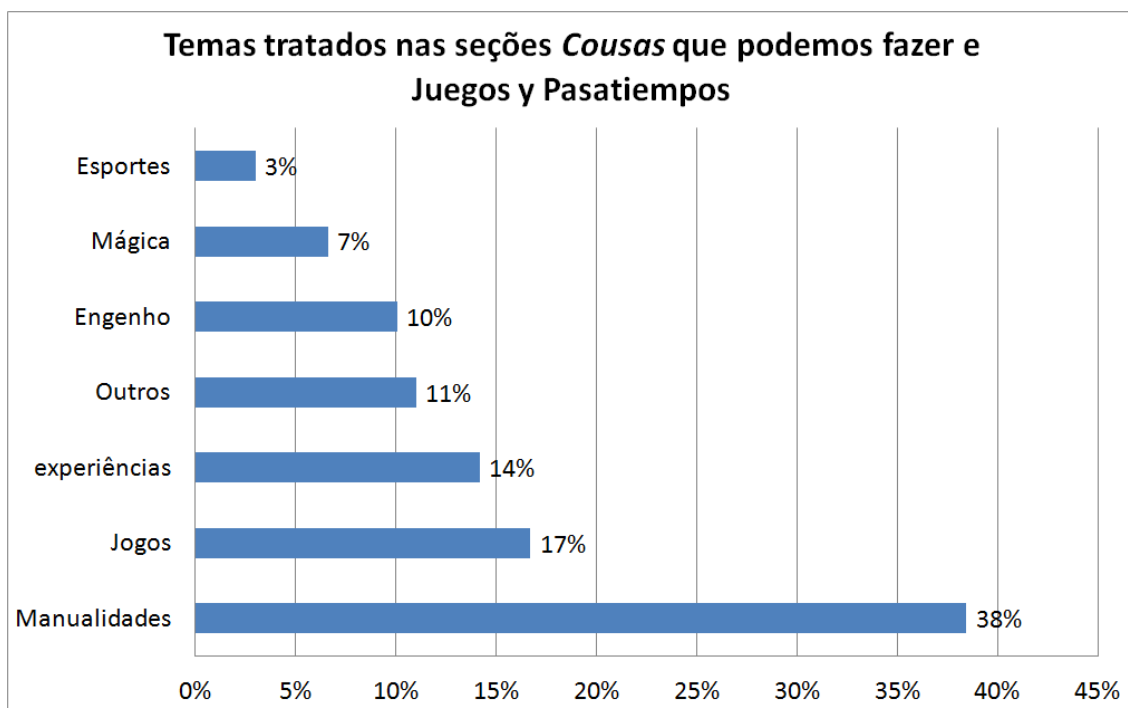


Gráfico 6: Temas tratados nas seções *Cousas que podemos fazer* e *Juegos y Pasatiempos*. Mostra a porcentagem de temas tratados nas seções *Cousas que podemos fazer* e *Juegos y Pasatiempos*. Valores referentes aos artigos encontrados nas duas versões.

Alguns outros textos, de menor presença dentro da seção, falam em geral sobre primeiros socorros, formas fáceis de fazer desenhos partindo de formas geométricas, conselhos variados e gerais que abarcam desde como dormir, como preparar uma cesta de “*pic-nic*”, até como apontar o lápis.

Finalmente, encontramos uma variedade de atividades que a versão em português optou por não incluir na obra, e que foi encontrada na versão em espanhol – traduzidas do inglês. Trata-se de peças de teatro para as crianças interpretarem. É interessante notar, que uma das peças é em francês.

Além dessas peças de teatro, dentre os textos que não se repetem nas duas versões, não encontramos nenhuma especificidade notória. Em geral, são propostas atividades bem similares às repetidas, com exceção de um texto em português que trata pontualmente sobre o escotismo no Brasil.

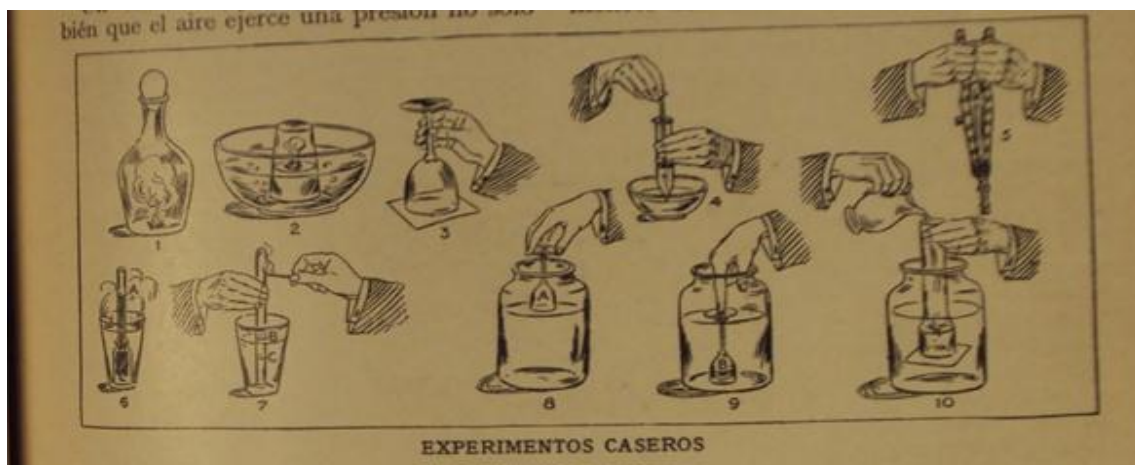


Figura 4: “Experiências caseiras com ar e água”.

Mostra exemplos de experiências caseiras com ar e água propostas nas seções *Cousas que podemos fazer* e *Juegos y Pasatiempos*. A mesma imagem pode se encontrar em *The Book of Knowledge*, na página 5731. Fonte (de cima para baixo): *El Tesoro de la Juventud*, 192?, v. 2p. 486; *Thesouro da Juventude*, 192? v.18 p. 5602.

## 4.2. As Lições Atraentes

Para “despertar as qualidades superiores do nosso espírito” encontramos as formas de manifestação do sentimento estético. Aqui se incluem junto à literatura que veremos a seguir, lições de música, artes e idioma. As seções se chamam *Lições atraentes*, em português, e *El libro de las lecciones recreativas*, em espanhol. A versão em espanhol antecipa que os pais

encontrarán en esta sección un plan de estudio, científicamente construido, por el cual la inteligencia de los pequeños pueden ser guiados-Los rudimentos de música, dibujo, francés e inglés, son dados en una forma especialmente adaptada para la edad de Kindergarten. Cada serie de lecciones ha sido *tratada en el más moderno y más*

*aprobado método, con ilustraciones apropiadas.* (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 26, grifos do autor).

O que podemos observar é que as versões que analisamos fizeram uma seleção do conteúdo da enciclopédia na versão em inglês intitulada “*The book of school lessons*”. Originariamente a versão norte-americana inclui algumas entradas sobre aritmética, leitura (pequenos textos com indicações para interpretá-lo ou dramatizá-lo) e escrita (caligrafia, letras entre as linhas, etc.). Estas não foram incorporadas nas versões em português e espanhol. Os artigos que foram traduzidos referem-se às lições de música, artes, e idioma.

Os textos sobre música e desenho são 100% idênticos. A música é representada como um “reino mágico” – é o piano, que segundo os textos há um em quase todas as casas – onde habitam fadas e gênios. As lições sobre artes ensinam a fazer desenhos partindo de figuras geométricas, copiar formas da natureza (como folhas e flores), e mostram noções de perspectiva.

Já com as lições de idioma devemos marcar uma diferença importante. Embora o método seguido seja o mesmo – trazido da versão norte-americana –, ensinar o idioma mediante histórias em quadrinhos nas quais se encontram as frases traduzidas; é importante destacar que a enciclopédia em português, seguindo o *The Book of Knowledge*, ensina lições de francês. A versão em espanhol ensina dois idiomas. Incorpora a essas lições de francês também a língua inglesa.

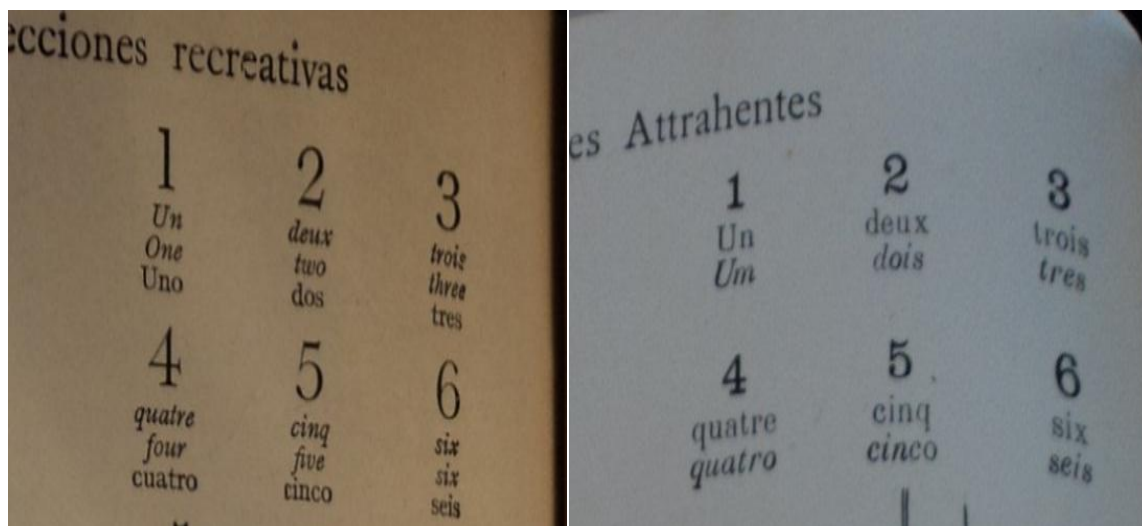


Figura 5: Exemplo de lições de francês.

Se mostra à esquerda a lição dos números de 1 a 6 em francês e em inglês, da versão *El Tesoro de la Juventud*; e à direita os números de 1 a 6 em francês na versão *Thesouro da Juventude*.

Como veremos adiante na seção dos contos, a versão em espanhol também faz ênfase nos idiomas, e incorpora junto a algumas fábulas ou narrações, suas versões nas línguas francesa e inglesa.

## 5. Literatura

Três seções desta obra dedicam suas páginas à literatura, igualmente na versão em português e na versão em espanhol. Elas são: *Os livros famosos* e *Historia de los libros célebres*; *O livro dos contos* e *El libro de las narraciones interesantes*; e *O Livro da Poesia* e seu homônimo em espanhol. Segundo Clovis Bevilacqua, autor da introdução da versão em português, não incluir a literatura na obra, “deixaria esquecido o bello, cujo sentimento nos proporciona gratissimas emoções, e nos impelle por um caminho suave ao aperfeiçoamento moral, recalando as rudezas do nosso ser, e despertando qualidades superiores do nosso espírito” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 8).

## 5.1. Os Livros Famosos

Nesta seção, tanto na versão em português quanto na que lhe corresponde em espanhol, encontramos obras de reconhecimento, aquelas chamadas “obras mestras da Literatura”, tal como são citadas na introdução da versão em espanhol e com as quais todo homem culto deveria estar familiarizado. Aqui não se encontram os livros completos – pois as leituras extensas, segundo a enciclopédia, não agradam as crianças – mas resumos que farão despertar no leitor o desejo de ler a história completa, e perceber o “reino de puro goce espiritual” que guardam os livros.

Nessa seção encontramos uma grande quantidade de textos repetidos, os quais também se encontram na versão em inglês, portanto pensamos que tenham sido traduzidos e incorporados nas versões. Dentre esses textos – que correspondem a 52% para a versão em português e uma porcentagem um pouco menor para espanhol, 40% – estão sínteses dos romances épicos *A Ilíada*, *A Odisseia*, *A Eneida*; *A volta ao mundo em oitenta dias* e *Vinte mil léguas submarinas* de Júlio Verne; *A Divina Comédia* de Dante; obras de Shakespeare como *Romeu e Julieta*, *Otelo* e *Hamlet*; de Cervantes as aventuras de *Dom Quixote*; *As viagens de Gulliver* do irlandês Jonathan Swift; *O Conde de Monte Cristo* do novelista francês Alexandre Dumas; de Charles Dickens o romance *David Copperfield*, e o *Fausto* de Goethe, são alguns exemplos.

É importante marcar que essas seções dedicam uma porcentagem importante de páginas a textos de interesse particular para as versões. No caso de *El Tesoro de la Juventud* observamos até uma porcentagem um pouco maior do que os textos de circulação universal, representando 42% do total. Esse grupo de textos se compõe, em parte, de obras clássicas da literatura espanhola, como: *El Lazarillo de Tormes*, novela do género picaresco, anónima; *El Conde de Lucanor*, obra de contos moralizantes escrito entre 1330 e 1335, pelo infante Don Juan Manuel; *Trafalgar*, de Benito Perez

Caldós, que narra a história de um jovem envolvido da batalha de Trafalgar, disputada na província de Cádiz, Espanha, no marco das guerras napoleônicas; *El alcalde de Zalamea*, obra dramática de Calderón de la Barca, escrita no século XVII; *El mayor imposible*, de Lope de Vega, a quem se considera fundador do teatro espanhol.

Além desses textos que correspondem à literatura da Espanha, encontram-se textos de autores anglo-saxões, como dos ingleses John Ruskin, John Richard Green, H. G. Wells e Daniel Defoe; e dos norte-americanos Elias Kellog, Washington Irving, Fenimore Cooper, autor do romance *El último de los mohicanos*, dentre outros<sup>30</sup>.

Também queremos destacar que essa versão inclui 18% de textos que foram traduzidos do inglês, e não foram incluídos na versão em português. Trata-se de textos de autores variados, com características similares aos que acabamos de citar.

Não encontramos nenhuma referência a textos de autores latino-americanos, que sim podem ser encontrados nas seções de contos e das poesias, como veremos a seguir.

Na versão que circulou pelo Brasil, verificamos que 46% da seção é formada por textos de interesse local. Diferentemente do que vimos antes, nesta seção é marcada a presença de autores locais, brasileiros. Nesse grupo de artigos encontramos, dentre outros, textos de Machado de Assis, considerado “*um dos nossos máximos escriptores*” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 18, p. 5633 ), de quem podemos ler dentre outros, *Helena*, *A História do Rubião*, *Yayá Garcia*. Também encontramos o chamado “nosso poema nacional” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 4, p. 1243), o *Caramuru* de Santa Rita Durão. Também, de José de Alencar, *A história de Iracema* e *O Guarany*. Junto a estes, temos *A moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, para citar alguns exemplos.

---

<sup>30</sup> Pensamos que esses textos devem ter sido traduzidos da versão em inglês, mas não podemos confirmar isso por causa da falta de alguns dos volumes, conforme já citado.

Por outra parte, encontramos extratos do poema *Os lusíadas* do português Luiz de Camões.

Dos textos encontrados na versão em inglês e que foram incluídos somente na versão em português, temos somente um: os *Contos de natal* de Charles Dickens.

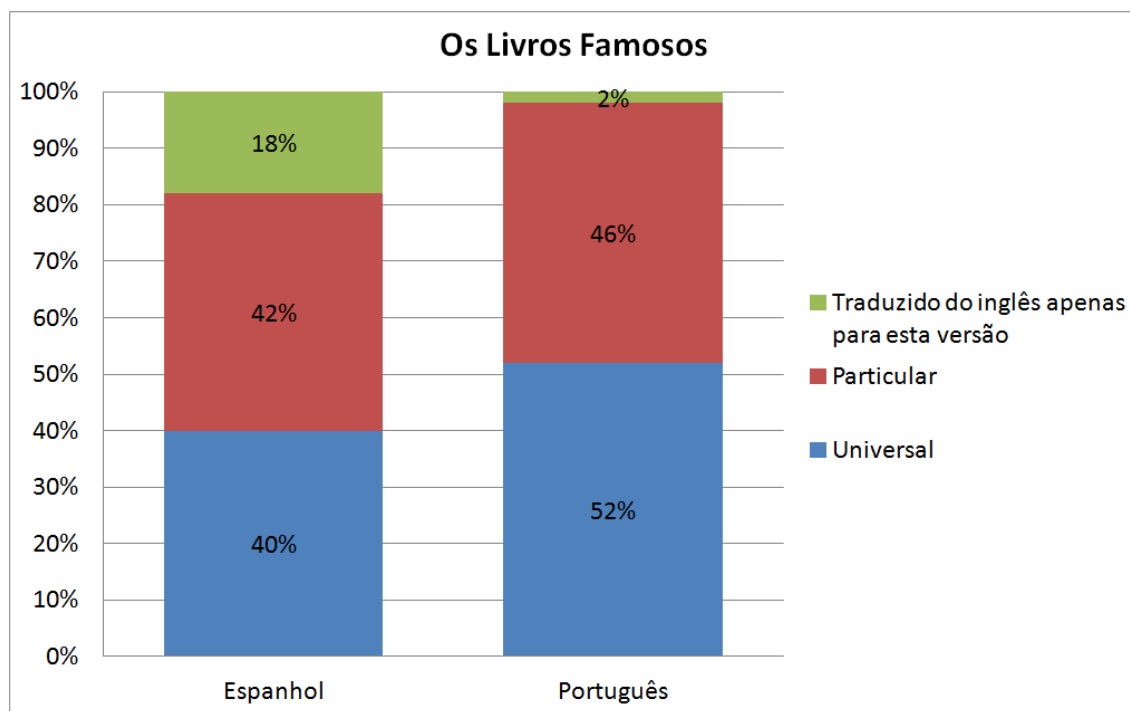


Gráfico 7: Os Livros Famosos.

Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão. Evidencia também a porcentagem de artigos particulares, traduzidos da versão em inglês.

## 5.2. O Livro dos contos

De forma semelhante ao que descrevemos antes, encontramos aqui alguns textos iguais nas duas versões, equivalente a 79% dos textos em português, e 59% dos textos em espanhol (ver Gráfico 8). Dentre os contos que achamos nas duas versões, estão as fábulas de Esopo, contos do Talmud, *Os três porquinhos*, *Alí Babá*, histórias de *Rip Van Winkle*, contos da Idade Média, *Micifuf com Botas*, *Aladin e a lâmpada maravilhosa*, *O patinho feio*, *A bela adormecida*, etc.

Também observamos que estão incluídas nas duas versões textos que narram histórias significativas para os espaços de circulação de cada uma. Vimos que na versão em português elas representam 20% da seção. No geral, trata-se de histórias e lendas brasileiras regionais, histórias de escravos, etc.

Muito parecido é o que encontramos em *El Tesoro de la Juventud*, com 26% dos textos específicos desta versão. Dentre os quais encontramos lendas da cidade de México, romances castelhanos, histórias de sanguinários caudilhos argentinos, de um patriota uruguaio, histórias do Peru colonial, da fundação da capital de Equador, histórias das *huacas* incas, etc. Aqui se evidencia a necessidade de incorporar histórias de toda a região de circulação da enciclopédia, o que pelo que acabamos de ver antes não aconteceu com a versão em português, que inclui narrações praticamente só de brasileiros.

Também encontramos histórias de reis, imperadores, gregos, romanos, contos populares com moral, etc., a grande maioria sem autoria especificada.

Uma questão muito importante para destacar aqui é que esse grupo de textos inclui alguns narrados em inglês e francês, como por exemplo a história *El rey, el noble y el paisano* que tem como contrapartida *Le roi, le noble et le paysan* e *The king, the nobleman, and the peasant*. O mesmo acontece com algumas fábulas de Esopo. Esta proposta de incluir textos em idioma estrangeiro foi evidenciada também na versão em inglês. Não encontramos nenhum caso assim na versão em português.

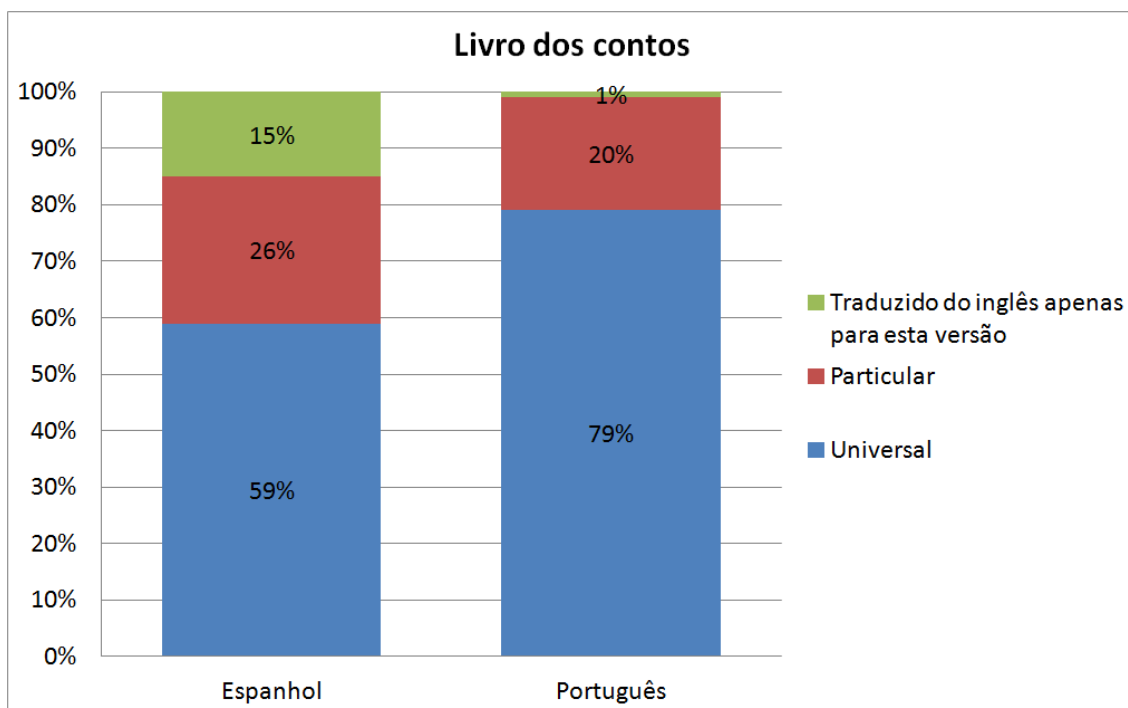


Gráfico 8: O Livro dos Contos.

Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão. Evidencia também a porcentagem de artigos particulares, traduzidos da versão em inglês.

### 5.3. O Livro da poesia

Esta seção mostra grande diferença quando se compara as duas versões. Não há quase nenhum texto repetido, com exceção dos textos introdutórios e explicativos (que se encontram também na versão *The Book of Knowledge*) como “*A poesia é a música das palavras*”, e “*As diferentes espécies de versos*”; e algumas poesias de Victor Hugo, de Longfellow e Schiller.

A versão em espanhol tem mais textos introdutórios e analíticos traduzidos do inglês, como por exemplo: “*a poesia da natureza*”, “*a poesia da ação*”, “*os poetas e a infância*”, “*como se deve ler a poesia*”, etc.

Ambas as seções se compõem de poesias e prosas de autores e temáticas que em sua grande maioria têm significado para o espaço de circulação próprio. Para o caso do *Thesouro da Juventude*, encontramos poemas de portugueses do século XV e XVI como Sá de Miranda e Luiz de Camões; e outros mais contemporâneos à obra: Guerra

Junqueiro, Alexandre Herculano, Almeida Braga, Gomes Leal, etc. A lista é ampla se considerarmos os autores brasileiros do final do século XIX e inícios XX: Casimiro de Abreu, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Raimundo Correia, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Arthur de Azevedo, Bernardo Guimarães, etc.

Um dado a ser destacado é o fato da versão em espanhol ter praticamente o triplo de poemas que a versão em português. Uma explicação possível para isso seria o fato de podermos encontrar nestas páginas poetas de quase toda a América do Sul – e não apenas brasileiros como no caso anterior – isto é, argentinos, uruguaios, peruanos, colombianos, mexicanos, chilenos, cubanos, equatorianos, venezuelanos, porto-riquenhos, e até algumas composições de Olavo Bilac; todos estes principalmente dos séculos XIX e XX.

Também se incluem poemas de espanhóis, que abrangem desde autores do século XVI até mais contemporâneos à edição da obra. Dentre os primeiros, estão Lope de Vega, Francisco de Quevedo, Luis de Góngora, Calderón de la Barca; e outros como Samaniego, de quem se inclui várias fábulas; José María Gabriel y Galán, José Zorrilla, Gaspar Nuñez de Arce, Campoamor, Miguel de Unamuno, etc.

Completando a seção, temos poemas de vários autores norte-americanos, ingleses, franceses, italianos, alemães, e também os considerados “clássicos”: Victor Hugo, Schiller, Goethe, La Fontaine.

## **6. O Livro das *Bellas Ações***

“Nada podía ser más importante hoy día, que alentar el amor a los hechos valientes y de sacrificio propio y personal. *El estímulo del libro de los hechos heroicos es incalculable para nuestra juventud creciente.*” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 25, grifos do autor). Assim justifica a versão em espanhol esta seção, onde

se encontram ações de “heróis” universalmente admirados, mas também “heroes cujas façanhas não se encontram descriptas nos livros; lembramo-nos do grande heroísmo das almas simples, dos feitos gloriosos, das almas humildes[...] pessoas modestas cujos nomes muitas vezes nos são desconhecidos” (THESOURO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 111). Em geral destacam-se qualidades morais como a iniciativa, a energia, a coragem, a lealdade, a perseverança, a honra, e o patriotismo. Se observarmos os textos que se encontram nas duas versões encontraremos, no geral, casos de personagens europeus: padres missionários, cônsules, senadores e até escravos romanos; heroínas que deram a vida pelo país ou pelos filhos, exemplos de caridade, reis que perdoavam e cuidavam do povo, etc. É interessante notar que vários dos exemplos referem-se a crianças. Destacam-se neles a pureza, a lealdade, e até a coragem para agir em situações nas quais os próprios adultos não se atreveram.

Ao comparar as duas versões, vemos que a versão em português possui mais entradas que a versão em espanhol, mas muitas delas podemos localizá-las na versão em espanhol, na seção dos contos.

Dentre os textos que encontramos somente na versão em português (37%), a grande maioria corresponde a feitos de brasileiros, e também se incluem histórias de alguns portugueses.

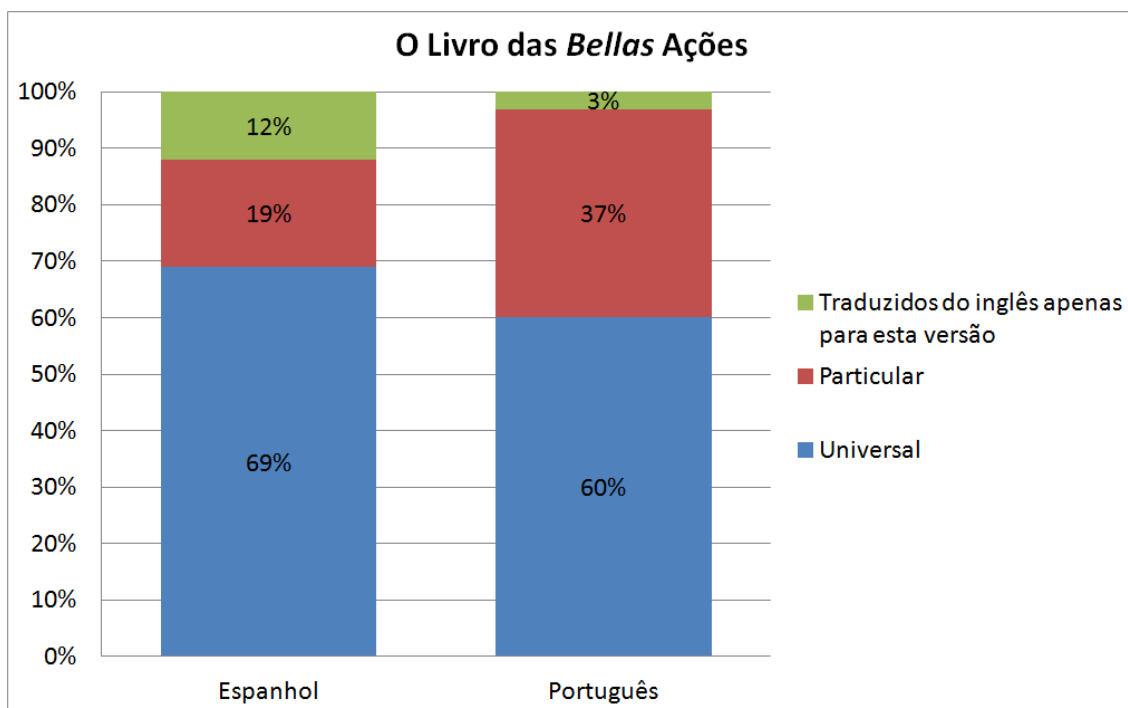


Gráfico 9: O Livro das *Bellas Acções*.

Mostra a porcentagem de artigos repetidos e artigos particulares para cada versão. Evidencia também a porcentagem de artigos particulares, traduzidos da versão em inglês.

Podemos citar o caso do texto “Irmãs pelo sangue e pelo heroísmo” onde se narram as histórias de “mulheres patriotas”: uma portuguesa que estimulou os filhos a entrarem em revolta contra a opressão espanhola, e duas brasileiras, sendo que uma delas, Dona Maria de Sousa, mesmo tendo perdido filhos na luta contra os holandeses em Pernambuco “não manifestou abatimento: desapareceu a mãe extremosa, para deixar atuar a mulher patriota” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 111) e mandou os dois filhos restantes ao combate. A outra, chamada no texto de “Mãe dos Brasileiros”, era Anna Nery, uma baiana que, na Guerra do Paraguai, acompanhou seus dois filhos médicos, e trabalhou no hospital “velando pelos feridos e amenizando com o conforto da sua palavra afetuosa o sofrimento de tantos patriotas”. (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 111). É interessante destacar que vários outros textos também contam histórias de patriotismo acontecidas na Guerra do Paraguai, o que não compõe a versão em espanhol.

De caráter similar, destacando o patriotismo e o espírito de lealdade e disposição para o trabalho, também há textos sobre portugueses.

Na versão em espanhol os textos específicos são 19% do total. Alguns fazem referência a situações ou personagens do território sul-americano, como os médicos que atuaram numa epidemia de febre amarela em Buenos Aires. Outro é dedicado a Francisco Antonio Maciel, um dos fundadores da cidade de Montevideu, conhecido como o “pai dos pobres” devido às obras de caridade que realizou; outro sobre os caudilhos da independência mexicana; outro sobre curacas incas, etc. Mas também há histórias de cristãos perseguidos, e rasgos de heroísmo em histórias de italianos, franceses, ingleses, etc.

## 7. Os homens e mulheres célebres

De modo semelhante ao que descrevemos para as outras seções, ao se verificar o aparecimento de homens e mulheres célebres em ambas as seções, encontramos alguns textos comuns e outros específicos, incorporados apenas em uma das versões.

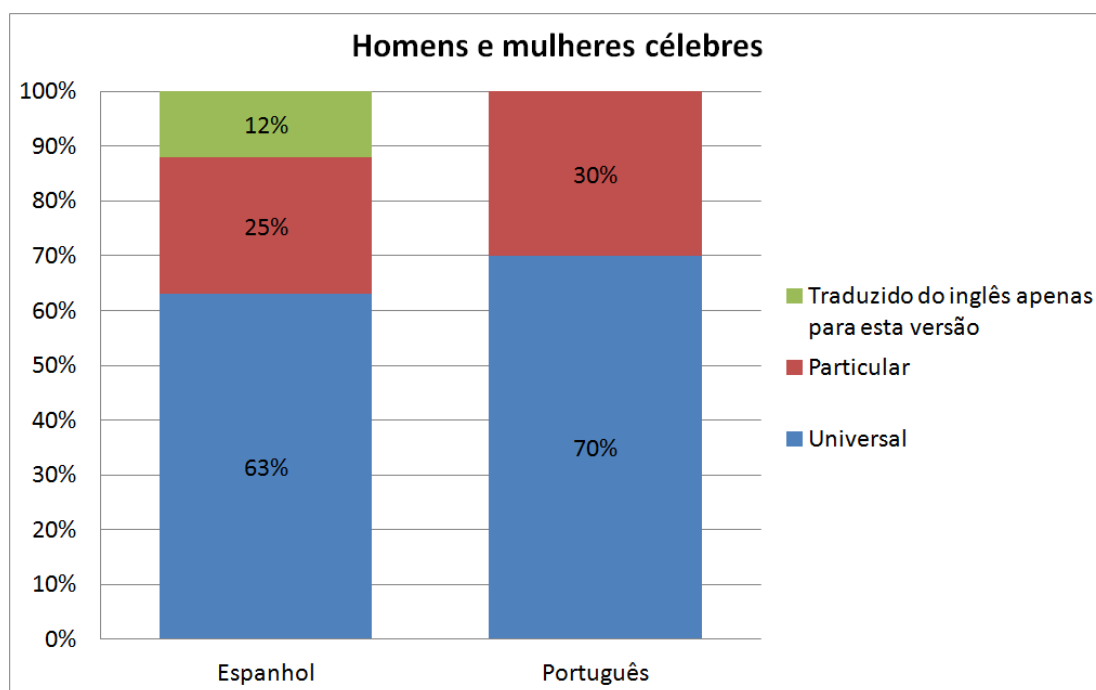


Gráfico 10: Homens e mulheres célebres.

Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão. Evidencia também a porcentagem de artigos particulares, traduzidos da versão em inglês.

Ao indagar acerca desses textos comuns percebemos que a maior porcentagem refere-se a cientistas e inventores – como podemos ver no Gráfico 11, 17%. Trata-se dos inventores do telefone e do telegrafo, da descoberta da eletricidade, dos inventores da imprensa, de astrônomos como Copérnico, Kepler, Galileu; etc. Em segundo lugar em quantidade de páginas dedicadas estão os construtores das cidades de Veneza, Roma e Florença, juntamente aos artistas que as embelezaram. Um grande espaço também é dedicado a políticos e militares, dentre eles podemos citar Napoleão, imperadores romanos, e os que são chamados no texto de “*Os heróis das nações*”, muitos deles foram líderes de lutas pela independência. Observações sobre esse artigo serão detalhadas adiante.

Um espaço considerável (11%) também é outorgado aos exploradores, homens que “deram a conhecer o mundo”, abarcando desde as primeiras expedições ao Oriente, as viagens de ultramar, até os exploradores das regiões polares. É interessante notar que a mesma porcentagem de páginas é utilizada para religiosos e mártires cristãos.

Por outra parte encontramos também artistas, principalmente renascentistas (Da Vinci, Raphael, Velásquez, Ribera, Cellini, etc.), “grandes pensadores” (Platão, Aristóteles, Séneca, Euclides, Arquimedes, Tomás de Aquino, Bacon, Descartes, Kant, Locke, etc.), escritores (Virgílio, Dante, Bocaccio, Cervantes, Schiller, Goethe, Victor Hugo, etc.) e músicos (Mozart, Chopin, Palestrina, Wagner, Bach, Handel, Bellini, Rossini, Verdi, etc.).

Também encontramos um artigo repetido sobre os escravos célebres e outro sobre Cleópatra, a “rainha do Nilo”. No texto sobre os escravos, as duas versões em geral coincidem contanto histórias de escravos gregos e romanos, mas a versão em português acrescenta a estas a história da formação do quilombo de Palmares.

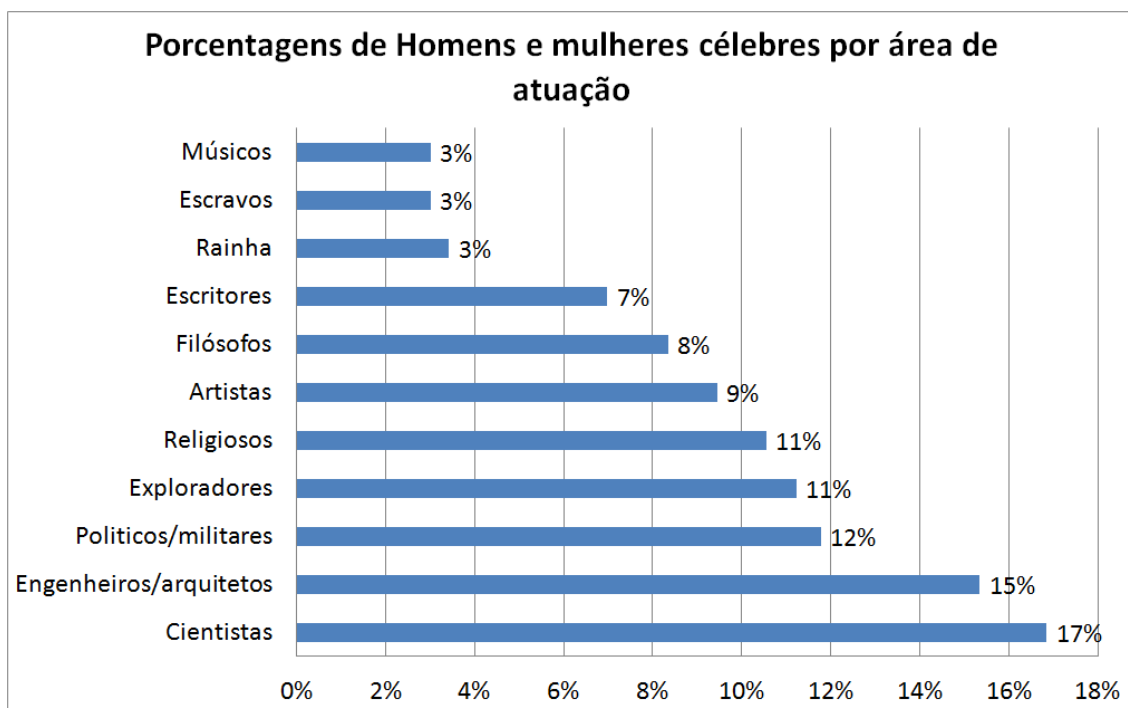


Gráfico 11: Porcentagem de Homens e mulheres célebres por área de atuação.

Mostra a porcentagem de Homens e mulheres célebres por área de atuação. Valores referentes aos artigos encontrados nas duas versões, pela soma de páginas dedicada a cada área de atuação.

É interessante notar que, ao observarmos as categorias em que dividimos esses personagens, a maior quantidade de páginas referentes a cientistas nos mostra a grande valorização desta atividade. Enquanto podemos encontrar escritores, políticos, militares, etc. que podem ser mais representativos apenas para uma região ou nação em particular, os feitos dos cientistas, seja qual for sua nacionalidade ou lugar de atuação, seriam de importância para o mundo todo, e em favor da humanidade toda. Esse é um aspecto a ser considerado no processo de universalização de referências e valores. Enquanto os feitos de um político ou militar revelam astúcia, habilidade ou força que envolvem povos e interesses, o alcance da ação dos cientistas e artistas são mais facilmente percebidos como sendo um bem comum, como se não houvesse interesses e perspectivas legítimas sendo silenciados.

Vale também ressaltar que a maioria destes textos que tem circulado pelas versões refere-se a personalidades, em sua grande maioria de origem europeia,

reforçando uma representação geopolítica da superioridade de um povo e de um modelo de civilização.

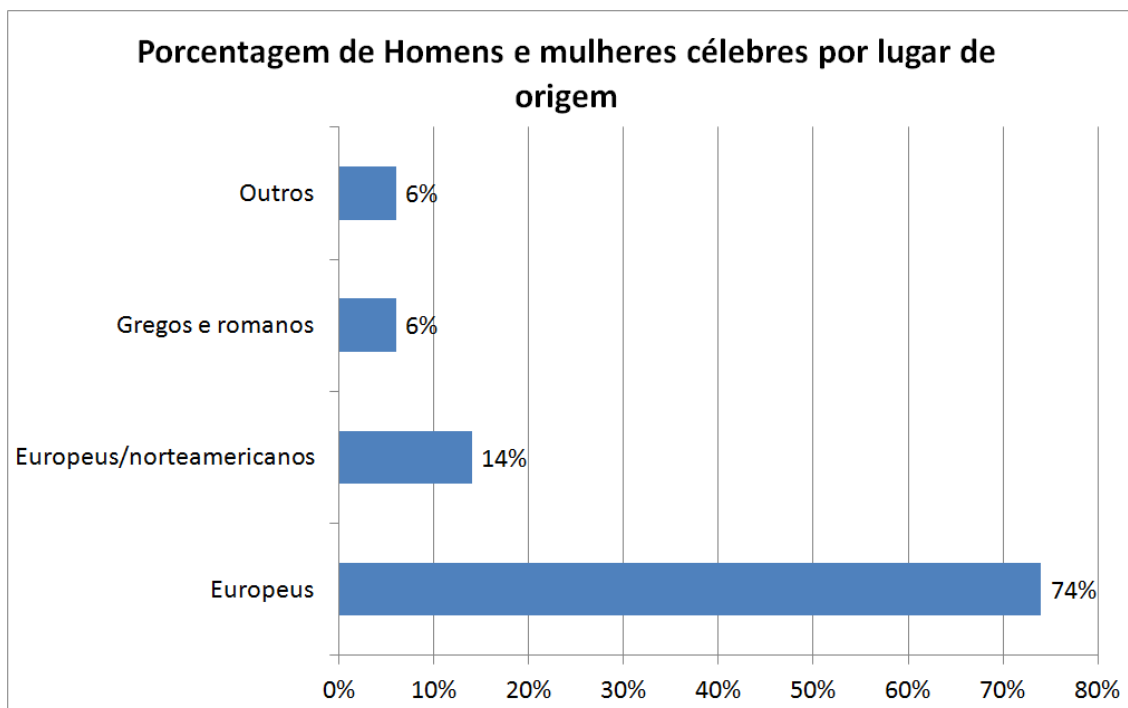


Gráfico 12: Porcentagem de Homens e mulheres célebres por lugar de origem.

Mostra a porcentagem de Homens e mulheres célebres por lugar de origem. Valores referentes aos artigos encontrados nas duas versões, pela soma de páginas dedicada a cada lugar de origem.

No entanto se as referências comuns são predominantemente europeias, podemos ver o peso da nacionalidade – e a expressão do patriotismo – no conjunto das unidades (ver Gráfico 13). Dentre os textos particulares encontrados no *Thesouro da Juventude* se incluem artigos sobre brasileiros, como José Bonifácio, Anchieta e Tiradentes, Anita Garibaldi, Duque de Caxias. Há também e um artigo sobre “*Os grandes escritores brasileiros*”, onde encontramos referências a poetas do período colonial (como Basílio Da Gama, Santa Rita Durão, Tomás Antônio Gonzaga, etc.), do século XIX, (Gonçalves Dias, Machado de Assis, Castro Alves, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Olavo Bilac, etc.), e outros mais contemporâneos à obra (Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, Mário de Alencar, Monteiro Lobato e Ruy Barbosa).

Também encontramos textos referindo-se a portugueses, como Santa Isabel de Portugal, Magalhães e sua façanha, Nuno Álvares, e grandes escritores portugueses, dentre eles, o chamado “príncipe das letras portuguesas”, Luiz de Camões.

De outro lado, em *El Tesoro de la Juventud*, essa seção também se compõe de uma porcentagem significativa de textos apenas encontrados nesta versão (ver Gráfico 10). Dentre os personagens de interesse local, foram incluídos por exemplo,

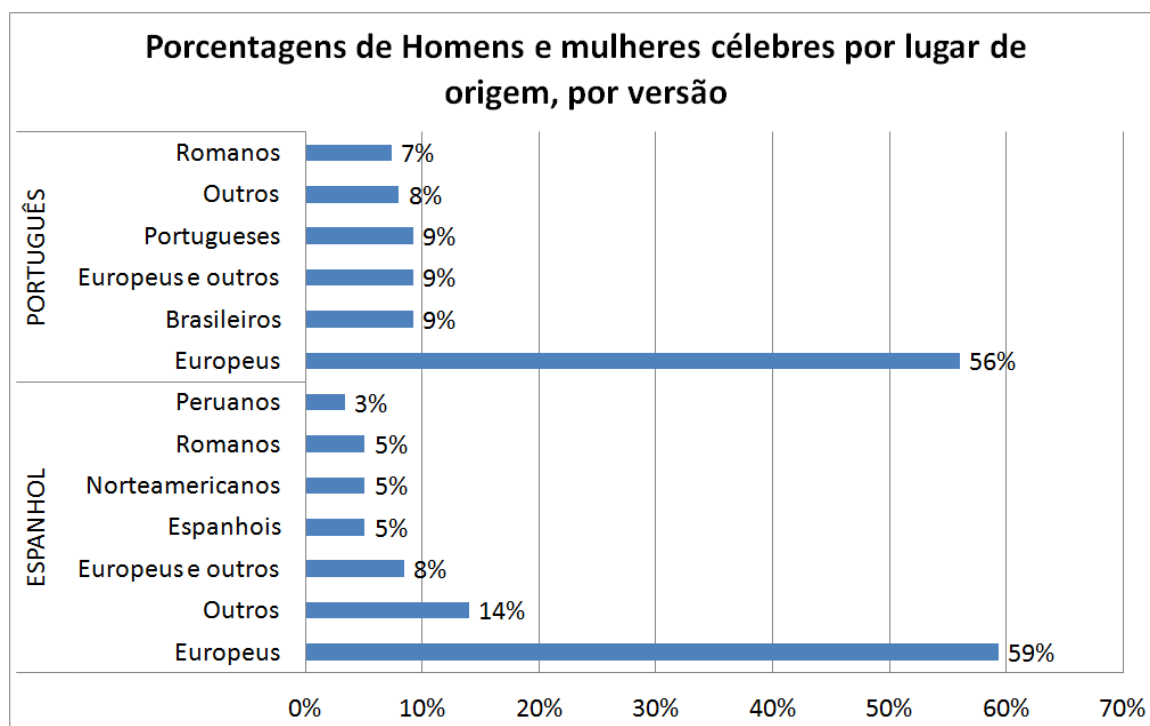


Gráfico 13: Mostra a porcentagem de Homens e mulheres célebres por lugar de origem, por versão.

Mostra a porcentagem de Homens e mulheres célebres por lugar de origem nas duas versões. Valores referentes aos totais de cada versão.

uma santa peruana, Santa Rosa de Lima, e o Padre Talamantes, religioso da mesma nacionalidade que foi um dos predecessores da independência mexicana, encabeçada depois por Hidalgo (ver Gráfico 13).

É importante notar as diferenças nas escolhas feitas pelos editores da versão em português quando incluem os brasileiros nesta parte. A versão em espanhol reserva o espaço a próceres e personagens latino-americanos na seção de *El Libro de la América*

*Latina*, junto aos capítulos que tratam da história e da geografia de cada um dos países. Encontramos naquela seção artigos sobre próceres argentinos, chilenos, uruguaios, peruanos, e cubanos.

Destacam-se também alguns personagens espanhóis não presentes nas outras versões, como El Cid Campeador, herói espanhol da Idade Média, cavaleiro cristão; e o artista Murillo.

Outros artigos tratam de cientistas, como é o caso de Humboldt, reconhecido como “o sábio explorador da América Latina”. Nos casos de Lutero Burbank<sup>31</sup>, e Joseph Lister<sup>32</sup>, cremos que tenham sido traduzidos do inglês, e que estes textos se encontrem nos volumes que nos faltam desta versão. De fato, seus nomes constam no índice geral do *The Book of Knowledge*. Assim como aparecem também o nome da escritora Helen Keller, e do empresário Andrew Carnegie.

De todo modo, os dados nos mostram que efetivamente existem textos traduzidos do inglês apenas para a versão em espanhol (12% do seu total). Neles encontramos os casos de Shakespeare, Sir Walter Raleigh, Edison, autores de contos de fadas, grandes médicos do mundo, e revolucionários franceses.

Um último aspecto que queremos chamar a atenção é que nesta seção, de forma idêntica nas duas versões, os homens são uma enorme maioria. Se olharmos o total, percebemos que estes representam 94%, cabendo às mulheres uma porcentagem baixíssima. Elas aparecem em destaque em textos sobre vidas de santas, rainhas, ou raros casos como escritoras. A excepcionalidade é Anita Garibaldi. A aparição de

---

<sup>31</sup> Lutero Burbank (1849-1926) foi um botânico norte-americano. Cabe apontar que no texto do *El Tesoro de la Juventud*, ele aparece em destaque e é citado como alguém que tem conseguido e **ainda pretende conseguir...** Observamos que o texto está narrado em tempo presente, o que nos possibilita dizer que o artigo tenha sido escrito antes do seu falecimento.

<sup>32</sup> Joseph Lister (1827-1912) foi um cirurgião inglês.

mulheres é mais denotada na seção das belas ações, onde são atribuídos a elas atos de entrega, caridade, amor, lealdade, e honra.

## 8. Ciências sociais

Finalmente, encontramos em duas seções textos referentes às ciências sociais, mais especificamente textos relacionados com a História e a Geografia. Vale dizer que aqui foram notadas grandes diferenças, não apenas no conteúdo, mas também na própria concepção das seções ao abordar o estudo dos espaços geográficos. Como já vimos na Tabela 1, a versão em português divide o mundo em “velho” e “novo”; a versão em espanhol trata por um lado, dos “países e seus costumes” e, por outro, da América Latina. Embora em vários casos os textos se repitam, essas diferentes concepções implicam também uma classificação diferente dos países, mudando o sistema de inclusão para uma ou outra seção. Isso será visto mais detalhadamente a seguir.

### 8.1. O Livro do Velho Mundo e *Los países y sus costumbres*

Para a seção do Livro do Velho Mundo, a proposta da enciclopédia em português é a seguinte:

Do velho mundo trouxeram os nossos antepassados para a America a civilização que hoje domina em toda a Terra. Mas se a civilização nestes dois mundos é a mesma; se temos todos, dos dois lados do Atlantico, os mesmos mestres no passado e as mesmas aspirações para o futuro, não deixa de haver pequenas diferenças, que permitem distinguir o espirito e as sociedades da America, do espirito e das sociedades da Europa. Na Europa sente-se mais a influencia do passado, das suas tradições, dos seus monumentos, com as grandes e permanentes lições que elle nos legou; na America revela-se com mais independencia o espirito audacioso de innovações. Aqui são as nações da actualidade que quase exclusivamente nos interessam; no Velho Mundo encontramos por vezes ainda mais attractivo em nações desaparecidas há muitos séculos, das quaes herdamos religião, costumes, sciencia, politica, arte, literatura e philosophia (THESOURO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 231).

Como fica visível na citação, privilegia-se o enfoque sobre os países da Europa, ficando bem marcada a diferença de “espírito” entre um “velho” mundo, de tradição e cultura clássica que espalhou civilização, com um “novo mundo” que herdou estes legados, mas que se mostra mais propício à inovação e ao progresso.

Por outro lado, com uma perspectiva diferente, o *Tesoro de la Juventud*, nomeia a seção equivalente como “Los países y sus costumbres”, e inclui aqui

la historia de aquellas naciones que han influenciado en el pasado o influncian todavía en el presente la vida humana. Incluye una breve descripción de los principales países y naciones del mundo. No es un archivo árido de fechas y nombres; Historia y Geografía están enlazados; los hechos vitales en la vida, modales y costumbres del pueblo, tienen aquí un amplio espacio; como en ninguna otra parte se encuentran breves y sencillos relatos de las diversas formas de gobierno de esos países; cientos de fotografías traen vivamente ante la vista a España, Inglaterra, Alemania, etc., y muestran la influencia de cada uno sobre el otro, y sobre la Historia general del Mundo (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 22).

Como já foi dito anteriormente, essas diferentes concepções fizeram com que as seções incluíssem diferentes espaços geográficos. Na versão em português podemos observar que a grande maioria dos textos refere-se à Europa e, em porcentagens bem menores refere-se à Ásia, à África, a aos povos árabes.

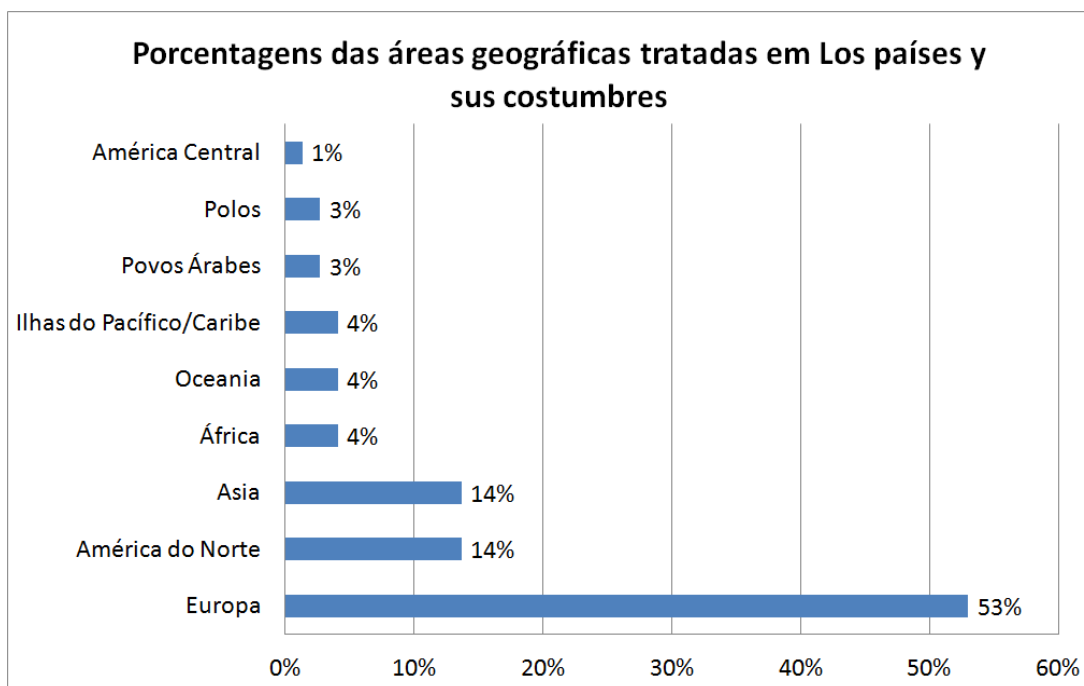


Gráfico 14: Porcentagens das áreas geográficas tratadas na seção Los países y sus costumbres, da versão El Tesoro de la Juventud.

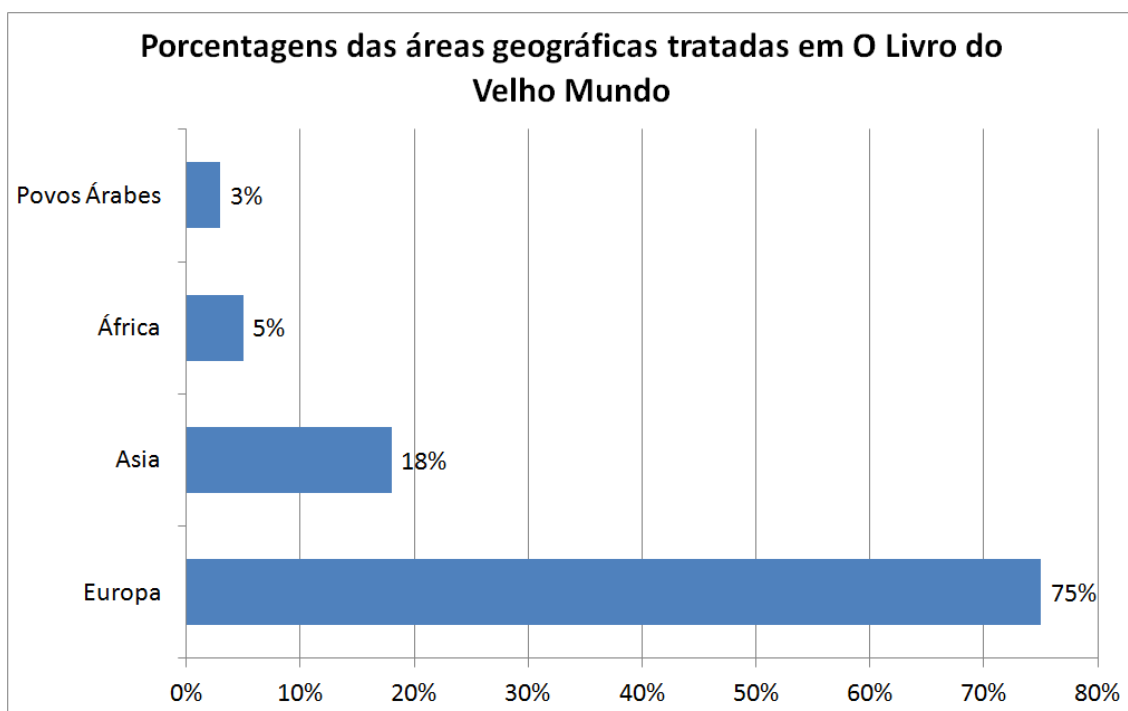


Gráfico 15: Porcentagens das áreas geográficas tratadas na seção O Livro do Velho Mundo, da versão Thesouro da Juventude.

A seção equivalente na versão em espanhol contempla, além desses espaços citados, a América Central e do Norte, a Oceania, os Polos, as ilhas do Pacífico e do

Mar Caribe. É importante verificar que a seção em espanhol tem quase o dobro de textos, pois são 73 artigos. A versão em português possui apenas 40.

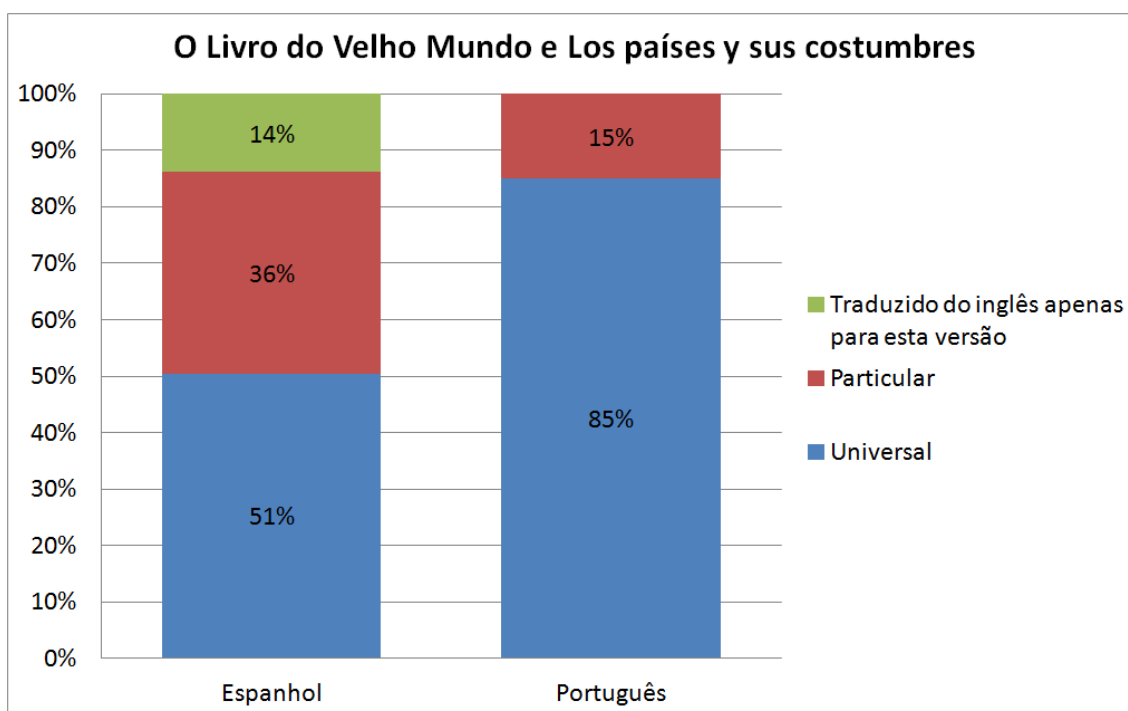


Gráfico 16: O Livro do Velho Mundo e Los países y sus costumbres. Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão.

Como nos mostra o Gráfico 16, é maior a quantidade de textos repetidos na versão em português já que esta se compõe especialmente de textos relacionados à Europa, presentes também na versão em espanhol, e que foram traduzidos do inglês. Dentre estes foram encontrados textos sobre Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Grécia, Roma, França, Rússia, Irlanda, etc. Também encontramos textos de países asiáticos, como China, Japão, Índia; e textos sobre a África, um sobre a grandeza do Egito, e os territórios africanos em posse de estrangeiros.

Os textos que se encontram exclusivamente em português são, na grande maioria, relacionados à história de Portugal.

Os textos encontrados somente em espanhol, equivalentes a 36%, tratam especialmente da Espanha, mas há também textos sobre outros territórios, como a Península Balcânica, as regiões polares, ilhas e territórios conquistados, em que se

destacam o exotismo e a barbárie nos costumes dos povos, antes de serem colonizados. Voltaremos a este assunto mais adiante.

Pode-se observar que a enciclopédia em português deixa de lado alguns textos que a versão hispânica opta por incluir. São artigos sobre Nova Zelândia, Austrália, Pérsia e Turquia, um texto sobre o parque do Yellowstone, e até um acerca das obras do Canal de Panamá, que compõem 14% da seção.

## **8.2. O Livro do Novo Mundo e *El Libro de la América Latina*.**

Nestas seções se repete o que acabamos de descrever. A definição da seção implica que a seleção de artigos para a sua composição se faça segundo critérios diferentes. Como dissemos, a enciclopédia lusófona tentou destacar os países da América com a denominação de “novo mundo”, fazendo referência ao espírito de progresso e inovação. Estão incluídos aqui textos sobre os Estados Unidos e o Canadá, como também o restante dos países latino-americanos, em especial o Brasil. Não é o que acontece com a versão em espanhol. Esta decidiu englobar os textos sob a denominação de “América Latina”, excluindo assim os países de América do Norte.

Pensamos que esta denominação da seção, “América Latina”, encerra um laço identitário marcado talvez pelas lutas de independência contra a metrópole espanhola. É interessante reparar que a enciclopédia em português não optou por essa nomenclatura, talvez por buscar fortalecer o laço com a inovação, a civilização e o progresso. No próximo capítulo aprofundaremos essa questão.

Diferentemente do mostrado na descrição anterior, quando muitos dos textos repetidos foram encontrados também na enciclopédia em inglês, estas seções evidenciaram ser plenamente projetadas pelos editores das obras que circularam pela América do Sul, já que em *The Book of Knowledge* apenas dois textos tratam das repúblicas sul-americanas, e de modo muito sintético e superficial. Em contraposição, as

seções *The Book of the United States* e *The Book of Canada*, não foram traduzidas nas versões que analisamos.

Vale notar que a seção em português é composta de uma quantidade menor de textos, se comparada com a sua correspondente em espanhol, isto é, são 32 textos, distribuídos em 318 páginas; contra 40 textos, distribuídos em 519 páginas.

Como pode ser visto no Gráfico 17, para ambos os casos a porcentagem de textos compartilhados é baixa. Na seção do Novo Mundo, 31% dos textos repetidos são sobre a Bolívia, o Paraguai, o Equador, a Colômbia, a Venezuela e as Guianas, um sobre os aborígenes, e outro sobre onde apareceram os primeiros homens. São os mesmos da versão em espanhol, só que resumidos e simplificados, revelando dados pontuais sobre o clima, o relevo, a população, as principais atividades económicas, e sumários comentários históricos.

Dentre os textos que só foram publicados em português, constatamos que a maioria se refere ao Brasil. Estes destacam sua história, flora, fauna, seus produtos típicos, sua economia, etc. Do total de 32 artigos, 15 tratam sobre o Brasil. Seguem-lhe em quantidade artigos sobre os Estados Unidos (ver Gráfico 18).

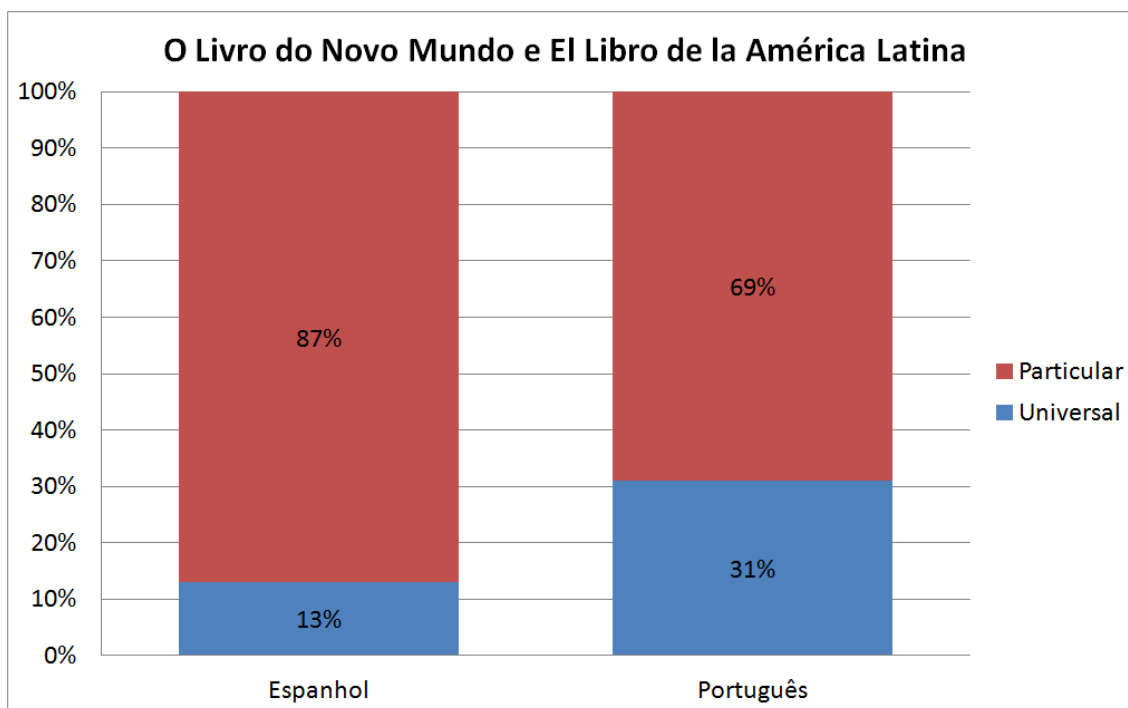


Gráfico 17: O Livro do Novo Mundo e El Libro de la América Latina. Mostra a porcentagem de artigos repetidos e de artigos particulares para cada versão.

Na versão em espanhol, verifica-se que a grande maioria de artigos é específica desta versão. Dentre estes artigos há textos sobre a Argentina, o Chile, o Uruguai, Cuba, Peru, e Brasil. Vale notar que esses textos são assinados pelos chamados colaboradores especiais, como dissemos antes. Os textos referentes ao Brasil nessa edição de autoria de João Dalmacio, Osório Duque-Estrada, João Luso. Esses autores não foram assinalados com os outros na folha de rosto.

É importante destacar que são vários os textos sobre os países latino-americanos. São encontrados, por exemplo, a História do Chile narrada em três partes, dois textos são dedicados aos homens ilustres, e separadamente há um texto sobre o turismo no Chile. De modo similar acontece com os outros países. Ali se faz notar a marca do compilador argentino e consultor da obra, que inclui maior quantidade de textos sobre sua nação. Em geral, encontramos uma média entre 5 e 6 textos por país, mas no caso da Argentina, são 9 artigos.

Cremos que os textos que não identificam autoria (Bolívia, Paraguai, e o que reúne Equador, Colômbia, Venezuela e as Guianas), tenham sido escritos pelo próprio Zeballos.

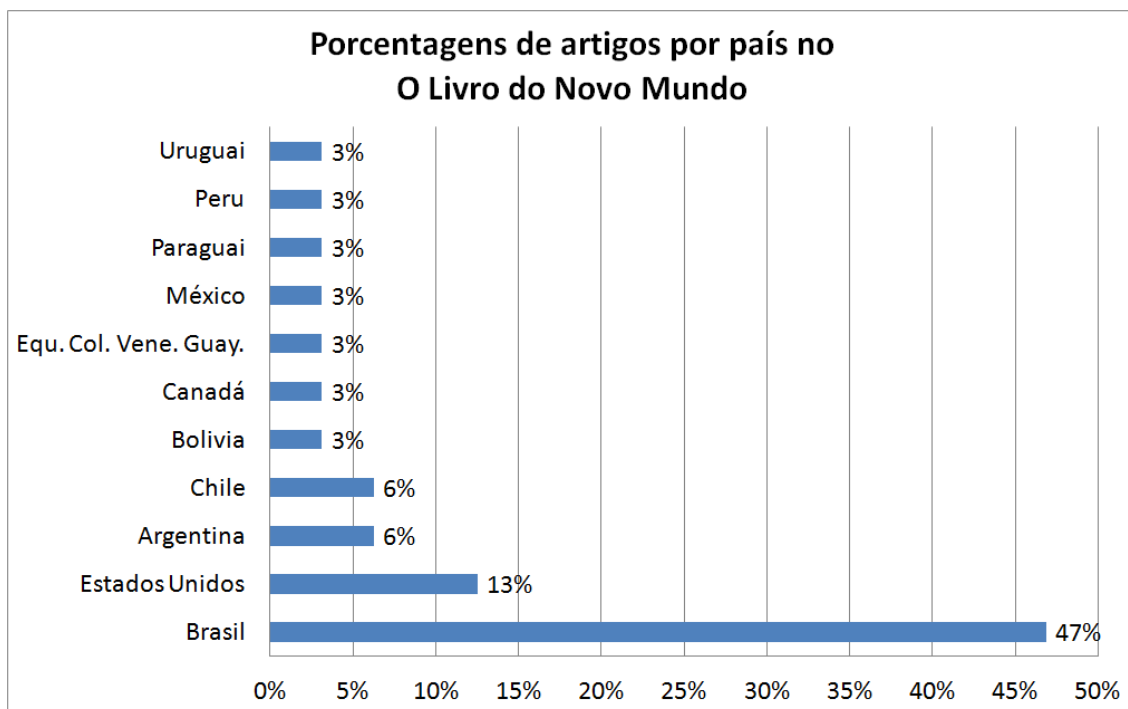


Gráfico 18: Porcentagem de artigos dedicados a cada país, na seção O Livro do Novo Mundo, na versão Tesouro da Juventude.

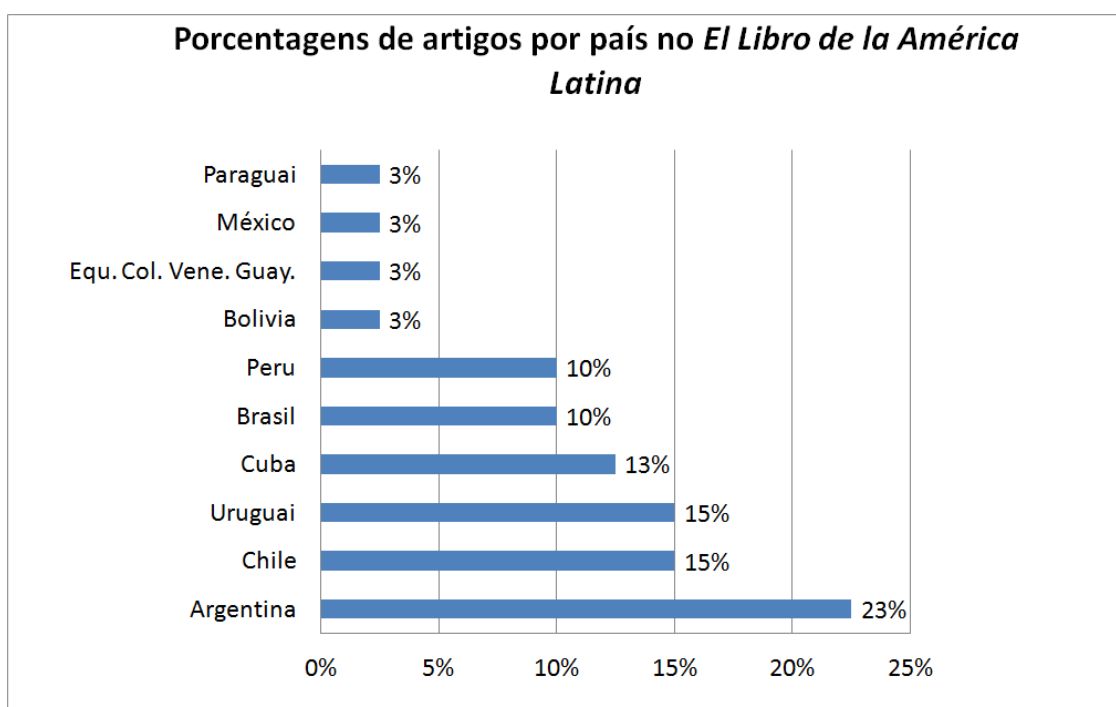


Gráfico 19: Porcentagem de artigos dedicados a cada país, na seção El libro de la América Latina, na versão El Tesoro de la Juventud.

Verificamos que a alguns países somente foi dedicado um artigo, onde são apresentados dados pontuais como a localização geográfica, número de habitantes, principais produtos e recursos, e breves narrações da história, o que indicaria não ter sido escrito por um especialista ou um escritor nacional.

Ao mesmo tempo, por exemplo, no caso do texto de Bolívia, há referências com relação a outros países, e em particular com a Argentina, que nos mostram informações que nos fazem pensar que o texto tenha sido escrito por um argentino:

La República de Bolivia parece aislada en sus grandes y ricas montañas. Después de la guerra que sostuvo aliada al Perú contra la República de Chile en 1879, la derrota sufrida dio lugar a que Chile ocupara todo el litoral de la república y parte del peruano. En consecuencia, la República de Bolivia perdió los magníficos puertos y caletas que tenía en el Pacífico, en Mejillones, Cobija y otros, hasta las cercanías de Arica. Este es un problema internacional de la mayor trascendencia para la América del Sud. Exigirá un gran tacto para el futuro, pues las naciones amigas de Bolivia no pueden mantenerla condenada a no disfrutar de una salida natural al Pacífico, para el desarrollo de su comercio. [...] Rodeada la República de Bolivia geográficamente por las naciones que la cierran en todo sentido, está obligada a mantener una acción diplomática y política hábil para asegurar su comercio en las tres direcciones. **Sin embargo, las repúblicas de Chile y del Brasil no han sido hasta ahora liberales con Bolivia y han ejercido presión sobre su comercio. La república Argentina, al contrario, ha celebrado diferentes convenciones internacionales con Bolivia, a fin de facilitarle su salida al mundo** por el Río de la Plata, vía Paraguay, y por los ferrocarriles vía Tarija. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 13, p. 4353, grifos nossos).

Precisamos chamar a atenção para um fato importante: como os textos são sobre diferentes países, e são produto de contribuições de intelectuais das distintas nacionalidades, é no tratamento dos conflitos que as diferentes perspectivas vêm à tona. Isso fica claro quando observamos as referências à Guerra do Pacífico. A perspectiva do autor do texto, quem supomos se tratar de um argentino, já está evidenciada na citação acima. Mas o que dizem os diretamente envolvidos?

La guerra de el Pacífico aunque fué desastrosa para el Perú, estaba llena de heroicos episodios y bravas hazañas características de la raza. Esta terrible guerra entre *dos naciones hermanas* duró desde 1879 a

1882 (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192? v. 11, p. 3882, grifo nosso).

Esse texto escrito pelo peruano Paulino Fuentes Castro, representante da nação derrotada, destaca negativamente o fato de uma guerra entre nações irmãs, e ainda que lamentamente a derrota, marca o heroísmo dos compatriotas que participaram dela. Em parágrafos posteriores, o autor narra as batalhas mais memoráveis e conclui com o acordo de paz firmado.

Já a visão dos vencedores é outra. O texto do chileno Alberto Edwards é bem mais entusiasta e extenso e, além disso, se propõe justificar o motivo da guerra:

Como ya lo hemos recordado antes, el Perú fué, al igual que Chile, una colonia de España, pero mucho más rica e importante. Hemos visto también que Chile auxilió al Perú para conquistar su independencia, y que años más tarde lo libertó de la tiranía del boliviano Santa Cruz. Después cuando la escuadra española ocupó las islas Chinchas, nuestro país acudió nuevamente en defensa del Perú. Sería de creer que el Perú estaba muy agradecido por estos beneficios; pero no fué así. Entre las naciones como entre los individuos los intereses se sobreponen a la gratitud. [...] Perú celebró entonces un tratado con Bolivia, para explotar el salitre en común, pero eso no bastaba. Era necesario apoderarse, además, de la parte del territorio de Chile en que existe la misma sustancia. Y el Perú y Bolivia comenzaron a buscar pretextos para hacer la guerra a Chile. Creían que dos naciones vencerían fácilmente a una sola... pero se equivocaron [...] La paz que siguió a aquella guerra gloriosa aseguró a Chile la posesión de las provincias peruanas y bolivianas en que existía el salitre (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v.9, p. 3042-3044).

Por outro lado, todos parecem ser unânimes ao destacar a importância das lutas de independência, as colaborações dos heróis libertadores da América, e o projeto de emancipação da metrópole como um objetivo comum e maior. Isso foi encontrado, de um modo ou de outro, em todos os artigos lidos. Vale a pena comparar também as visões que se tem de alguns assuntos nas diferentes versões.

Ao se tratar da Guerra Cisplatina, temos uma narração muito emotiva feita pelo uruguaio Abel Perez. Apesar da versão em português utilizar uma tradução desse

mesmo texto, não deixa de imprimir-lhe o seu olhar particular, como vemos na citação seguinte:

Sobre este ponto é bom ouvir um historiador nacional, como já ouvimos um homem da Banda Oriental encarecer o valor do nosso general Lecor; vamos ouvir agora um brasileiro illustre dizer que a guerra não era justa. Um trecho do nosso território, é o sr. João Ribeiro que escreve, indevidamente conquistado a raça diferente, producto antes elaborado por outra historia que não a nossa, a Provincia Cisplatina, com o auxilio dos governos de Buenos Aires, que ahí fomentaram as revoltas, e com a mediação da Inglaterra, conseguiu libertar-se do dominio imperial, constituindo-se em republica independente com o nome de Banda Oriental do Uruguay. A guerra para submettel-a era impopular e foi a victoria dos separatistas uma feliz solução (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 6, p. 1934).

É interessante notar, que nesse trecho se destaca que a guerra formou parte de “outra” história, de um “outro” Brasil, o imperial. O “novo” Brasil, o republicano, acredita que essa guerra e este domínio sobre os territórios uruguaios eram injustos.

Outro exemplo que pode retratar essas diferentes visões, é o tratamento dado à Guerra do Paraguai. Embora tenhamos encontrado referências nos textos em espanhol, estas não são tão fortes e enfáticas como as que aparecem na versão em português. Por exemplo, no texto chamado *O Paraguay* – que dissemos não ter sido assinado e que acreditamos ter sido escrito por Zeballos – há uma foto do Marechal Solano Lopez, e é acompanhada por um pé de foto apenas com seu nome. A versão em português usou a mesma fotografia, e no pé de foto do Marechal atribuiu-lhe duros adjetivos, como “ditador”, “violento” e “sanguinário”. Ainda agrega a informação de que ele morreu pelas mãos de um soldado brasileiro.

No texto sobre o Uruguai em português, que é um resumo de todos os textos escritos por Rodó y Perez, é enfatizado que:

A capital uruguaya teve que capitular, em Fevereiro de 1865, e nesse mesmo anno, Florez voltou ao poder, firmando-se depois uma alliança entre o Brasil, o Uruguay e a Argentina contra o ditador Lopez do Paraguay. Foi chamado o tratado da Tríplice Alliança, e foi assignado em Buenos Aires. A guerra contra o Paraguay terminou em 1870 com

a vitória da Triplice, **graças principalmente ao esforço do Brasil** (THESOIRO DA JUVENTUDE, 1920?, v.6, p. 1936, grifo nosso).

Em várias outras partes da enciclopédia encontramos referências a essa guerra, tanto no livro das belas ações, como dos homens célebres, o que não foi visto no *El Tesoro de la Juventud*. Vale a pena citar apenas mais um exemplo:

Na guerra do Paraguay, quando tudo parecia perdido; quando os exércitos aliados sofriam uma grande derrota no assalto a Curupaity, onde ficaram mais de 4.000 homens fora de combate; quando a consternação era geral, as dissidencias crescentes, as incompatibilidades entre os generaes mais agudas; quando Flores era assassinado em Montevideo; emfim, quando a situação era o mais critica possível, Caxias é a esperança de todos, o homem cheio de prestigio para quem toda a gente se volta, aquele que viria a ser, necessariamente, o “organizador da Victoria” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 1920?, v. 14, p. 4328).

## CAPÍTULO 3

### O maravilhoso mundo do “Tesouro”

#### Argentina e Brasil: espaços propícios para acolher a empresa editorial dos “Tesouros”

Sem a intenção de discutir com profundidade os processos históricos de ambos os países<sup>33</sup> no período de edição das enciclopédias, faremos a seguir algumas observações sobre o “clima de ideias”, que poderão nos elucidar acerca da decisão de publicar e adotar estas obras como “disseminadores da cultura média” do momento, assim como também estabelecer um diálogo com as decisões editoriais e adaptações feitas por cada versão.

Na Argentina,<sup>34</sup> marcada pelo espírito efervescente do Centenário da Revolução (1910), e pelas dúvidas e incertezas sobre a configuração futura do país, instalou-se na época um renovado otimismo que projetava grandeza. Segundo Oscar Terán (2000), essa ideia se fortaleceu na cultura científica, assentada no pressuposto do prestígio da ciência como outorgante de legitimidade para todas as argumentações.

Nessa época, a Argentina – com Buenos Aires como cenário principal – começa a se introduzir nos ritmos da “vida moderna”. Momentos de grandes mudanças políticas, culturais e sociais, atravessadas pelas ondas imigratórias, produziram um processo crescente de urbanização, alfabetização e desenvolvimento comercial e administrativo. Acompanham esses processos a chegada das invenções, como a do

---

<sup>33</sup> Temos conhecimento das marcadas diferenças regionais tanto no Brasil quanto na Argentina, e que por tal motivo não podemos considera-los como “um todo”, mas não cabe à nossa pesquisa entrar em discussão sobre esta questão. No entanto, podemos indicar que as observações que realizaremos serão mais aplicáveis à região sudeste do Brasil, e à região centro-litoral da Argentina.

<sup>34</sup> Embora a versão em espanhol, *El Tesoro de la Juventud*, tenha tido uma ampla circulação pela América Hispânica, como já mencionamos antes, a opção de tomar como referência a Argentina justifica-se por considerarmos que a figura do argentino Estanislao Zeballos, como compilador e consultor da obra, pode ter sido o principal responsável pelas decisões editoriais e adaptações da obra.

telefone, da luz elétrica, das redes de saneamento urbano e do frio artificial, este último, fundamental para impulsionar a indústria da carne.

A corrente de pensamento positivista influenciou os intelectuais argentinos, gerando, principalmente, fortes adesões à concepção unidirecional do desenvolvimento e do progresso. Dentre esses intelectuais, Estanislao Zeballos (1854-1923) ocupou um lugar proeminente. Além da sua atuação como jornalista, jurista, catedrático, legislador e como Ministro de Relações Internacionais, ficou conhecido como um dos arquétipos do pensamento positivista. Dentre algumas de suas ações, podemos destacar que ele fundou os *Anales Científicos Argentinos* (1874-1876) e, desde 1876, dirigiu os *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, nos quais publicou informações sobre seus trabalhos de exploração arqueológica. Ainda sendo um jovem estudante de apenas 18 anos participou na fundação da *Sociedad Científica Argentina* y do *Instituto Geográfico Argentino* (1879), que presidiu por alguns anos. (FERNANDEZ; NAVARRO, 2011)

À fascinação pelos avanços científicos e tecnológicos se somam as inquietações da nova configuração moderna. Estabeleceu-se uma problemática centrada na emergência de uma sociedade de massas, em cujo interior se encontravam o problema imigratório, a nacionalização das massas, o e desafio da democracia. As reflexões dos intelectuais giraram em torno de categorias penetradas pelo positivismo evolucionista. Para alguns deles as categorias de darwinismo social e de determinação das características intelectuais e morais das raças, poderiam ser atenuadas pela ação transformadora da educação.

No Brasil, essas tendências foram também bem marcadas. Como indica Velloso, desde finais do século XIX, existia no período uma preocupação acerca de quais elementos definiam a brasilidade, e sobre o que se configurava a especificidade do ser brasileiro. Predominava, até então, uma visão pessimista da nacionalidade,

caracterizada pelo atraso cultural e pela inferioridade étnica. Logo, o Brasil era “lido” através das lentes do darwinismo social. Inúmeras vezes confirmavam os males da nação: atrasada, patriarcal, conservadora. A ideia subjacente no pensamento da época era que este quadro poderia ser revertido, desde que o país conseguisse acelerar sua marcha evolutiva. A educação e o instrumental científico eram interpretados como fortes armas para essa geração (VELLOSO, 2006).

A República imprimia as promessas de romper com o letargo do passado e integrar-se, assim, ao concerto das nações modernas. A visão do progresso era confirmada pela crescente urbanização, crescimento econômico, industrialização e pelo grande fluxo de imigrantes, que reconfigurariam o padrão demográfico e cultural do país.

Como no caso do Zeballos, o encarregado da introdução do *Thesouro da Juventude*, Clóvis Bevilacqua (1859-1944) foi também um dos intelectuais destacados do período. No jornalismo fez campanha pela República e, após a proclamação, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte pelo Ceará. Foi também autor do Código Civil do Brasil. Em 1883 publicou em Recife *A filosofia positivista no Brasil*, declarando-se um “monista evolucionista”, formando, junto a outros, a corrente científica do positivismo, encontrando inspiração principalmente em Spencer.

Como veremos na análise a seguir, as representações referentes à ciência e à tecnologia passadas no *The Book of Knowledge* harmonizaram-se muito bem com o “clima de ideias” que descrevemos sumariamente antes, o que teria propiciado a acolhida da empresa editorial das enciclopédias analisadas, e a adoção quase plena dos conteúdos onde se tratavam essas questões, de modo muito semelhante para as duas versões.

Todavia, se em linhas gerais, Brasil e Argentina tiveram trajetórias que correram paralelamente – a colonização Ibérica, as independências nas primeiras décadas do século XIX, o período de formação dos estados nacionais, a ingerência europeia, o peso do pensamento positivista e a cultura científica de fins do século XIX e inícios do XX –, as diversidades também foram marcantes: administração mais centralizada no Brasil colonial; a emancipação negociada no Brasil em contraste com as guerras de independência na América Espanhola; a solução monárquica brasileira e a adoção da república na Argentina e demais países hispânicos; a unidade do Brasil imperial e a divisão da América hispânica com suas lutas intestinas, etc. Essas diferenças foram realçadas pelos intelectuais brasileiros para caracterizar o Brasil como o lugar da “ordem” e da “unidade”, em contraposição da “anarquia” e “fragmentação” hispano-americanas. Portanto, no Brasil não houve os “heroicos libertadores” hispano-americanos, mas uma “transição pacífica”. (BAGGIO, 1998).

Essas diferenças transparecem, como veremos adiante, nas adaptações que realizaram as versões ao classificar o continente americano.

Finalmente, ao observarmos as taxas de analfabetismo para o período, verificamos que estas são muito mais altas no Brasil que na Argentina. Ao mesmo tempo, como mostra a Figura 6, a linha que marca a taxa de analfabetismo na Argentina mostra um declive pronunciado, sem interrupções, de 1900 a 1960. Já a linha que representa o Brasil, evidencia uma queda só a partir da década de 1920, também descendente, mas menos marcada. Teria esse fator influenciado na redução da enciclopédia na versão em português para 18 volumes, ao invés de 20, como na original? Teria isso interferido na seleção ou na exclusão de parte dos textos? Não podemos responder isso agora, mas levantamos a questão para pesquisas futuras.

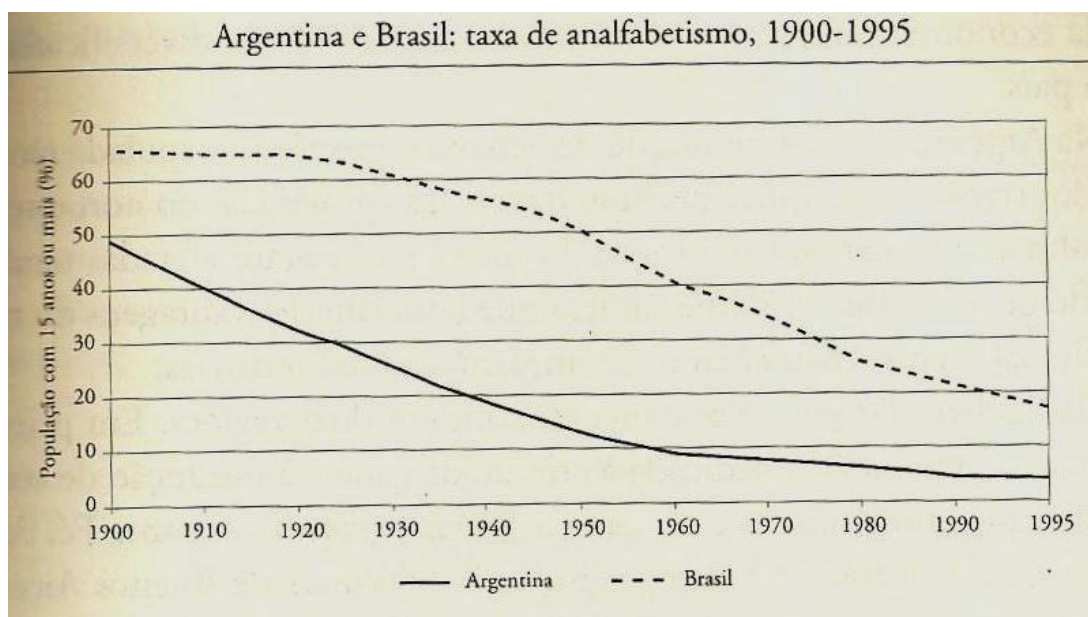


Figura 6: Mostra comparativamente as taxas de analfabetismo na Argentina e no Brasil, para a população com 15 anos o mais, dentre os anos 1900 a 1995.

Fonte: FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 153.

## As representações compartilhadas

Como observamos, as versões analisadas da enciclopédia mostram semelhança na estrutura, formato, imagens, como também nos textos que as compõem. Aqui devemos fazer um destaque do que foi analisado: algumas seções têm mais artigos iguais do que outras. E são principalmente aquelas que tratam tanto sobre assuntos de ciências naturais, ou seja, assuntos da Terra, dos animais, das plantas e do próprio ser humano, quanto das ciências aplicadas ao desenvolvimento tecnológico. A essas seções devemos somar as questões dos livros dos porquês, que como mostramos, em sua grande maioria, abrangem temáticas relacionadas às ciências.

Em relação a isso, queremos marcar duas questões que acreditamos que sejam relevantes para responder às nossas hipóteses. De um lado, que se o objetivo dessas enciclopédias era proporcionar os conhecimentos que toda pessoa culta deve saber, podemos afirmar que uma parte substancial destes tende a propiciar a formação de uma

cultura científica nos seus leitores. Como nos mostram os gráficos Gráfico 20 e Gráfico 21, os conteúdos que tratam das ciências representam cerca de 40% em espanhol e 42% em português.

De outro, que esses conteúdos compartilhados pelas duas versões, transmitem uma série de representações acerca da ciência e da sociedade que, como expressamos acima, parecem ter harmonizado com o “clima de ideias” dos espaços por onde as enciclopédias circularam.

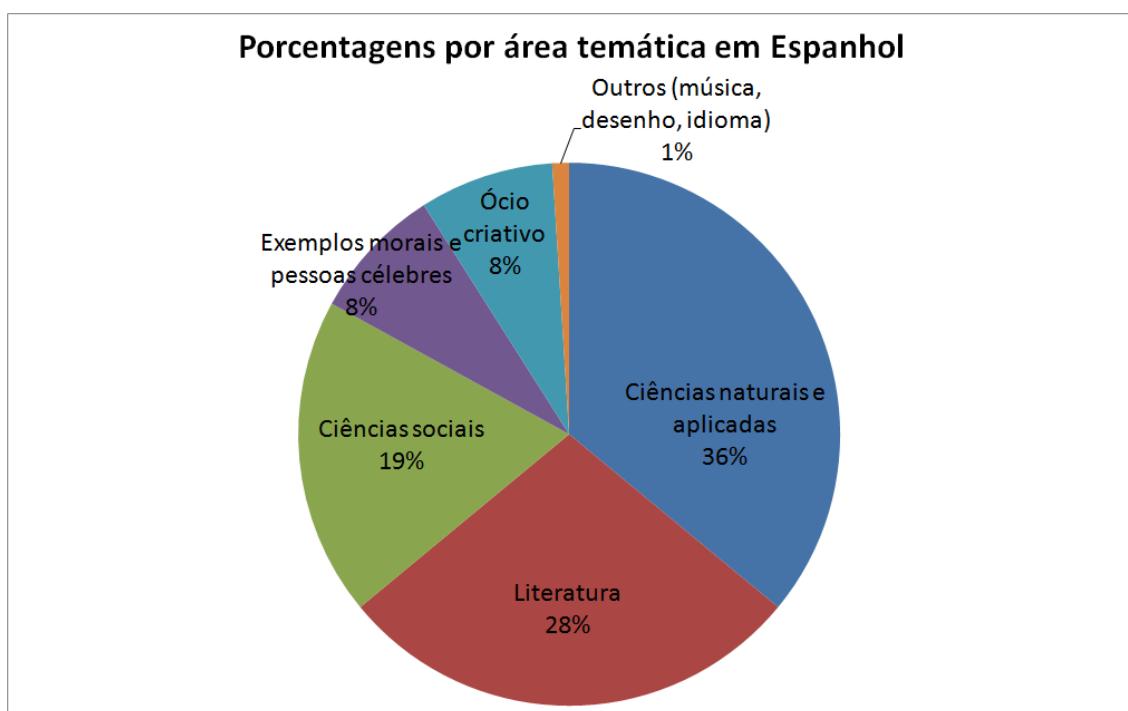


Gráfico 20: Porcentagem por área temática na versão em espanhol

Mostra a porcentagem por área temática na versão em espanhol. Valores referentes ao total de páginas dedicado a cada área temática

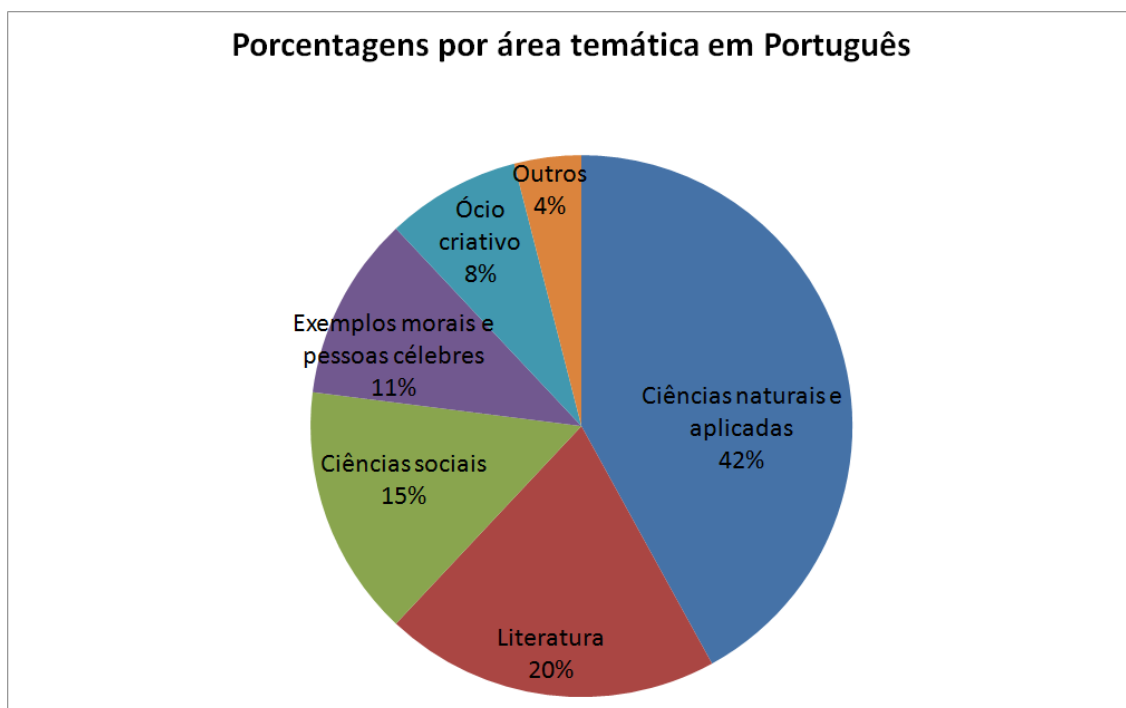


Gráfico 21: Porcentagem por área temática na versão em português  
Mostra a porcentagem por área temática na versão em português. Valores referentes ao total de páginas dedicado a cada área temática

É interessante notar que a versão em espanhol se autodenomina na apresentação como “um verdadeiro conto de fadas”, no qual a fada “*Reina Ciencia*” se propôs realizar a venturosa tarefa de reunir todo o conhecimento nesta obra especialmente para crianças, e começa assim:

Érase una vez... Pero diferente a los viejos cuentos familiares, **el tiempo es ahora**, y los medios que emplean las hadas para llevar a cabo sus fines son los más modernos conocimientos del hombre, que sin dudas ellas han conducido a descubrir y enseñar a usar. Así que erase una vez una reina de hadas que decidió hacer un viaje desde la tierra de las hadas [...] a ver cómo estaba la gente de la tierra y averiguar cuanto o cuan poco sabían de ella. Y la primera cosa que descubrió fue que su nombre, el cual era Ciencia, estaba en **todo idioma** y en **todo dialecto hablado y escrito en el mundo entero, y era amado por todos** como siendo el de la mejor de las hadas buenas (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 9, grifos nossos).

Vale ressaltar que se denota que o tempo é agora, contrapondo a modernidade e a celeridade dos seus câmbios com o tradicional, que não muda; e que a ciência é a melhor forma de conhecimento (a “melhor das fadas boas”), amada por *todos*, no mundo *todo*. Embora a versão *Thesouro da Juventude* não contenha essa mesma

introdução, veremos que as mesmas ideias estão presentes em vários fragmentos em toda a obra.

De forma geral podemos afirmar que é transmitida uma visão otimista e confiante no futuro da humanidade graças à contribuição da ciência, da técnica e dos cientistas. A maravilha da ciência é identificada com as crianças, ambas representadas como herdeiras de todos os sucessos do passado e promessas do futuro. (OLIVEIRA, 2008).

Isso faz sentido, uma vez que a noção de ciência adotada está estreitamente conectada à noção de progresso, e esta, por sua vez, à de civilização europeia ocidental. Tais noções foram interpretadas como expressão de valores universais. Como argumenta Wallerstein, desde pelo menos a segunda metade do século XVIII, o humanismo teria sofrido um violento ataque, sendo tachado de mero conjunto subjetivo de assertivas. O mesmo autor explica que

[...] tudo que fosse subjetivo parecia não ter permanência. Como tal, seus adversários diziam que ele não podia ser universal. Em consequência, a partir do século XIX, outro principal estilo moderno de universalismo, o universalismo científico, ganhou força relativa em termos de aceitação social (WALLERSTEIN, 2007, p. 86).

Os cientistas eram aqueles que concordavam com os filósofos humanistas em que o mundo era intrinsecamente cognoscível. No entanto, os cientistas insistiam que a verdade só poderia ser conhecida mediante a pesquisa empírica, da qual se extrairiam leis gerais para explicar fenômenos reais. Com isso conseguiu-se forjar uma concepção de ciência como externa à cultura e ao subjetivismo, ideologicamente neutra, e que se justificaria no bem que poderia oferecer à humanidade mediante a aplicação do saber que os cientistas haviam adquirido.

Essa visão da ciência com alcance universal, e do trabalho dos cientistas transcendendo fronteiras é possível verificar em expressões que se referem a estes, destacando “o que tem feito pela humanidade”, ou trechos como este:

Devemos ser gratos a todos esses obreiros da sciencia, que tantas canseiras e tantas contrariedades soffrem para augmentar o dominio do conhecimento humano. E é bom que os jovens leitores notem que muitas d’estas viagens scientificas, a maior parte mesmo, são devidas a estrangeiros, nascidos muito longe do Brasil e da America, e aqui não tem nenhuns interesses. É que hoje em dia **a sciencia não tem pátria**, e quando um sabio em qualquer parte do mundo faz qualquer estudo [...] trabalha por esse modo para a ventura de **toda a humanidade** (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 2, p. 399, grifos nossos).

Não podemos esquecer também que na seção de homens e mulheres célebres, dentre os textos encontrados nas três versões, uma significativa proporção remete a cientistas, inventores, exploradores e engenheiros.

Ao mesmo tempo, é clara a ligação estabelecida entre avanços tecnológicos e científicos, e vidas mais “fáceis e felizes”:

São essas descobertas que constituem toda a diferença entre a nossa existencia e a miserável existencia dos selvagens. [...] Quando mais soubermos e mais compreendermos, ainda que o que soubermos seja muitíssimo pouco em comparação com o que ha para saber e compreender, tanto melhor para nós (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 14-16).

Adjetivos como “magnífico”, “maravilhoso”, “extraordinário” e “surpreendente” são comuns de serem encontrados acompanhando estes avanços. Destacam-se, entre outros, a eletricidade, os meios de transporte, as comunicações, e até o poder de dominar a natureza e coloca-la a seu favor, por exemplo, na utilização da água como força motriz.

Ao mesmo tempo se destacam as conquistas da medicina. Ao ter deixado para trás a “magia e a superstição”, os grandes homens da medicina foram conquistando novos saberes e métodos, que lhes permitiram não apenas sarar os enfermos, mas

também ensinar a seguir as “leis” da higiene para conservar a saúde. Destaca-se também o fato dos médicos poderem realizar delicadas cirurgias sem que o paciente sinta nenhuma dor, por causa da novidade da aplicação de anestesia.

Ainda se valoriza o fato de “termos nascido numa epocha em que se conhecem estas e outras verdades, porque quando mais soubermos melhor viveremos” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 32).

Como vimos também na descrição do capítulo anterior, é aplicado o adjetivo de “científico” quando quer se adjudicar seriedade, veracidade e até efetividade (ao referir a um plano de ensino, como foi visto) a certos assuntos ou conteúdos. Aos cientistas é atribuída também a condição de “sábios” e de pessoas “mais autorizadas” para falar de certas questões. Esta não é uma condição gratuita, mas resultado de pesquisa, experimentação, e principalmente produto da razão. Ao falar da descoberta da forma “de bola” da Terra, os textos indicam que os cientistas “não deixavam de defender a sua opinião, **expondo argumentos uns após outros** com tanta força e convicção que todos acabaram por **crer que o que diziam era a pura verdade**” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 19, grifos nossos), ainda se ressalta que eram homens inteligentes, e portanto, incapazes de se render ante o primeiro fracasso.

Nestes processos de descoberta, desenvolvimento e aperfeiçoamento, o grande motor, a mola propulsora, seria o desejo de saber mais, motivado pela curiosidade pelo desconhecido. Segundo o *Thesouro da Juventude* “o objecto da nossa vida é fazer perguntas [*sic*], tentar responder a ellas, e proceder e viver em harmonia com as respostas; e depois de termos respondido a estas perguntas [*sic*], ainda ficam muitas mais para nos embaraçar” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 31). Outros fragmentos revelam também esta ideia:

De nuevo empieza a apoderarse de nuestro espíritu el antiguo temor a lo desconocido y misterioso que sobrecogió al hombre primitivo ante

el inmenso poder de la naturaleza, pero con la diferencia de que este temor, hijo de una ignorancia consciente, constituye en sí mismo un estímulo para la investigación. Ésta se desenvuelve y progresa a favor de la atracción que ejerce lo desconocido (TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 15, p. 5028).

Como podemos ver, parece ser até uma condição inata do ser humano o desejo de conhecer e desvendar mistérios, mas deixa bem claro que há diferença entre os homens primitivos e os civilizados. Os primeiros não “percebem” a ignorância, já os segundos são cientes de que ainda precisa ser estudado muito de tudo quanto nos rodeia.

O destaque à curiosidade é um elemento comum nas introduções das versões. Estanislao Zeballos na introdução da obra em espanhol, ao falar das crianças da América do Sul, enfatiza que

Entre sus cualidades sobresalientes adviértese una insaciable curiosidad. Son investigadores admirables. [...] Esta característica de los niños de Sud América explica la gran cantidad de inteligencias, talentos, y de autores, cuya reputación merecida salva las fronteras nacionales y continentales y que honran a las naciones del hemisferio americano austral. [...] A la curiosidad de sus niños precoces, desarrollada gradual y firmemente hasta el estudio profundo, debe Sud América su gloriosa constelación de intelectuales (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 9)

Clovis Bevilacqua, por sua parte, indica que a enciclopédia é para aqueles com “sede de saber”; e Unamuno, que está dedicada para aqueles que conservam fresca e vivaz a curiosidade, ressaltando ainda: “Quem não tem ouvido e lido cem vezes que a origem da sciencia é a curiosidade” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 9).

Como descrevemos anteriormente, o plano estrutural da enciclopédia em todas as versões tinha como finalidade manter atizada a curiosidade das crianças, intercalando diferentes artigos de todas as seções. Mas não é apenas isso. Já apontamos que uma porcentagem significativa de artigos sobre as coisas que as crianças podem fazer no tempo livre, trata-se de experiências e da construção de elementos de medição e observação. De maneira geral, esse incentivo a experiências para comprovação se

encontra presente também em textos sobre vários assuntos. Vejamos estes exemplos do

*Livro da Natureza:*

[...] se os meninos puzerem num quarto qualquer um certo numero de objetos, verão que no fim de certo tempo estarão tão quentes uns como os outros. Se lá puzerem depois uma vasilha com agua quente, esta esfriará, e os outros objectos que estão no quarto aquecerão um pouco, apesar de não darmos por isso. É isto devido a que a quantidade de calor que existe num determinado lugar se espalha igualmente por todos os objectos que nelle existem (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 2, p. 597).

Outro texto semelhante propõe:

É muito facil provocar o crescimento de micróbios. Piquemos com a ponta de uma agulha um ponto onde existam micróbios e mergulhemol-a depois em leite – uma das melhores substancias que se conhecem para fazer pullular micróbios – ou num mólho de carne. Por esta forma se pode ver como vai aumentando o numero de micróbios de dia para dia (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 3, p. 802).

Afinal, não é em vão que o nome da obra seja “*Thesouro da Juventude*”. Curiosidade, conhecimento, e inteligência são, em si, considerados “tesouros”, mais valiosos, inclusive, que a riqueza material, pois “aun cuando la bolsa sea pobre, no hay mejor tesoro que una cabeza llena de bellas verdades y de valiosas memorias [...] Un hombre dueño de tal cerebro puede decirse a sí mismo: ‘mi mente es para mí un imperio.’” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 19, p. 6577). Ao mesmo tempo, debochando de quem acredita na sorte, tanto boa quanto má, os textos inculcam que “a verdadeira fortuna ou boa estrella, consiste em ser intelligente”. (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 5, p. 1407).

Conjuntamente, as leituras evidenciam a concepção de que ciência, progresso e civilização são elementos fortemente ligados de uma única corrente: “Las zonas que poblaron los monstruos y los hombres-fieras, están hoy pobladas por los monstruos mecánicos de la industria, que permiten a los habitantes consagrarse al progreso de la Humanidad, labrando la propia felicidad y la fortuna.” (EL TESORO DE LA

JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 34). No texto equivalente em português (“*Onde apareceram os primeiros homens*”) se afirma de modo semelhante:

Mas pouco a pouco as diferentes tribus começaram a cooperar. O progresso começou pela invenção e pelo aperfeiçoamento dos aparelhos de pesca, das armas, dos vestidos, das habitações. [...] E assim se chegou, pouco a pouco, pelo trabalho de cada dia, pela acumulação de pequenas descobertas, desde o machado de pedra, que representou no seu tempo um progresso considerável, à civilização espantosa de hoje em dia, em que o homem vê na terra e no ar e uma só machina faz num minuto o que nos outros tempos faziam milhares de operários (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 46)

Podemos inclusive observar uma orientação teleológica, como um destino marcado, um caminho a seguir, que leva a humanidade irremediavelmente até o progresso (inclusive nos costumes) ou à desapareição. Isto é claro nos seguintes exemplos:

E ao observar a prosperidade crescente dos mais importantes Estados da America, mercê da intelligencia e perseverança no trabalho dos seus habitantes, recolherão os moços e moças que nos lerem uma lição utilíssima sobre o destino que obriga os povos a avançar no caminho do progresso, fugindo do estacionamento, que é um symptoma de decadência e de morte (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 37).

**Como as raças inferiores são destruidas pela civilização[...]** Infelizmente, o que chamamos o “progresso da civilização” produz em todo o mundo, como na enorme floresta do Congo, a lenta mas a quasi certa destruição de todas as formas inferiores ou atrasadas da vida humana. Isto não succede unicamente no Congo. Há raças, como a dos habitantes da Tasmania, cuja destruição já foi consummada. [...] Embora reconheçamos que nos são inferiores, o que é em certo modo exacto, nem por isso deixam de ser interessantes e de nos offerecerem muitas licções, as quais não poderiam aproveitar-se quando estas raças tivessem desaparecido para sempre. (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?,v. 10, p 3197-3198)

**Com o andar do tempo, quando o carácter dos homens se tornou melhor**, em vez de acorrentarem as suas esposas ou lhes porem um anel em volta do collo ou da cintura inventaram uma coisa que tivesse a mesma significação mas que não as incomodasse. [...] Vê-se pois, que usos deshumanos e bárbaros podem transformar-se em costumes inoffensivos (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 8, p. 2588, grifos nossos).

Esta condição de progresso seria não apenas típica dos humanos, como ‘espécie biológica’ e ‘ser social’, senão também exclusiva deles:

Ha apenas uma forma de vida na terra que progrida d’uma maneira certa e segura, e é a vida humana. Todas as outras espécies permanecem na mesma phase de desenvolvimento vital. [...] De epocha para epocha, de idade para idade a espécie humana progride, **não só em numero como na qualidade** (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 2, p. 600, grifos nossos).

Ao parecer, seja como for, aqueles que não assimilam os valores ocidentais teriam esse futuro, até mesmo a “raça dos ainos” no Japão, pois “como ni progresan ni estudian ni evolucionan pronto desaparecerán como raza.” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 12, p. 4175). Sugere-se então que o mundo se encontraria “sujeto a las ineludibles leyes históricas de la evolución y el progreso” (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 13, p. 4413), e encontra no Ocidente seu sentido consumado.

No livro dos porquês, ao se perguntar “Por quê não estamos nunca satisfeitos?”

A resposta foi a seguinte:

Há pessoas no mundo que o estão. Encontram-se principalmente no **Oriente**; mas entre as raças mais ativas que compõem a humanidade é difícil encontrar alguém que esteja absolutamente satisfeito; [...] Mas uma das cousas que caracteriza a natureza humana nos seus aspectos mais elevados, é justamente a ancia de melhorar; e movido por esta ancia de melhorar, por grande que seja a cultura atingida pelo homem, este visará sempre além do ponto onde conseguiu elevar-se (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 9, p. 2704, grifo nosso).

Vale observar na citação acima a distinção feita entre Oriente e Ocidente. Os orientais não teriam a mesma iniciativa, outorgando-lhes uma condição conformista e passiva em frente das “raças mais ativas” na espera por continuar sempre a marchar na direção de um futuro cada dia mais promissor. Afinal a ciência supera tudo quanto o homem pode sonhar, e “lenta pero invariablemente, va levantándose el velo que oculta los cimientos sobre los que el universo descansa; y el mundo invisible empieza a

revelarse a la humanidad brindándole para lo provenir esperanzas y energías no soñadas”. (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 15, p. 5027).

Ao mesmo tempo há uma sólida confiança na superioridade e consistência de Ocidente frente ao Oriente, manifestando inclusive o desejo do povo oriental se unir, em algum momento, à corrente do progresso:

Pero nuestra civilización está edificada ahora sobre bases demasiado sólidas para que el beduino la derrumbe con el vendaval de una nueva invasión. El ferrocarril se desliza por el desierto; nuestros cañones son mucho más terribles que ninguna de las armas que el beduino puede tener al alcance de su mano, y pronto el aeroplano podrá suspenderse sobre las arenas tropicales de Arabia. Pero, según están demostrándolo en la India los hombres de su fe, el moderno mahometano vive ansioso de continuar la obra de sus antecesores y **tomar parte en los trabajos de la civilización**. Algún día el árabe dejará de soñar en las pasadas glorias de su raza y **sumara su esfuerzo al del mundo civilizado, que impulsa al progreso** (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 15, p. 5348, grifos nossos).

A contrapartida do progresso é o trabalho. Nos textos enfatiza-se que “os caminhos da distinção e da glória não são inacessíveis a ninguém que ame o trabalho” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 14, p. 4338). E ao se perguntar se é conveniente ter sempre alguma coisa a fazer, o livro dos porquês responde:

O trabalho é uma coisa que às vezes nos cansa e que, em geral, se abandona com alegria. [...] Comtudo, se déssemos um pouco de atenção, veríamos que o trabalho nos é muito proveitoso. [...] As pessoas devem sempre ter qualquer ocupação; devem ter um fim que guie os seus passos na terra; de contrario, as suas vidas não teem valor para ellas nem para os seus semelhantes. [...] O traço mais distintivo dos seres humanos, e em especial dos seus typos mais elevados, é que todos sentem um impulso, uma necessidade de fazer alguma cousa (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 13, p. 4004).

Novamente, se acentua a diferença de “carácter” dos homens, sendo que os “mais elevados” são os mais “propensos” ao desenvolvimento, ao aperfeiçoamento, pois sentem, principalmente, a *necessidade* de progredir.

Essa exaltação ao progresso ecoa num marcado eurocentrismo, com reiterada e manifesta tendência a considerar a Europa como um ponto de referência obrigatório em

todos os aspectos, como paradigma da moda, da cultura, de organização social, de avanço científico e tecnológico, de desenvolvimento econômico, em definitiva, de modernidade. A raça branca é a que “dá corpo” a todos esses valores. Enfatiza-se também nos textos uma “missão civilizadora” da Europa, seja por vias pacíficas ou pela conquista, trazendo de qualquer modo o que os seres humanos podem ter de melhor. Seguem trechos bem ilustrativos sobre esse aspecto:

Los misioneros procuraron, desde su llegada a las islas, instruir al pueblo hawaiano; fundaron una imprenta y establecieron escuelas. El gobierno declaró obligatoria la enseñanza y castigó como delito la falta de asistencia a los establecimientos docentes, siendo de tan provechosa eficacia este rigor, que en 1874 no había diez personas mayores de veinte años que no supiesen leer, escribir y contar. Así, los que, no hace muchos años, se limitaban como industriales a construir piraguas y fabricar tejidos de pluma y fibras vegetales, son ya excelentes obreros. Fondas, cafés, relojerías, farmacias, agentes de negocios, empresas mercantiles, etc., revelan que Honolulu es al presente la capital de una nación civilizada, pues cualquier artefacto o mercancía puede hallarse, seguramente, en las tiendas o almacenes de la ciudad (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 16, p. 5656).

**O grande porto de Hong-Kong.** [...] Quando passou para as mãos dos ingleses era um rochedo deserto. Hoje a sua capital, Vitoria, possui larguissimos cais e armazens onde milhares de chinezes entram e sahem, occupados no trafego da enorme quantidade de mercadorias que passam pelo porto: seda, chá, tecidos de lã e algodão, e generos alimentícios (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 137)

São verdadeiramente extraordinarias as mudanças que se deram no Japão durante estes últimos setenta annos. Logo que os japoneses se puzeram em contato com a civilização europeia, a transformação effectou-se de maneira prompta e radical. Os velhos costumes feudaes desapareceram, sendo substituidos por uma nova ordem de cousas que fez dar um pulo ao Japão desde a Edade Media até a impetuosa corrente da vida moderna. [...] Muitos japoneses foram para a Europa e a América do Norte, afim de aprender os novos methodos, e o governo contractou instructores e organizadores estrangeiros para o seu paiz. Melhoraram-se assim as vias de comunicação e construíram-se pontes; as estradas de ferro, o telegrapho, o telephone, começaram a funcionar em todo o imperio; surgiram estabelecimentos bancarios, armazens, fabricas com machinas movidas a vapor [...] (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 10, p. 3084)

Quien visite hoy en día Australia, difícilmente creerá que hace tan sólo 150 años que los blancos llevaron allí la civilización. ¡Qué

tesoros de energía y de perseverancia han prodigado, qué luchas contra toda clase de dificultades han debido arrostrar los colonos para obtener los resultados que hoy día podemos admirar! No sólo han aclimatado allí toda suerte de animales domésticos y de plantas útiles, sino que también han arrancado al suelo sus riquezas, han fundado ciudades, establecido los más modernos medios de comunicación, dado impulso al comercio y a las industrias, y colocado así a Australia en el número de los pueblos más civilizados y progresivos (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 20, p. 6933).

A América tem tido uma relação muito similar às que descrevem as passagens acima. Os textos sugerem uma espécie de “gratidão” por terem trazido a cultura e a civilização:

Como sabeis, houve um tempo em que os homens que aqui habitavam, andavam nus ou cobertos por uma simples tanga. A sua vida era miseravel. No tinham metaes; não tinham animais domésticos, nem bois bem vacas, nem cabras, nem galinhas; nem conheciam o uso dos ovos e do leite. [...] Tal era a situação miseravel em que viviam ha pouco mais de quatro séculos os habitantes d’este paiz. Mas na Europa não acontecia o mesmo. Ahi vivia gente num alto grau de civilização, que tinha habitações confortaveis, palacios, jardins, e embarcava em navios em demanda d’outros paizes longinquos. Foram os europeus que nos trouxeram a civilização e a nossa propria língua, a língua em que é escripto este livro, a língua que vós falaes (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 279).

Hoy el problema de las razas ha desaparecido en la República Argentina por las absorción de los indígenas y porque no existen negros, sino como ejemplares de curiosidad. La larga lucha con la civilización argentina transformó el carácter general de las masas indígenas. Se mezclaron las sangres, las lenguas, las religiones y las costumbres (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 158).

El carácter de esta población [a argentina] es enteramente europeo, pues, como ya dijimos, la raza blanca ha hecho desaparecer, por absorción, a los indios y a los mestizos. Hoy no quedan en la República más de 20.000 indios, reducidos y sometidos al trabajo, y probablemente no existen más de mil negros. Esta homogeneidad de la población da al pueblo argentino su carácter viril, inteligente, de imaginación intensa y rápida, y emprendedor en todas las ramas del progreso humano. Explícase así que la República haya desarrollado sus adelantos, hasta llegar al envidiable estado de prosperidad y riqueza en que hoy se encuentra (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 5, p. 1474).

Llaman la atención los niños de las diferentes regiones de la República Argentina por su belleza y robustez. Predominan entre ellos los rubios y los trigueños, denotando los primeros principalmente a los

hijos de europeos establecidos en el país. La inteligencia de estos niños es extraordinaria [...] se distinguen por la precocidad con la que aprenden y por la rapidez con que desarrollan su imaginación y sus facultades de raciocinio y de investigación (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 4, p. 1239).

Nada más maravilloso que la historia de la conquista de América por los españoles. Imperios poderosos, con millones de habitantes, caían en pocos meses en poder de un puñado de aventureros que, aunque pobres, ignorantes, y de bajo conocimiento, eran con todo muy superiores a los bárbaros habitantes del Nuevo Continente (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 8, p. 2670).

Especialmente quando se quer distinguir o desenvolvimento alcançado na América Latina, compara-se com a Europa. Buenos Aires, por exemplo, é descrita como a Paris do novo mundo, o Chile como a Suíça da América do Sul, e até Cuba, um dos países “mais atrasados”, possui uma imprensa que “nada tem a invejar” da imprensa europeia.

### **Representações que diferem**

Trouxemos até aqui as representações compartilhadas e semelhantes encontradas nas duas versões que, como já dissemos, tenderiam a formar e consolidar uma cultura científica nos leitores.

Mas encontramos também, além das diferenças de conteúdo já marcadas na descrição do capítulo prévio, algumas representações que diferem de uma para outra versão.

Por um lado, parece existir um “pano de fundo” religioso, que provavelmente vinha sendo repassado desde a original em inglês. Isso se percebe, por exemplo, nos poemas com temas religiosos encontrados nas duas versões. Além disso, referências religiosas aparecem também no tratamento das “maravilhas da natureza”, do homem como o “mais perfeito ser da Criação”; e por tanto, do “Poder Divino” criador, etc.

Também é visível como um suporte a questões de fundo moral, em alguns contos e nas belas ações.

Embora tenhamos encontrado isso nas duas versões, devemos assinalar que esse elemento religioso é mais acentuado na versão brasileira. O exemplo do *Livro da Nossa Vida* é bastante ilustrativo quanto a isso:

**Os seres que nos rodeiam** - De onde vieran todos estes seres vivos? Nós sabemos que todas as cousas, tanto as que teem vida como as que a não teem, **vieran de Deus que as creou e que as manterá até a eternidade.** As nossas duvidas são estas: como é que todos estes seres vivos começaram a ter existencia?, qual é a sua historia?, quem foram seus antepassados? Só desde há pouco, desde o tempo da infancia dos nossos avós, é que se sabe a verdade a este respeito, e é um bem para nós o termos nascido numa epocha em que se conhecem estas e outras verdades, porque quanto mais soubermos melhor viveremos (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 32, grifos nossos).

Reparemos que o mesmo texto em espanhol possui, não obstante a semelhança, um perfil que em nada se refere ao religioso, e pelo contrário, realça o valor da ciência como verdade demonstrada:

**Los seres que nos rodean** - ¿De dónde han venido todos estos seres vivos?, **han debido proceder de alguna parte.** Esto es indudable. Pero nos salen al paso las siguientes cuestiones: ¿cómo vinieron todos estos diferentes seres a la vida? ¿Cuál es su historia? ¿Quiénes fueron sus padres? En el terreno puramente científico hallamos hipótesis más o menos racionales, pero al fin y al cabo hipótesis, aceptadas por unos y rechazadas por otros. Por nuestra parte nos limitaremos a exponer hechos bien comprobados y verdades científicamente demostradas pues cuantas más verdades conozcamos tanto más perfecta puede ser nuestra vida (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 52).

Outros títulos de artigos de diferentes versões nos indicam casos semelhantes, como na seção de *Coisas que devemos saber*, o texto igual referido à produção de pão na versão em português se intitula “*O pão nosso de cada dia*”, enquanto na versão em espanhol, simplesmente é, “*El pan y la mantequilla*”. No *Livro da Natureza*, o texto em espanhol “*El maravilloso conjunto de los seres animados*”, tem seu equivalente em português, mas sob o título de “*As maravilhas da criação*”.

Por outro lado, acreditamos que mereçam destaque as seções *El libro de la América Latina*, e *O livro do Novo Mundo*. Essa diferença nos nomes não é apenas uma questão de nomenclatura, acreditamos que seja uma concepção de espaço e identidade que conduz a uma seleção e organização dos conteúdos em grupos diferentes.

A primeira impressão que se tem é que o Brasil não “compartilha” tão fortemente a identidade latino-americana, que é bastante visível nos países hispanofalantes.

Isso poderia ser consequência, em grande parte, de uma herança ou tradição que bem explica María Helena Capelato (2000)<sup>35</sup>. A América Hispânica foi vista, desde a independência brasileira, como a “outra” América, a que não se devia mirar:

Durante o império, a situação brasileira contrastava fortemente com as das ex-colônias hispânicas, que se fragmentaram após as lutas sangrentas de independência, perpassadas por fortes conflitos entre poderes locais e centralistas. O processo de configuração das repúblicas foi lento, complexo e marcado por conflitos internos. Os brasileiros interpretaram essas dificuldades como a expressão da anarquia e desordem que caracteriza o regime republicano. Em contrapartida, os vizinhos republicanos criticaram, durante todo o século XIX, o regime imperial e escravocrata. Orgulhosos de terem se integrado na modernidade, afirmavam que as instituições brasileiras eram retrógradas (CAPELATO, 2002, p. 289).

A mesma autora conclui que as ambições do governo imperial brasileiro foram responsáveis pela criação de uma identidade nacional que se baseava na valorização das singularidades nacionais e pela postura de superioridade em relação à “outra” América. A imagem de um Brasil “fora” da América Latina, parece ter se prolongado no tempo.

Segundo Baggio (1998), durante as primeiras décadas do republicanismo no Brasil, evidenciou-se um fortalecimento do americanismo, mas foi o exemplo norte-americano que ganhou a adesão efetiva da maioria dos intelectuais.

Fica evidente que o Brasil se identifica mais com esse “novo mundo” de progresso e civilização, o que de certa forma significa se contemplar junto aos Estados

---

<sup>35</sup> Sustentam-se as mesmas ideias em Baggio (1998), Fausto e Devoto (2004), Donghi (2010)

Unidos e ao Canadá. Assim os artigos incorporados sobre a América Hispânica, são textos resumidos dos originais em espanhol, que revelam apenas dados pontuais sobre o clima, relevo, população, principais atividades económicas, e sumários comentários históricos.

Diferentemente, a versão em espanhol é composta por maior quantidade de artigos. Esses artigos são mais extensos e poéticos, há subcapítulos dedicados aos seus homens ilustres, etc., articulando um esforço por tecer uma identidade comum, principalmente ligada ao passado colonial, à independência, e à república, que não é compartilhado com a América Anglo-saxã, nem com o Brasil.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de marcar o “antiamericanismo” de um dos colaboradores da obra em espanhol – o uruguaio Enrique Rodó – quem postula a antinomia Latino América/Estados Unidos, como expressiva da contraposição espírito/matéria. Essa ideia foi representativa da corrente do espiritualismo de fins do século XIX, que rejeitava um mundo de extrema mercantilização. Isso não transparece de forma plena nos textos, mas, poderia ter sido um fator que influenciou nessa organização das seções e na agrupação dos espaços geográficos?

Para finalizar, podemos trazer um exemplo extraído da seção de homens e mulheres célebres, que ilustra bem o que tentamos explicar. Ao ler os textos iguais para as versões em português e espanhol, “*Os heróis das nações*”, observamos de início que o subtítulo já estaria marcando uma diferença pronunciada: para a versão em espanhol, é “*Héroes de la América Latina*”, já em português é “*Três grandes heróis do continente americano*”. Enquanto o texto em espanhol narra que:

Durante el primer tercio de la pasada centuria supieron conquistarse gloria imperecedera, como campeones de la libertad, en los países de la América Latina, animosos e insignes patriotas, cuyos nombres ha inmortalizado la historia: San Martín, el libertador de la Argentina y Chile, general aguerrido y victorioso; O’Higgins, digno colaborador del anterior; Bolívar y Sucre, que lucharon con tanto denuedo como fortuna en Venezuela, Colombia y el Perú; Artigas en el Uruguay y

regiones limítrofes; Hidalgo, iniciador y Mártir de la independencia en Méjico. A fines del mismo siglo se sacrificó también heroicamente en aras de la libertad de su país, José Martí, verdadero apóstol de la independencia Cubana (EL TESORO DE LA JUVENTUD, 192?, v. 1, p. 182).

Já o texto em português começa bem distinto: “Vamos agora referir-mo-nos a tres heroes da liberdade americana, um da América do Norte, outros dos da America do Sul. O da America do Norte foi Jorge Washington. [...] Os dois heroes da America do Sul de que aqui fallaremos são San Martín e Bolivar. [...]” (THESOIRO DA JUVENTUDE, 192?, v. 1, p. 200).

Como vemos, o trecho em espanhol refere às lutas de independência, à colaboração dos heróis em prol de um objetivo maior, e principalmente, traz exemplos de uma grande parte das nações, inclusive Cuba. O texto em português, além de não trazer essas ênfases, ainda agrupa um personagem norte-americano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este trabalho tivemos como objetivo analisar comparativamente as enciclopédias infanto-juvenis *Thesouro da Juventude* (versão em português) e *El Tesoro de la Juventud* (versão em espanhol), editadas na década de 1920. Essas versões, adaptadas da versão em inglês *The Book of Knowledge*, tiveram grande sucesso editorial na Argentina e no Brasil, assim como em outros países de América Latina.

Conforme marcamos anteriormente, embora fizessem parte do mesmo projeto editorial, essas versões não foram simples traduções da versão norte-americana. Mesmo que se apresentassem como coleções iguais e tivessem como objetivo transmitir “os conhecimentos” que toda pessoa culta precisa conhecer, demonstramos ao longo de nossa pesquisa que os compiladores de ambas as versões fizeram escolhas quanto a quais conteúdos manter, quais adaptar, quais seções excluir e quais seções novas incluir, conjugando, assim, “tesouros universais” com ideias e perspectivas locais.

Partindo do pressuposto de que o conhecimento é constitutivamente social, e que a organização, a seleção e a apresentação do conhecimento não são processos neutros mas expressões de uma determinada visão de mundo, as enciclopédias que analisamos se mostraram objetos muito ricos para estudar a circulação do conhecimento e as adaptações, junto à construção de representações que levam consigo.

Como demonstramos no segundo capítulo, as seções das enciclopédias que quase não evidenciaram alterações foram aquelas que continham conhecimentos da área das ciências naturais. São estas: *O livro da Terra*, *O livro da Natureza*, *O livro da nossa vida* e suas equivalentes em espanhol. Ao analisarmos o *Livro dos Porquês*, percebemos que também não se evidenciaram diferenças, podendo até ser encontrada a mesma sequência de perguntas de volume para volume nas duas versões. Verificamos também

que o conteúdo das interrogações referia-se, quase na sua totalidade, às ciências naturais.

Analisar a seção de *Cousas que devemos saber* nos mostrou que os conteúdos da área das ciências aplicadas e o desenvolvimento tecnológico foram selecionados para serem incluídos sem maiores alterações, pois a grande parte dos artigos se repetia em ambas as versões. De todo modo, marcamos algumas diferenças na seleção de conteúdos a serem traduzidos do inglês e também a presença de alguns artigos particulares de cada versão. Trata-se de assuntos mais interessantes para um ou outro espaço de circulação como, por exemplo, o caso dos diamantes e o café para o Brasil, na versão em português. Ao mesmo tempo, nessa seção, artigos repetidos evidenciaram adaptações de conteúdo, como detalhamos para o caso da aviação.

Ao pensarmos na difusão do conhecimento, percebemos então que os que estavam mais relacionados às ciências naturais e à tecnologia foram adquirindo valor universal, fazendo-se presentes e inquestionáveis no mundo todo.

Outras seções que também não mostraram grande variação foram as das lições para aproveitar o tempo livre de forma amena e industriosa, com uma ampla gama de atividades que vão desde jogos até experiências. Lições de música, idioma e desenho também fazem parte da proposta.

Já ao se tratar de Literatura (*Livro dos Contos*, *Livros Famosos* e *Livro da Poesia*), das chamadas *Belas Ações* e *Homens e mulheres célebres*, percebemos que a seleção e a inclusão de artigos ficaram muito mais evidentes que nas seções anteriores. Nestas, embora haja artigos repetidos, a porcentagem de textos particulares ganha uma presença mais destacada que nas seções que acabamos de mencionar.

Já ao se tratar das seções de *O livro do Velho Mundo* e *Los países y sus costumbres*; e *O livro do Novo mundo* e *O libro da América Latina*, mostramos que

houve maiores adaptações, tanto nos conteúdos como na seleção e na agrupação dos mesmos. Assim, principalmente na seção do *Novo Mundo* e sua equivalente, verificamos que os artigos particulares, de interesse local, superaram amplamente os textos repetidos. Ao mesmo tempo, destacamos que a inclusão dessas seções foi uma iniciativa dos editores das versões, pois estes conteúdos não faziam parte da enciclopédia em inglês, com exceção de apenas dois artigos.

No terceiro capítulo mostramos as representações que foram passadas nos conteúdos, observando a tendência a formar a cultura científica do público leitor. Aqui se evidenciaram grandes semelhanças, mas também foram enunciadas algumas diferenças importantes.

De modo geral, a ideia subjacente que se encontra nas obras é a de que ler o *Thesouro* significava estar sintonizado com o mundo moderno e, através da educação e da imersão em uma cultura científica, integrar-se a ele. Como mostramos, os conteúdos denotam como a ciência contribuiu diretamente com o desenvolvimento da civilização, do progresso material e do desejo de superação. Assim, o aprendizado do conhecimento científico estava imbricado com o projeto cultural de difusão de valores e modos de vida das nações modernas.

Destacamos que se passa a ideia de que a ciência e a tecnologia, ligadas ao progresso e à civilização, se conectam diretamente com a concepção de vidas mais “fáceis e felizes”, estando presentes nas ações mais cotidianas, como vestir nossas roupas todos os dias, e até nas mais complexas, como tirar um raio X.

Dessa forma, embora nem todas as seções tenham relação direta com temas científicos ou tecnológicos, em geral, essas representações percorrem grande parte dos conteúdos. Mostramos isso, por exemplo, ao indicarmos que a maioria dos artigos repetidos na seção *homens e mulheres célebres* refere-se a cientistas e outros

profissionais como engenheiros e exploradores. Aqui se passa também a noção de que as descobertas e os avanços da ciência “não têm pátria”, favorecem toda a humanidade, vão além das fronteiras nacionais.

Por outro lado, vimos como uma parte importante dos conteúdos de *Cousas que podemos fazer* tenta desenvolver nos leitores habilidades intelectuais e práticas ligadas à ciência, como o desenvolvimento de experiências, a construção de aparelhos de medição e observação, e até os jogos de engenho e lógica que contribuiriam ao desenvolvimento de um raciocínio lógico e metódico, próprias do pensamento científico. Em outras seções como *O livro da Terra* ou *O Livro da Natureza* (para ambas as versões), sugere-se que as crianças realizem pequenas experiências para comprovarem a lei ou a teoria que está sendo explicada no artigo.

Por outro lado, algumas representações se diferem. Como vimos, ao que parece, existia uma ligação a questões religiosas que pode ter sido passada desde a versão em inglês e que se mostrou mais acentuada na versão em português. Acreditamos que essa questão mereça mais atenção, podendo comportar um tema para pesquisas futuras.

Do mesmo modo, representações ligadas à identidade latino-americana são muito mais marcadas na versão em espanhol, principalmente aquelas ligadas às lutas de independência. A versão em português não evidencia este mesmo laço identitário. Também observamos que questões como a Guerra do Paraguai foram mais significativas na versão em português, com referências a esta tanto nos textos das seções *Novo Mundo* e *Bellas Ações* quanto na seção dos contos. Isso não ocorreu na versão em espanhol. Em nossa pesquisa esta análise não foi aprofundada, mas levantamos a questão para outros trabalhos, com outros focos.

Podemos afirmar que a versão em português, composta por dois volumes a menos que as versões em espanhol e inglês, adaptou a obra em função de atender ao público leitor brasileiro, pois a maioria dos artigos particulares e as adaptações feitas nos textos referem-se ao Brasil ou a brasileiros. A versão em espanhol mostrou-se mais cosmopolita, incluindo mais artigos da enciclopédia norte-americana e adaptando os conteúdos de modo que a obra ficasse atrativa para todos os países onde seria comercializada. No terceiro capítulo levantamos timidamente a questão das taxas de analfabetismo como um fator que poderia ter influenciado na quantidade de volumes e nas adaptações realizadas. Acreditamos que essa questão mereça ser desenvolvida em trabalhos posteriores, com uma análise mais profunda e cuidadosa. Não foi possível realizá-la aqui, pois sairia dos limites dos nossos objetivos propostos inicialmente.

## REFERÊNCIAS

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **História da Ciência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

AMSTERDAMSKI, Stefan. Ciência. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996. v. 33.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BAGGIO, Katia. A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. 1998. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

BARROS, J. História comparada. Da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **Revista História Social**, n 13, 07-21, 2007.

BERTONI, Lilia Ana. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas**: La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: FCE, 2001.

BORGES, Jorge Luis. El idioma analítico de John Wilkins. In: *Otras inquisiciones*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011 [1952].

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPELATO, Maria Helena. O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org). **Viagem Incompleta**: A experiência brasileira (1500-2000). 2.ed. São Paulo: SENAC, 2000.

CAZAUX, Diana. **Historia de la divulgación científica en la Argentina**. 1ª ed. Buenos Aires: Teseo; Asociación Argentina de Periodismo Científico, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n.11, 1991.

DONGHI, Tulio Halperin. **Historia Contemporánea de América Latina**. 7.ed. Buenos Aires: Alianza, 2010.

FALCON, Francisco. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.32, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a11v11n32.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2011

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Editora 34, 2004.

FERNANDEZ, S.; NAVARRO, F. (Comp.). **Scribere est Agere**. Estanislao Zeballos en la vorágine de la modernidad argentina. Rosario: Quinta Pata & Camino Ediciones, 2011.

GALVÃO, A.; LOPES, E. **Território Plural: A pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GRANGER, Gilles. Método. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992. v.21.

GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2003.

HERRAN, N.; SIMON, J. Comunicar y comparar: la historia de la ciencia ante el localismo, la fragmentación y la hegemonía cultural. **Mem. Soc.**, Bogotá, v.13, n.27, p.143-161, jul.-dic. 2009. Disponível em: <[http://memoriaysociedad.javeriana.edu.co/anexo/articulo/doc/9c5\\_MyS\\_8.pdf](http://memoriaysociedad.javeriana.edu.co/anexo/articulo/doc/9c5_MyS_8.pdf)> Acesso em: 28 out. 2011

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LIMA, Alonso Guilherme Soares. A História comparada: potencialidades e limitações. **HISTÓRIA SOCIAL**, Campinas, n.13, p.23-37, 2007. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/208/200>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

MONARCHA, Carlos. **Brasil Arcaico, Escola Nova: Ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930**. São Paulo: Unesp, 2009.

MORA, Ana María Sánchez. **A divulgação da ciência como literatura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo IV (QZ). São Paulo: Loyola, 2004.

NEVES, M.; CAPELATO, M. Retratos del Brasil: ideas, sociedade y política. In: TERÁN, Oscar (coord.) **Ideas en el siglo: Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

NOGUEIRA, Alcantara. **O pensamento filosófico de Clovis Bevilacqua**. Rio de Janeiro: Departamento Administrativo do Serviço Público, 1959.

OLIVEIRA, Bernardo J. Imaginário científico e a História da Educação. In: FONSECA, Thaís Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. A ciência e a curiosidade na enciclopédia Tesouro da juventude. In: **FILOSOFIA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO CONE SUL**, 5º Encontro, 2008, Campinas. **Anais...**

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. **Cadernos IG-UNICAMP**, v.6, n.1, p.3-56, 1996.

PRADO, María Ligia Coelho. Repensando a História comparada da América Latina. **Revista de História**, 153, p.11-33, 2005. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n153/a02n153.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

PUIGGRÓS, Adriana. **El lugar del saber: Conflictos y alternativas entre educación, conocimiento y política**. Buenos Aires: Galerna, 2003.

\_\_\_\_\_. **¿Qué pasó en la educación argentina?** – Breve historia desde la conquista hasta el presente. Buenos Aires: Galerna, 2006.

RICARDO, Maria Manuel Calvet. Breve história do acordo ortográfico. **Revista Lusófona de Educação**, v.13, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-72502009000100011&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502009000100011&lng=es&nrm=iso)> Acesso em: 18 mai. 2012

RIESCO, Leonor. El maravilloso mundo de El Tesoro de la Juventud: apuntes históricos de una enciclopedia para niños. In: **Revista UNIVERSUM**, Universidad de Talca, v.1, n.23, p.198-225, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S071823762008000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S071823762008000100010&script=sci_arttext)> Acesso em: 10 jan. 2011

ROSSI, Paolo. **Naufraágios sem espectador: A ideia de progresso**. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARTORI, G.; MORLINO, L. (Ed.). **La comparación en las ciencias sociales**. Madrid: Ed. Cast. Alianza Editorial, 1994.

SCHÖPKE, Regina. **Dicionário filosófico: conceitos fundamentais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHAPIN, Steven. Here and Everywhere: Sociology of Scientific Knowledge. **Annual Reviews Inc.**, v.21, p.289-321, 1995. Disponível em: <[http://www.fas.harvard.edu/~hsdept/bios/docs/shapinHere\\_and\\_Everywhere\\_1995.pdf](http://www.fas.harvard.edu/~hsdept/bios/docs/shapinHere_and_Everywhere_1995.pdf)> Acesso em: 2 mai. 2011

SILVA, Catarina Capella. **O mundo científico ao alcance de todos: a revista *Ciência Popular* e a divulgação científica no Brasil (1948-1960)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SILVA, S.; OLIVEIRA, B. A formação do imaginário científico no Tesouro da Juventude. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais...**

SONZOGNI, Élida. Una propuesta esditorial para la modernidad: el Tesoro de la Juventud o Enciclopédia de Conocimientos de la Editora W. M. Jackson. In: FERNANDEZ, S.; NAVARRO, F. (Comp.). **Scribere est Agere**. Estanislao Zeballos en la vorágine de la modernidad argentina. Rosario: Quinta Pata & Camino Ediciones, 2011.

SOUSA, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucila Almeida. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente - da proclamação da República à Revolução de 1930**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

TERÁN, Oscar. **Vida intelectual en el Buenos Aires de fin-de-siglo (1880-1910)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000a.

\_\_\_\_\_. El pensamiento finisecular (1880-1916). In: LOBATO, Mirta Zaida. **El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Ideas en el siglo: Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

\_\_\_\_\_. **Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales. 1810-1980**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

VARELA, Mirta. **Los hombres ilustres Del Billiken**. Buenos Aires: Colihue, 1994.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VELLOSO, Monica. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucila Almeida. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente - da proclamação da República à Revolução de 1930**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VIDAL, Diana; ASCOLANI, Adrián. (Org.). **Reformas educativas no Brasil e na Argentina: Ensaio de história comparada da educação (1820-2000)**. São Paulo: Cortez, 2009.

VOGT, C.; POLINO, C. **Percepção pública da ciência: Resultados da Pesquisa da Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

VOGT, Carlos *et al.* **Cultura científica**: Desafios. São Paulo: Edusp, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu**: A retórica do poder. São Paulo: Bomtempo, 2007.

YEO, Richard. **Encyclopaedic visions**: Scientific Dictionaries and Enlightenment Culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Reading Encyclopedias: Science and the Organization of Knowledge in British Dictionaries of Arts and Sciences, 1730-1850. **Isis**, v.82, n.1, p. 24-49, 1991.